

Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 24 de Agosto de 1995 • Preço: 150\$00 (IVA incluído) • N.º 1133 • Director: Carlos Brito

Carlos Carvalho na Costa da Caparica

O "faz de conta" do PS e do PSD



Centrais

PCP HOJE apresenta Programa Eleitoral

Agenda



A vaga de incêndios florestais

• Nota da Comissão Política

Pág. 5

Aqui há fantasmas

• Agostinho Lopes

Pág. 9

Viagens em Inglaterra

• Manoel de Lencastre

Pág. 8

Só faltam 8 dias para a festa

Tá quase...



- Transportes
- Artesanato e gastronomia

- Atalaia
 - Juventude CDU
 - Corrida da Festa
- mais de 1000 inscrições

da festa!





Comício da CDU na Caparica

RESUMO

16
Quarta-feira

Os Ministros das Finanças e da Indústria garantem a privatização de sectores da Siderurgia Nacional ainda durante este mandato ■ A Câmara Municipal do Porto e a Aliança UAP fundam empresa para comprar as acções do Coliseu do Porto ■ A Câmara Municipal de Grândola exige reunião urgente com o Ministro das Obras Públicas na sequência da não aprovação da auto-estrada do litoral alentejano ■ A construção da barragem de Foz Côa está de novo parada devido à descoberta de uma possível basílica cristã do século VI, no Vale de Côa ■ Em São Tomé e Príncipe realiza-se uma conferência de imprensa, nas instalações do Ministério da Defesa, em que o Subtenente Almeida anuncia oficialmente a demissão do Presidente Miguel Trovoada e do Governo.

17
Quinta-feira

A Soporcel regista cem mil contos de prejuízos devido aos incêndios verificados por todo o país ■ A CGTP-IN revela que desde 1994 foram eleitas 104 Comissões de Trabalhadores em diversos sectores profissionais ■ A Associação ambientalista Quercus põe em tribunal uma acção de protesto contra a construção da incineradora de resíduos industriais, em Estarreja ■ Uma explosão junto ao Arco do Triunfo, em Paris, atribuída a terroristas islâmicos, faz 16 feridos, um deles português ■ O Ministro da Defesa da Colômbia é preso, acusado de usar dinheiro de negócios escudados na sua campanha eleitoral ■ A assinalar o 50º aniversário de independência da Indonésia, um grupo de jovens timorenses ocupa o recinto da Embaixada, em Madrid, e manifesta-se a favor da independência para Timor-Leste.

18
Sexta-feira

O Presidente da Associação Nacional das Indústrias de Madeira, Alberto Mesquita, explica o aumento dos fogos: «pouco dinheiro para a prevenção, matas desordenadas e por limpar e o desaparecimento de guardas florestais» ■ O Presidente de São Tomé e Príncipe, Miguel Trovoada, é libertado pelos militares são-tomenses e retoma as suas funções ■ A pena de 20 anos a ser cumprida por Xanana Gusmão é reduzida em 3 meses ■ Os independentistas tchetchénos ameaçam suspender as negociações de paz com Moscovo, se as tropas russas não pararem os bombardeamentos ■ Os Estados Unidos e a Jordânia iniciam manobras militares no deserto, a sul de Amã, em resposta ao movimento militar iraquiano.

19
Sábado

Carlos Carvalhas participa num comício-festa, na Costa da Caparica. Na mesma noite, em Faro realizam-se

comícios do PS e PSD ■ A Liga para Protecção da Natureza denuncia ao Parlamento Europeu as infracções na construção da ponte Moscavidem-Montijo e exige que a Comissão Europeia suspenda o financiamento concedido para a sua construção ■ Têm início os Campeonatos Nacionais de futebol da I e da II Divisão de Honra ■ Dezenas de Pessoas, incluindo sobreviventes da bomba atómica, manifestam-se em Hiroxima contra os ensaios nucleares chineses ■ O enviado americano para a ex-Jugoslávia, Robert Frasure, morre a caminho de Sarajevo, vítima de um acidente de viação.

20
Domingo

Agricultores e proprietários florestais de Coimbra exigem do Governo indemnizações pelos prejuízos causados pelos fogos no concelho ■ Os descendentes dos escravos que trabalharam para os nazis rejeitam as indemnizações propostas por uma empresa industrial da época ■ O imã de uma mesquita do Kasbah de Argel, Salah Buteine, é assassinado por um comando islamita no interior do templo ■ O desenhador e escritor italiano Hugo Pratt morre numa clínica perto de Lausana, na Suíça.

21
Segunda-feira

O PCP realiza uma conferência de imprensa alertando para a situação criada pela vaga de incêndios e apresenta um conjunto de medidas que o Governo deveria levar à prática para controlar a situação ■ Produtores de carne queixam-se da queda dos preços e da falta de fiscalização que permite a importação de carne de segunda vinda do estrangeiro ■ José Dirceu assume a liderança do Partido dos Trabalhadores, do Brasil, que foi dirigido durante 15 anos por Luís Lula ■ A Assembleia Nacional aprova decreto-lei que amnistia os militares e devolve os poderes ao Governo e ao Presidente da República ■ Helmut Kohl recebe, em Bona, António Guterres ■ Um ataque bombista em Jerusalém provoca 5 mortes e uma centena de feridos.

22
Terça-feira

Carlos Carvalhas participa, em Peniche, numa iniciativa da CDU, almoçando com pescadores e passando de barco. Na oportunidade, o dirigente comunista apontou a necessidade de uma nova política de pescas «dirigida para a modernização da frota e não para o seu abatimento» ■ O BPI considera que as próximas eleições agravam risco de inflação ■ António Guterres, após visita a Helmut Kohl, elogia o papel da Alemanha na integração europeia de Portugal ■ Miguel Trovoada retoma as funções de Presidente da República de S. Tomé e Príncipe, discursando pela rádio e acusando os militares de terem levado a cabo o golpe com intuito de interferir nas próximas eleições presidenciais ■ Israel e a OLP retomam as negociações de paz, após uma pausa de 24 horas.

EDITORIAL

O fogo de artifício

A prática de encerrar os seus mais importantes comícios com fogo de artifício parece ser uma das mais salientes inovações que o PS traz para a presente campanha eleitoral.

Diga-se desde já que esta é, sem dúvida, uma inovação cheia de coerência.

Pois não é a procura de artifícios para impressionar e deslumbrar o eleitorado aquilo que mais tem marcado a longa pré-campanha do partido de António Guterres?

Lembremo-nos das pomposas denominações que foram lançadas para traduzir iniciativas que a vida já demonstrou que não tiveram nada do alcance com que foram apresentadas, como os chamados «estados gerais», com muitos «independentes» que depois de usados já ficaram pelo caminho ou o propagandeado «contrato de legislatura» que já cedeu o lugar à definição de «uma linha de governo» essencialmente idêntica à seguida por Cavaco Silva, de modo mais notório, no plano económico, financeiro e da integração europeia, e por consequência no plano social também.

O que é a propaganda da «nova maioria» senão puro fogo de artifício para encantar os eleitores mais desprevenidos ou mais ambiciosos convencendo-os de que já há aquilo que provavelmente nunca haverá?

É claro que temos o maior apreço pela criatividade e a inovação no discurso político e pela procura das formas mais sugestivas de transmitir as preocupações e as mensagens inerentes aos ideários das forças em disputa.

Há, no entanto, que prevenir os eleitores para formas de propaganda que lembram o «conto do vigário».

As diferentes modalidades de fogo de artifício têm servido ao PS para fugir à abordagem de questões polémicas no país ou iludir as suas posições de fundo mais anti-populares, como a aprovação que tem dado ao processo das privatizações e à concentração bancária e monopolista ou à contenção salarial e à liberalização da legislação do trabalho.

Diga-se, no entanto, que esta tendência para transformar a campanha eleitoral em puro espectáculo de fogo de artifício não é só apanágio do PS.

O PSD não quer e não faz outra coisa e é isso que o PP deseja.

O que se lamenta é que, também neste ponto, o PS tenha cedi-

do à vontade da classe e dos interesses dominantes que não querem que, na campanha eleitoral, os problemas do país sejam minimamente discutidos e aprofundados e que se ventilem para eles soluções que ponham em causa o «statu quo».

É claro que a comunicação social estando, praticamente toda ela, ao serviço destes interesses dominantes, procura promover o mais que pode o puro espectáculo e reduzir todo o debate à bipolarização PSD-PS, cumpridos em semelhantes soluções de governo, em todas as questões essenciais, com algumas aberturas ao PP, que também partilha deste grande cumprimento de classe.

Neste quadro, que tem vindo a agravar-se à medida que se desenvolve a pré-campanha, corre-se o risco de ver perdida uma soberana ocasião para um grande debate nacional sobre as ameaças que impendem so-

O que se lamenta é que, também neste ponto, o PS tenha cedido à vontade da classe e dos interesses dominantes que não querem que, na campanha eleitoral, os problemas do país sejam minimamente discutidos e aprofundados e que se ventilem para eles soluções que ponham em causa o «statu quo».

bre o nosso presente (tão visíveis na agricultura, nas pescas, na indústria, no comércio, no emprego) e sobre a construção do futuro do nosso país.

Mais ainda, importa denunciar com grande vigor todas as discriminações e silenciamentos chocantemente antidemocráticos de que está a ser objecto, na comunicação social, a voz discordante do PCP.

As propaladas iniciativas de debate bipolar Nogueira-Guterres atentam frontalmente contra o princípio básico democrático da igualdade de condições para as diferentes candidaturas, são artificialmente mutiladoras das opções partidárias propostas ao eleitorado e partem do falso pretexto das candidaturas a primeiro-ministro que é coisa que a Constituição desconhece.

É uma evidência que os comunistas não aceitarão o bloqueio do debate, nem dele serem excluídos, e que em todas as circunstâncias

avançarão com as suas propostas para as soluções dos problemas de Portugal e dos portugueses e para a reclamação de condições de igualdade de tratamento nas instâncias públicas, de comunicação social e outras, onde se desenrolarem actos de campanha eleitoral ou dela preparatórios.

Aos artifícios e malabarismos dos que querem fugir ao debate dos problemas nacionais e iludir as verdadeiras opções que preconizam para eles, o PCP apresenta uma resposta frontal ao divulgar, hoje à tarde, o seu Programa Eleitoral.

Chama-se este programa do PCP, num propósito claro de enfatizar a diferença: «Uma nova política, uma política de esquerda para Portugal.»

O «Avante!» dará no próximo número e nos próximos números uma ampla informação do Programa Eleitoral do PCP.

Salientemos, por agora, e como incentivo ao conhecimento do texto que vai ser lançado, que nele o PCP apresenta «uma perspectiva nacional e de esquerda para alcançar a efectiva modernização e o desenvolvimento acelerado do país. Uma perspectiva que assume a defesa dos direitos e dos interesses dos trabalhadores e das outras camadas laboriosas como objectivo fundamental e, simultaneamente, condição básica para a mobilização social e política para o desenvolvimento. E que afirma o papel estratégico que nele desempenham a educação e a ciência e a tecnologia».

O programa traduz de forma muito concreta esta perspectiva na proposta da política de esquerda para Portugal, compreendendo cinco grandes direcções:

«1. Desenvolver a economia, travar os processos destrutivos e promover o emprego; 2. Melhorar as condições sociais e o ambiente, como objectivos e factores de desenvolvimento; 3. Promover a educação, a ciência e a cultura; 4. Assegurar a liberdade, concretizar uma reforma democrática do Estado e aprofundar a democracia; 5. Lutar por um Portugal de Progresso e Justiça, Aberto ao Mundo e por um Novo Rumo na Integração Europeia.»

Em vez do fogo de artifício com que outros pretendem enganar o eleitorado, o PCP lança ao debate e aponta ao país as grandes ideias para ultrapassar a presente encruzilhada e para a construção confiante do nosso futuro colectivo.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Socio Pereira Gomes
— 1699 Lisboa CODEX, Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Socio Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex: 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7º-A, 1100 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matriculada: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7º-A,
— 1100 Lisboa
Tel. (01) 815 34 87 / 815 35 11
Fax: 815 34 95

Aletrações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira:
Tel. (01) 815 34 87 / 815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTA PRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rota — Linbó — 2710 Sintra
Tel. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B L. 227 — 4470 Maia
Tel. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7º-A, 1100 Lisboa
— Tel. (01) 815 34 87 / 815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90-7º-A, 1100 Lisboa
— Tel. (01) 815 34 87 / 815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Continentes e Regiões Autónomas)
50 números: 6 750\$00;
25 números: 3 487\$50

ESPAÑA
50 números: 13 300\$00

EUROPA
50 números: 24 750\$00

GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE E MACAU
50 números: 26 650\$00

EXTRA-EUROPA
50 números: 39 950\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____ Telef. _____

Morada _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

Miguel-Ninguém

Ao ler-se a peça rancorosa (isto para ser benigno) que Miguel Sousa Tavares perpetrou, no «Público» de 18.8.95, contra o PCP, apetece parafrasear Garrett do «Frei Luís de Sousa e começar assim:

«Miguel, Miguel, quem és tu? - Ninguém!»

Na verdade este impenitente «romeiro» do anticomunismo inicia o seu ataque sentenciando: «Acontece com o PCP o pior que pode acontecer a um partido político: já ninguém repara nele.»

Ora logo a seguir se vê que este Miguel-Ninguém não só repara, e de que maneira, no PCP, mas que até está enormemente incomodado e preocupado ao dar-se conta de que «o PCP tem ainda hoje uma base residual de eleitores e militantes que não é desprezível» e nem sequer consegue esconder a angústia de que esta base possa aumentar nas próximas eleições.

É contra esta «base residual» e a possibilidade do seu crescimento que Miguel Sousa Tavares, sabe-se lá em nome de que patrocínio, investe com insolência, caricaturando, deformando e insultando o PCP e os seus dirigentes.

A raiva das suas palavras é, no entanto, o melhor desmentido da sua tese. Pois (agora

dizemos nós), ninguém ataca com tanta exaltação sectária um partido «que agoniza».

O jornalista da SIC não teve, aliás, qualquer preocupação de coerência, de verdade ou objectividade, julgou na sua petulância ter feito uma peça arrasadora. Uma tristíssima figura foi o que fez!

Lá diz o provérbio que «o atrevimento e a arrogância tiveram duas filhas: a insensatez e a ignorância».

Consideremos, ainda assim, apesar deste espaço reduzido, alguns dos mais retumbantes absurdos da peça miguelista.

Diz ele que «em dez anos de cavaquismo, o PCP não liderou, não inspirou, nem sequer acompanhou a oposição civil ao regime». Só para rir...

A do regime é asneira evidente, mas pode ser gralha, a frase toda é uma colossal deturpação da história.

Miguel insiste, no entanto, com aquela teimosia própria das pessoas do seu género, afirmando que o PCP «não adivinhou, nem acompanhou a tempo um só dos momentos da revolta da sociedade».

Ó homem, apesar das discriminações e dos silenciamentos dos seus programas em

relação aos comunistas, o país inteiro conhece o papel do PCP nas grandes lutas dos trabalhadores, do povo e da juventude, como as da Ponte 25 de Abril, da Manuel Pereira Rolão, das propinas e de tantas outras que ficaram na memória das pessoas e puseram em cheque o cavaquismo.

Além disso, é a si e à sua ligeireza que deve acusar se não conhece as ideias e as propostas do PCP no domínio da saúde, do ensino, da segurança social, da reestruturação do Estado ou da revisão do Tratado de Maastricht.

Nós achamos piada que Miguel Sousa Tavares tenha pretendido apoucar o PCP chamando-lhe «partido fantasma». Vê-se que não conhece o Manifesto Comunista e a famosa frase com que principia: «Anda um espectro pela Europa - o espectro do comunismo.»

Como se vê, em matéria de fantasmas os comunistas estão à vontade.

Não Miguel Sousa Tavares que pelos vistos sonha com eles. Por que dorme mal? Não seguramente por abusar das sardinhas e das febras que o seu instinto de classe abomina. Porquê então?

■ Carlos Brito

O Totovoto

Após a pré-campanha eleitoral, sob aparências dum reforço da cobertura mediática, está a promover crescentemente uma desmobilização da intervenção cívica e o desinteresse do eleitorado.

Os debates e discursos são esvaziados de propostas e ideias. As opções políticas são apresentadas como escolhas entre pessoas e não entre programas, objectivos, propostas, estratégias, interesses de grupos, camadas e classes sociais. O eleitor é tratado não como cidadão mas como consumidor.

A principal responsabilidade deste esvaziamento cabe ao PSD e PS. Auto-proclamam-se como únicas alternativas mas copiam-se nas propostas, no discurso, na imagem. Apresentam em coro as desigualdades sociais e a política (de direita) como opção inevitável imposta pela indispensável modernização da sociedade. Transformam as eleições num ritual esvaziado de sentido político, uma espécie de «jogos sem fronteiras» com o cidadão passado à condição de espectador passivo, reduzido a seguir as pontuações atribuídas pelos júris dos órgãos de comunicação social e convidados a jogar no «Totovoto» para adivinhar quem ganha as eleições.

O último fim-de-semana, com «o duelo» dos comícios do Pontal e a sua cobertura mediática, foi disso uma demonstração.

É se o PCP não entra nesses jogos?

É porque «nem sequer acompanhou a oposição civil ao regime», como ralhó Miguel Sousa Tavares numa coluna cerrada de 70 e tantas linhas zurzindo, no passado dia 18, o que certamente por lapso no seu rigor jornalístico chamou «o partido fantasma» (atenção: o Copyright é de Marx).

Poder-se-ia, sem ironia, devolver-lhe a afirmação de que «nada é mais previsível, nada é mais desesperantemente igual e repetitivo do que o discurso»... contra o PCP, incluindo agora o de MST. Mas deve reconhecer-se que, nesse dia, MST escreveu visivelmente abaixo das suas possibilidades. Usou chavões demasiado banais, gastos, de mau gosto, surpreendentemente contrastantes com a sobrançeria intelectual que marca os seus tiques de classe. O que talvez se explique pela «modorra política deste verão», como finamente anota no seu escrito.

Também assim se promove a passividade social e a abstenção cívica, se abafa o protesto social e a intervenção política. Também assim se contribui para reduzir o confronto nos «media» a pequenos círculos de confrangedoras familiaridades (ó António, ó Miguel, ó Paulo), e para justificar a exclusão de quem não tenha «imagem mediática» - condição para ter acesso às TVs, evidentemente.

Mas cuidado: lá fora, o «partido fantasma» continua a rondar. Não entra no «Totovoto», mas terão de contar com ele.

■ Aurélio Santos

SIDA

A frequência e a simpatia com que várias figuras conhecidas aparecem nos órgãos de comunicação social, especialmente no Verão, a recomendar a utilização do preservativo, aparece aos olhos de muita gente como «mais uma» campanha de um género que está na moda, sendo acompanhada num estado de espírito que oscila entre a benevolência e a (gostosa) desatenção estival.

E todavia o caso é para ser levado a sério.

A evolução da epidemia da SIDA em Portugal constitui, na realidade, motivo de preocupação.

Atente-se no número de notificações de casos de SIDA, conforme consta do boletim da Comissão Nacional de Luta contra a SIDA - 2.572 entre Janeiro de 1983 e 30 de Junho último - e no sensível aumento por ano de diagnóstico, com 86% dos casos desde 1990. E

observe-se a evolução do número de óbitos por VIH/SIDA na década de 1985 a 1994, segundo dados recolhidos pela Direcção Geral de Saúde, que apesar das insuficiências de registo nos primeiros desses anos, aponta no mesmo sentido: dos 2.098 óbitos registados, 89% verificaram-se desde 1990, na segunda metade dessa década.

O alerta é iniludível: a epidemia encontra-se em fase crescente no nosso país.

O facto da transmissão parentérica associada à toxicoddependência constituir actualmente no nosso país a principal forma de transmissão do vírus da imunodeficiência humana (VIH) e o facto, ainda, do número de óbitos por VIH/SIDA por cem mil habitantes ter expressões mais elevadas nos distritos de Lisboa, Setúbal e Faro, necessitam de acompanhamento atento. E acompanhada precisa de ser também a evolução da situação em países com os

quais existem extensos contactos, como a vizinha Espanha, onde o balanço de casos de SIDA ultrapassa os 32 mil, ou da África sub-Sahariana onde existem situações muito graves.

Compreender que a SIDA impõe um combate integrado, no plano da política de saúde e num domínio social muito vasto, é fundamental.

A necessidade de criação, para todos aqueles que já estão infectados pelo VIH, de melhores e mais humanizados cuidados de saúde e de condições para que tenham uma vida inserida num contexto social o mais normal possível, constitui obviamente uma questão prioritária.

Como tem igualmente prioridade de procurar impedir a propagação de uma doença para a qual não foi encontrada ainda cura. Sem dúvida através da informação, e da recomendação e facilitação do uso

do preservativo. Com a adopção, também, de medidas preventivas especiais em relação à toxicoddependência e a outros comportamentos de risco. Mas não desligando esses domínios de intervenção da acção noutros elos do problema, que se prendem com a acentuada degradação da situação social e das condições de vivência actuais - agravamento da toxicoddependência, desemprego, exclusão social, stress, insegurança, promiscuidade, violência...

Tudo se liga com tudo, evidentemente.

Uma nova política, uma política de esquerda, quer no domínio da saúde quer das questões sociais, mas sobretudo da vida no seu conjunto e da sua qualidade, é a resposta integrada que o PCP sustenta face aos problemas do Portugal de hoje.

■ Edgar Correia

ALEMANHA

O peso pesado da Europa

Há muito que a Alemanha tem sido, sobretudo graças ou a coberto do «eixo franco-alemão», um dos motores da chamada construção europeia. Procurava manter um perfil baixo, tanto por constrangimentos externos como por conveniência táctica. Mas nos últimos anos acontecimentos maiores alteraram o *status quo* - o desaparecimento da URSS e dos regimes socialistas do Leste, a anexação da RDA, o campo aberto para a expansão de uma nova *Ostpolitik*. Com mais de 80 milhões de habitantes, a Alemanha agigantou-se de súbito aos seus parceiros, representando sozinha entre 1/5 e 1/3 da população, da produção, das exportações, das reservas de divisas de toda a UE. A expansão a Leste permitiu à indústria e capitais alemães conquistar rapidamente uma clara supremacia: do total das exportações da UE para Leste, cabem à Alemanha 63% na República Checa, 59% na Eslováquia, 54% na Hungria, 50% na Polónia, 39% na Roménia, 33% na Bulgária. Eslovénia e Croácia são já seus satélites. Quanto aos investimentos, são alemães 1/4 do total de capitais mundiais aplicados no Leste, e mesmo na Rússia a Alemanha se avanta aos próprios EUA. Explica-se a impaciência de Bona em apadrinhar o rápido alargamento ao Leste, zona de influência já «sua» que lhe acresce o seu peso específico no seio da UE e assim também lhe permite reforçar o domínio a Oeste. A França já «deu por isso», e daí Chirac' começar a esbracejar.

O desígnio hegemónico da Alemanha expressa-se já claramente no 1º documento, de meados de 94, da CDU/CSU sobre a preparação do Maastricht II. A afirmação brutal da vontade federativa sob o governo de um núcleo duro suscitaram receios e reticências. Mas no 2º documento, em meados deste ano, se limaram essas formulações incómodas, mantiveram inalterável a substância. Nomeadamente com a insistência crucial do abandono da regra de unanimidade quanto à PESC e à segurança, impondo o voto por maioria qualificada dupla (de países e de populações). Como conta o *Die Zeit*, o principal porta-voz de Kohl para a política externa, Karl Lamers, resumiu assim a actual postura de Bona quanto à revisão da construção europeia: «Devemos tomar as coisas em nossas mãos, mas sem que ninguém se aperceba.» E o mesmo Lamers, em entrevista a *Der Spiegel*, ameaça que se não conseguirem que os parceiros alinhem, «poderemos ver-nos obrigados a resolver sozinhos os problemas de que a Europa não tomou conta».

Não se trata de palavras vãs, mas de práticas já aplicadas. Como recorda Georges Valance no seu *Os donos do mundo*, p. 233-5, foi já em 19/12/91, apenas 9 dias após a cimeira de Maastricht e 2 dias após o compromisso europeu sobre a solução negociada da questão jugoslava (Comissão Badinter), que Bona decidiu unilateralmente impor a sua vontade em dois domínios distintos. O Bundesbank eleva as suas taxas de juro ao nível mais alto desde 1948, ao arripio das injunções europeias. E Bona anuncia que reconhecerá sozinha a Eslovénia e a Croácia «antes do Natal», o que efectivamente fez dando assim o golpe decisivo para o desmantelamento da Jugoslávia e forçando a mão a toda a UE. Como justamente comentou então o editoralista do *Le Monde*, «reaparece na cena europeia e internacional um *caid* alemão que apenas faz o que lhe apetece».

Novo passo de auto-afirmação é dado em 30/6/95 com a decisão de intervir no conflito bósnio com unidades de combate, fora do seu país e da própria «zona Nato». Decisão esta saudada pelo *Handelsblatt*, porta-voz do grande capital alemão, dizendo que ela «marca o começo de uma nova era», porque «um país que ocupa uma posição dominante no quadro do processo de integração europeia, (...) um país cujo governo pretende torná-lo membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, não pode permitir-se desempenhar um papel menor» - mesmo no domínio militar...

A Alemanha é já hoje o peso pesado da Europa. Está ganhando «aos pontos» a todos os seus parceiros e preparando-se para no futuro poder «pôr KO» qualquer adversário. O gigante ambicioso que é a Alemanha não pode nem deve tornar-se onipotente. Os outros países da Europa, todos os pesos médios e leves da UE, sobretudo os seus povos, incluindo o alemão, todas as forças de esquerda e progressistas da Europa, podem e devem dominar o novo Gulliver e impor à construção da Europa outro rumo, de paz e cooperação em pé de igualdade de todos os Estados soberanos, no interesse dos trabalhadores e dos povos e não dos lucros e estratégias das transnacionais.

■ Carlos Aboim Inglez

A CDU de Aveiro e a discriminação da SIC

A propósito do recente «frente-a-frente» promovido pela SIC com a participação de Carlos Candal (PS) e Paulo Portas (CDS/PP), a Candidatura de Aveiro da CDU enviou àquela estação de televisão - com conhecimento à Comissão Nacional de Eleições - uma carta em que começa por expressar o veemente protesto pela discriminação que representa para as várias forças políticas concorrentes à eleição de deputados à Assembleia da República pelo círculo eleitoral de Aveiro, nomeadamente para a CDU e a sua cabeça de lista, Dr.^a Manuela Silva, a realização do debate entre os

primeiros candidatos de apenas dois de entre todos os partidos e coligações que se apresentam no Distrito.

Sublinhando a «flagrante violação do princípio, expresso na Lei, do tratamento equilibrado entre as diferentes candidaturas por parte da comunicação social», a CDU de Aveiro afirma que, «mais do que o confronto de personalidades e de estilos verbais, o que está efectivamente em causa é a discussão da situação actual dos portugueses e das diversas propostas existentes, para que o eleitor possa julgar, formar opinião e votar em consciência.»

Falta a água no Concelho de Almeida

O deputado André Martins, cabeça de lista da CDU pelo Distrito da Guarda, após uma visita ao concelho de Almeida durante a qual manteve encontros com os Presidentes da Câmara e Junta de Freguesia, reafirmou a sua convicção de que «a política seguida pelo PSD nos últimos dez anos agravou ainda mais as dificuldades sentidas pela população do Distrito», as quais se reflectem, entre outros aspectos, no despovoamento da região, na falta de incentivos à juventude, na

desertificação dos campos e, finalmente, na irresponsabilidade quanto às exigências de prevenir o abastecimento de água. Quanto a este último aspecto, aquele deputado e candidato às próximas eleições legislativas anunciou ter enviado requerimentos aos Ministérios do Ambiente e Saúde exigindo «o assumir de responsabilidades e a tomada de medidas para que o abastecimento público de água seja garantido e prevenidos quaisquer problemas para a saúde pública.»

Festa-Convívio da CDU na Nazaré

Algumas centenas de pessoas apoiaram as propostas da CDU na Festa-Convívio da passada sexta-feira na Nazaré, que levou àquela vila o cabeça de lista pelo Distrito de Leiria, José Augusto Esteves, e Henrique de Sousa, do Secretariado do CC do PCP. Na ocasião, Frederico Canoco Martins, candidato natural da Nazaré, denunciou a política do Governo/PSD para o sector das Pescas «que, ainda há bem pouco tempo tinha um papel de relevo na economia» do concelho, garantindo o sustento de milhares de pessoas, e agora «está confinada a pouco mais de 400 pescadores» que não conseguem garantir meses a fio o valor de um salá-

rio mínimo nacional. Industrial de hotelaria, Frederico Canoco Martins abordou, ainda, a problemática do turismo, defendendo, entre outras medidas, «a elaboração de um Plano Regional de Turismo e a execução de um plano de recuperação do património cultural e natural».

A terminar o convívio, Henrique de Sousa adiantou que, nas próximas eleições, «não basta derrotar a direita», é «necessário ao país o reforço dos votos na CDU», referindo ser esta «uma oportunidade decisiva para correr do poder os que lá estão há 16 anos e que conduziram o país ao estado em que se encontra».

Campanha Nacional de Fundos Évora atinge 60% da meta

O balanço efectuado pela Direcção Regional de Évora do PCP indica que foram atingidos 59,60% da meta distrital da Campanha Nacional de Fundos dos 150 mil contos.

Seis concelhos ultrapassaram já os 50 por cento dos objectivos estabelecidos, destacando-se o trabalho dos comunistas de Portel que atingiram 136%.

Estes dados são contudo provisórios porque vários concelhos têm dinheiro para entregar, nomeadamente

Montemor-o-Novo que se propõe reunir e entregar até final deste mês 80% da sua meta.

Para estes resultados animadores muito contribuíram as duas festas do Partido, dois peditórios porta-a-porta e numerosas abordagens bem sucedidas.

No concelho de Arraiolos, um simpatizante do Partido adquiriu dois cupões no valor de 10 mil escudos cada. No Sabugueiro, está marcado um porta-a-porta, enquanto em Portel uma



festa do Partido permitiu à organização local ultrapassar a meta, tal como acima referimos.

Apesar do período de férias, os comunistas do distrito de Évora estão empenhados na campanha de modo a cumprirem integralmente a meta até ao final do ano.

Hospital do Barreiro Inspeção detecta irregularidades

Segundo um inquérito concluído há meses pela Inspeção-geral de Saúde, e cujos resultados têm sido ocultados da opinião pública, terão sido detectadas graves irregularidades no hospital do Barreiro, nomeadamente um «buraco» de 100 mil contos.

A Comissão Concelhia do PCP recorda que há muito vem denunciando o comportamento da Administração, em particular do seu director. Designadamente os comunistas do Barreiro têm apontado «a farsa dos concursos de pessoal em que basta ser do PSD para ganhar os mesmos»; deficiências no funcionamento dos órgãos de coordenação técnica, designadamente da Comissão Médica e do Conselho Técnico que estiveram «vários anos sem funcionar e o próprio Conselho Geral raramente reuniu».

Por outro lado, o quadro de pessoal nunca foi afixado e o ambiente de trabalho «é marcado por situações de má-fé em relação aos trabalhadores, perseguição, constantes atropelos à legalidade e falta de condições de trabalho o que tem motivado a saída de médicos, enfermeiros e outros funcionários».

A juntar a tudo isto não é cumprida a legislação sobre higiene e segurança no trabalho, não existe um regulamento interno no hospital, continuando desconhecidos os resultados dos inquéritos acerca do exercício da medicina privada pelo director e sobre os lixos do Hospital S. Francisco Xavier que eram tratados naquela unidade hospitalar.

O PCP refere ainda o funcionamento da morgue «cada vez mais

enublado pelos fumos de corrupção», bem como os concursos para a privatização de serviços, caso da incineradora e da lavandaria.

Todas estas situações foram anteriormente denunciadas na Assembleia da República pelos deputados do PCP, tendo sido ainda aprovadas moções na Assembleia Municipal do Barreiro responsabilizando o Ministério da Saúde pela consequente degradação dos serviços e exigindo as medidas necessárias ao bom funcionamento do Hospital.

A Concelhia insiste agora na necessidade da realização de um rigoroso inquérito a toda a gestão do Hospital através do qual «sejam de uma vez por todas apuradas as responsabilidades», que devem passar pela «demissão da Administração».

CAMARADAS FALECIDOS

Funeral de Carlos Pinhão em Alpiarça

Faleceu, na passada quinta-feira, dia 17 de Agosto, o camarada Carlos Pinhão, que contava 69 anos de idade e era militante do PCP há praticamente 50 anos.

Carlos Pinhão, que esteve preso durante três anos, desenvolveu intensa actividade no MUD Juvenil, de que foi um dos fundadores, no MUD, assim como no Movimento de Oposição Democrática (MOD).

Foi membro do Comité Local de Alpiarça do Partido, sendo funcionário na clandestinidade entre 1961 até 1971.

Entre 1961 e 1963 integra o Comité Local do Porto, passando depois, entre 1965 a 1966, a pertencer ao organismo responsável da Margem Sul do Tejo. De 1966 a 1971 é membro da DORN tendo sido entretanto cooptado pelo Comité Central do Partido, em 1966, onde se mantém até 1971, ano em que sai do quadro de funcionários para se fixar em França, continuando aí a realizar tarefas partidárias.

Após o 25 de Abril de 1974 é chamado à Comissão Concelhia de Alpiarça e, pouco tempo depois regressa de novo ao quadro de funcionários do Partido e à Direcção da Organização Regional Oeste e Ribatejo.

No 8º Congresso do PCP, é eleito para o Comité Central, órgão de que faz parte até 1988.



Actualmente era membro da Comissão Concelhia de Alpiarça e da Direcção Regional de Santarém.

No seu funeral, realizado na passada sexta-feira em Alpiarça, participaram centenas de pessoas, entre os quais se encontravam os membros do Comité Central Albano Nunes, Joaquim Gomes, Jaime Serra, Dias Lourenço, Aurélio Santos, José Vitoriano, Carlos Brito, Eugénio Pisco, Armando Rodrigues, Jorge Ferreira e outros membros da Comissão Executiva da DORSA; Saul Fraga e outros membros da DORLEI; Raimundo Cabral, da DOREV; os presidentes das Câmaras de Alpiarça e Benavente, respectivamente Raul Figueiredo e José Ganhão; representantes dos presidentes das Câmaras de Coruche e Chamusca; a cabeça de lista da CDU pelo círculo de Santarém, Luísa Mesquita.

Carlos Brito, no discurso que proferiu na altura em nome da direcção do Partido, salientou:

«Acompanhamos hoje à sepultura um grande homem, um bom amigo, um camarada exemplar, um verdadeiro comunista - Carlos Pinhão.

Foi toda uma vida inspirada pelos grandes ideais do socialismo e do comunismo e da luta determinada e corajosa por esses ideais, incluindo nas situações de maior sacrifício.

Membro do PCP desde

os 20 anos de idade (tinha neste momento quase meio século de militância), Carlos Pinhão conheceu as prisões fascistas durante 3 anos e lutou cerca de 10 nos quadros clandestinos do PCP.

Foi um daqueles que soube desprender-se da comodidade de uma vida material desafogada para, na clandestinidade, com as privações e as perseguições que ela comportava, prosseguir a luta contra a ditadura fascista, pela liberdade e a democracia, pelos direitos e a melhoria das condições de vida do nosso povo, pela independência do nosso país.

Foi um daqueles que deu uma contribuição concreta e visível para o 25 de Abril.»

Romeu Embaixador

Faleceu no passado dia 4 de Agosto o camarada Romeu Embaixador, militante do PCP desde Março de 1975, era natural de Sesimbra onde nasceu em 22 de Fevereiro de 1922. Foi candidato a todas as eleições autárquicas, desenvolvendo tarefas aos mais variados níveis, nomeadamente na CERCISIMBRA (cooperativa para deficientes).

No funeral integraram-se muitas pessoas de vários quadranes políticos e sociais do concelho.

Francisco Horta

Faleceu, no passado dia 5, o camarada Francisco José Horta, que estava há muitos anos organizado na freguesia de Almada.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Fogos

- Desgraça ou incompetência?

A Direcção da Organização Regional de Coimbra do PCP tomou uma posição pública acerca das consequências dos fogos florestais que assolaram o distrito de Coimbra e que aquela estrutura partidária começa justamente por classificar como «uma desgraça em termos humanos e económicos» e «uma tragédia em termos de eco-sistema florestal». Manifestando a sua solidariedade a todas as populações atingidas e reclamando uma pronta acção governamental de apoio às vítimas - nomeadamente na forma de indemnizações que contribuam para minorar os seus prejuízos - a DORC do PCP faz depois o elenco das responsabilidades do Governo nesta matéria, entre as quais destaca:

- a não disponibilização e o não investimento de verbas necessárias à prevenção dos fogos, quer no que se refere ao ordenamento florestal quer à limpeza das matas;
- as condições em que se encontrava o povoamento florestal, o que explica, por exemplo, a elevada extensão do incêndio na Serra da Rocha, já fortemente devastada pelas chamas há nove anos;
- a deficiente utilização dos meios aéreos e a insuficiência dos restantes;
- a total descoordenação por parte das autoridades centrais e regionais;
- a circunstância de, a par da chegada tardia dos bombeiros, muitas bocas de incêndio não estarem funcionais e ter o fogo encontrado enormes paíóis de combustível resultante de lixeiras.

Salientando, para além das culpas governamentais, a inutilidade e ineficácia da Comissão Especializada de Fogos Florestais de âmbito municipal, na qual a Câmara detém grandes responsabilidades, a DORC do PCP denuncia do mesmo passo os «lamentos hipócritas» e as «demagogias eleitorais» do Governo, exigindo que «de uma vez por todas se abordem as causas reais dos fogos, da sua propagação e de quais os meios apropriados para o seu combate». Segundo a DORC, «existem meios financeiros proporcionados pelos fundos comunitários que dão prioridade à reabilitação das áreas ardidas», pelo que «é urgente elaborar e pôr em execução um plano de ordenamento e de florestação do distrito».

A Reserva Natural de S. Jacinto

«Criminosa», é como a Comissão Concelhia de Aveiro do PCP qualifica a destruição da Reserva Natural de S. Jacinto, em grande parte reduzida a cinzas - um local onde existia vegetação e espécies animais raras e até únicas, um pulmão para toda a região. Enumerando as razões que, no seu entender, grandemente contribuíram para a tragédia verificada, a CCA aponta a prática ineficácia do quartel de bombeiros, sem qualquer tipo de meios para fazer face a qualquer sinistro, e a ausência de medidas adequadas de vigilância e de precaução para uma intervenção eficaz. A CCA salienta, ainda, que «a política de direita do Governo PSD tem permitido e até incentivado a prática de todo o tipo de corrupção e de atentados contra o povo e o País, ao defender e levar à prática os valores do egoísmo, do enriquecimento fácil, rápido e a qualquer custo» - o que explica como os incêndios florestais «têm servido os interesses das indústrias de celulose, dos que se aproveitam da desgraça dos produtores de madeira e dos que fazem fortuna através da especulação imobiliária», sendo justificados os receios de quem pensa que «o crime possa vir a compensar quem o praticou». Denunciando, por outro lado, a política de delapidação dos espaços públicos promovida pela Câmara Municipal de Aveiro - de responsabilidade CDS/PP -, a CCA do PCP exige, entre outras, que «sejam tomadas medidas de repovoamento florestal de toda a área ardida, na base das espécies que caracterizavam a Reserva Natural de S. Jacinto» e que, «no Ordenamento do Território, nomeadamente no Plano Director Municipal, não haja qualquer alteração na sua classificação, continuando a ser Reserva Ecológica na qual não é permitida qualquer outra utilização».

Para um Plano Integrado de Florestação

Também a CDU, na sequência do devastador incêndio florestal que atingiu no mês passado os concelhos de Monchique e Aljezur, com os graves prejuízos económicos e ambientais daí resultantes, decidiu proceder a um levantamento técnico que permita elaborar propostas capazes de responder à grave situação. É assim que, amanhã, o deputado do PCP, António Filipe, na companhia de Carlos Luís Figueira, candidato da CDU pelo Algarve, vai reunir com os Presidentes das Câmaras de Monchique e Aljezur para discutir o Plano Integrado de Florestação defendido por aquela coligação eleitoral. A este propósito, Carlos Luís Figueira salientou que, «mais do que carpir mágoas e procurar bodes expiatórios para o fogo, é preciso reconhecer que em última análise a dimensão do incêndio está inexoravelmente associada à falta de um adequado ordenamento florestal, à total ausência de uma política de prevenção de fogos e à desorientação na mobilização de meios e técnicos para a detecção e combate ao fogo». A CDU considera, ainda, «numa atitude séria e sem demagogias eleitorais», que «é preciso aproveitar o que se pode salvar, compensar as pessoas dos prejuízos e reconstruir a floresta». Através dos contactos com as populações afectadas e os seus representantes autárquicos, agora levados a cabo, considera a CDU que será possível equacionar as medidas mais urgentes, designadamente «um levantamento perimetral da zona afectada, que pode ser feito de uma forma expedita e prática através do GPS - Sistema de Posicionamento Global - mais vantajoso, porque menos oneroso, do que o levantamento aéreo».

Nota da Comissão Política

A vaga de incêndios florestais

Em conferência de imprensa realizada na passada segunda-feira, a Comissão Política do CC do PCP distribuiu uma nota sobre a recente vaga de incêndios florestais. Agostinho Lopes, da Comissão Política e do Secretariado do CC, que se encontrava acompanhado dos camaradas Lino de Carvalho, deputado e membro do Comité Central, e Carlos Amaro, colaborador do CC, divulgou aos jornalistas o texto que a seguir reproduzimos.

1. A vaga de incêndios que tem vindo a assolar o País e que já percorreu milhares de hectares de floresta incluindo reservas naturais e áreas protegidas, provocando perdas de vidas humanas e incalculáveis prejuízos materiais, exige uma palavra de reflexão sobre as razões que ciclicamente geram esta espiral de fogos florestais.

Na década de 80 e até finais de 1991 Portugal foi pasto de mais de 100 mil incêndios que percorreram mais de 1 milhão de hectares, o que corresponde a cerca de 1/3 da área florestal do País.

Nos últimos 3 anos (1992, 93 e 94) o número de incêndios e área ardida descenderam significativamente devido, em particular, a duas razões: condições climatéricas e níveis de humidade menos favoráveis à propagação de fogos e interregno dos interesses económicos ligados à floresta e aos fogos.

Mas logo, sem reflectir sobre as razões de fundo, o Governo e, em especial, o Ministro Dias Loureiro divulgaram a ideia de que o drama dos fogos florestais em Portugal tinha deixado de ser uma fonte de preocupações devido às medidas tomadas pelo Governo.

Infelizmente, 1995 está a provar que assim não é, pondo a descoberto a ausência de uma política de prevenção séria que defenda a floresta nacional e a população.

2. De facto:

a) É verdade que elevadas temperaturas, a secura do solo e os ventos existentes, têm proporcionado condições propícias à deflagração e desenvolvimento dos fogos florestais.

b) Mas também é verdade que nos últimos dois anos já se notou ausência de stocks de madeira (esgotada a proveniente da vaga de incêndios dos finais da década de 1980 e dos anos de 1990 a 1992), bem como, por outro lado, um aumento do preço da madeira à entrada das fábricas, sem quaisquer benefícios para os pequenos produtores florestais e novas necessidades das celulosas no abastecimento de matérias-primas e consequente interesse na expansão da área plantada com eucaliptos.

É sabido que a conjugação destes factores cria as condições ideais para o aparecimento dos fogos florestais.

A especulação em torno da aquisição do material lenhoso ardido e a pressão para que as áreas afectadas por fogos sejam arrendadas ou vendidas, sendo o seu destino, normalmente, a plantação de eucaliptos, têm na sua origem obscuros interesses económicos que se movimentam junto das áreas ardidas e dos pequenos proprietários atingidos, e que são os principais beneficiários dos fogos florestais.

Se acrescentarmos a isso interesses ligados à especulação urbanística (como está indiciado no fogo de Coimbra), teremos as condições criadas para a vaga de incêndios que assola o País e que, seguramente, não se limita a meras acções de loucos ou criminosos primários.

c) Acresce a confirmada ausência de uma política de prevenção que passa pelo ordenamento florestal que não existe, pela construção de caminhos florestais e pontos de água que são claramente insuficientes, pela valorização e dignificação da carreira dos guardas florestais - profundos conhecedores da floresta - que o Governo tem desprezado.

Ora, é isto, os interesses económicos ligados à floresta e aos fogos florestais e a ausência de uma política de prevenção, que o Governo e o Ministro Dias Loureiro não dizem, que o PS silencia e que as declarações bombásticas do presidente do PP escamoteiam.

Como calam, silenciam, omitem, que toda esta tragédia tem como pano de fundo a política agrícola prosseguida nos últimos anos por sucessivos governos de direita, com a direcção ou participação do PS, PSD e CDS. Uma política agro-florestal que tem conduzido à liquidação das comunidades rurais, ao abandono das terras agrícolas e de culturas em áreas que serviam de barreira natural aos fogos e que têm, sobretudo, privilegiado o desenvolvimento da floresta industrial e a perpetuação de grandes manchas monoculturais, expulsando as populações e rompendo as relações que as ligavam à floresta.

d) Por fim, importa dizer que a política de combate, no que se refere ao aluguer de meios aéreos, sempre insuficientes, mais

do que dar resposta às necessidades de combate aos fogos florestais, alimentam o que já se chama a indústria do fogo em Portugal.

3. Face à gravidade e dimensão dos fogos florestais que

estão a destruir uma parte significativa da floresta portuguesa, o PCP propõe, como aliás o fez em 1990, três medidas que o Governo deveria acionar de imediato:

- controlo dos circuitos de comercialização do material lenhoso ardido, designadamente com a criação, em conjunto com os proprietários florestais e com o apoio das autarquias locais, de parques de recepção da madeira queimada, mas que, ao contrário de experiências anteriores fracassadas, intervenham no corte e transporte e garantam o pagamento imediato com preços justos aos proprietários atingidos, o que desmotivaria aqueles que têm interesses nos fogos;

- recuperação e aplicação da legislação que proíbe, durante 10 anos, a reflorestação com eucaliptos (com compensação adequada aos proprietários florestais), ou a realização de projectos de urbanização nas áreas ardidas;

- investigação dos reais interesses que dão origem aos fogos postos e severa punição dos responsáveis e autores.

O PCP vai procurar também que a Assembleia da República convoque e ouça, com urgência, os ministros da Administração Interna e da Agricultura, sobre:

- os problemas de descoordenação e insuficiência de meios patentes nas acções de prevenção e vigilância das florestas e de combate aos incêndios verificados nas últimas semanas;

- as necessárias respostas às gravíssimas situações criadas, que começam a tardar, em particular na inventariação dos prejuízos e no desenvolvimento de medidas de apoio às populações afectadas profundamente na sua vida.

4. Tendo presente o Programa de Rearborização para as Áreas percorridas por Incêndios Florestais e o Programa de Emergência para a Defesa da Floresta Portuguesa, que o Grupo Parlamentar do PCP apresentou na Assembleia da República e que o PSD rejeitou, o PCP propõe ainda:

- O arranque de um programa de ordenamento do espaço florestal com diversificação e compartimentação das espécies;

- o desenvolvimento de uma floresta de uso múltiplo e a revitalização de formas de economia serrana que combatam a desertificação do meio rural;

- prioridade à reflorestação das áreas ardidas;

- promoção do associativismo dos proprietários florestais. Dos 500 mil proprietários florestais, 70% têm menos de 4 hectares;

- reforço das políticas de prevenção e vigilância, mobilizando com esse objectivo os meios económicos e técnicos necessários;

- construção acelerada de aceiros, caminhos e vias de acesso ao interior das matas e florestas, multiplicação dos pontos de água e dos postos de vigia;

- política de sensibilização e mobilização das populações com acções de educação a partir das escolas.

5. O PCP solidariza-se com as populações afectadas e com os bombeiros, cujo heróico e abnegado esforço não tem correspondência nos meios que lhes são proporcionados.

Garantias sociolaborais para os membros dos Corpos de Bombeiros e o reforço das verbas e meios técnicos e humanos à sua disposição são medidas que igualmente se impõem, a par com a dignificação profissional dos guardas florestais.

O PCP entende ainda que se impõe a declaração de situação de calamidade pública nas zonas mais afectadas pelos incêndios florestais.

Eleições de comissões de trabalhadores Vitória das listas unitárias Confiança na CGTP-IN

Um estudo da CGTP-IN sobre as eleições de comissões de trabalhadores realizadas no últimos doze meses, mais exactamente no período compreendido entre Agosto do ano passado e Agosto do ano em curso, revela que foram eleitas 104 comissões de trabalhadores dos sectores da Banca, Química e Farmacêutica, Comércio e Serviços, Transportes Rodoviários, Ferroviários e Aéreos, Metalurgia, Metalomecânica e Minas, Seguros, Indústrias Eléctricas, Hotelaria e Turismo, Comuni-

cações e Telecomunicações, Têxteis e Vestuário, Celulose e Gráfica, Construção e Alimentação.

Dos cadernos eleitorais, segundo o levantamento da CGTP-IN divulgado na passada semana, constavam à data da eleição 142.582 trabalhadores inscritos, tendo 71.430 (50,1 por cento) participado nos actos eleitorais, o que na opinião da Central "significa um assinalável grau de participação, sobretudo se considerarmos a elevada repressão a que

os trabalhadores estão sujeitos nas empresas".

Nota de realce merece ainda o facto de 51.084 dos votantes (71,5 por cento) terem votado em listas unitárias, identificadas com a CGTP-IN - no que é sem dúvida um testemunho do prestígio e da representatividade da Central no mundo do trabalho -, tendo estas listas obtido, em todos os casos, o maior número de votos e, consequentemente, o maior número de mandatos.

Para além das listas unitárias, nas eleições realizadas em 22 empresas, concorreram outras trinta listas, identificadas do seguinte modo: 11 com o PS, obtendo 6.773 votos (9,5 por cento dos votantes), 6 com o PSD que atingiram os 2.824 votos (3,9 por cento dos votantes) e 13 afectas a forças diversas (3618 votos, o que corresponde a 5,1 por cento). Os restantes votos - 7.165 - são brancos e nulos, representando 10 por cento dos votantes.



Licença de Parto

As trabalhadoras portuguesas passaram a ter direito a 98 dias de licença de parto desde 19 de Outubro de 1994. Esta alteração, que veio conferir o direito a mais oito dias de licença de parto (antes o período era de 90 dias), surge na sequência da transposição da Directiva 92/85 para a legislação portuguesa, que veio dar origem à Lei 17/95.

Deste modo, as trabalhadoras que em 19 de Outubro de 1994 se encontravam a gozar licença de parto, ou foram mães a partir daquela data e só gozaram 90 dias de licença, têm direito a mais oito dias consecutivos, os quais devem ser gozados nos três meses subsequentes à entrada em vigor da nova Lei (14/6/95, ou seja, até 14 de Setembro próximo).

As trabalhadoras nestas condições, que ainda não tenham usado esse direito, devem informar a entidade patronal do período que vão utilizar ao abrigo da Lei 17/95, a qual, por seu turno, indicará essa ausência no mapa dos descontos para a Segurança Social, ao abrigo da mesma Lei.

No Vale do Ave 2000 trabalhadores aguardam subsídio de férias

Cerca de dois mil trabalhadores de empresas têxteis do Vale do Ave continuam sem receber o subsídio de férias do ano em curso. A denúncia partiu do Sindicato Têxtil do Minho e Trás-os-Montes que em comunicado alerta para a atitude de impunidade com que alguns industriais dos subsectores têxtil e vestuá-

rio violam impunemente direitos dos trabalhadores "sem que o Governo PSD os obrigue a cumprir a Lei".

A única explicação para este procedimento de não pagarem o subsídio antes do início das férias, afirma o Sindicato no comunicado distribuído aos órgãos de comunicação social, só pode

residir "numa atitude de grande exploração assumida por parte dos «senhores industriais», dado que os trabalhadores, esses, colocam todo o seu potencial físico e de conhecimento ao serviço das empresas e da economia do País".

As empresas em falta, de acordo com o Sindicato Têxtil

do Minho e Trás-os-Montes, são as seguintes: Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe, Montelongo, J.C. Mendes Andrade, Silvita, Têxtil Bugio (todas do concelho de Fafe); Empresa Industrial de Pevidem, Luzmonte (concelho de Guimarães); e Têxtil Eléctrica e Vilatêxtil (concelho de Famalicão).

NACIONAL

Loures adjudica ETAR O renascer do Trancão

A Câmara Municipal de Loures aprovou, na passada semana - com o voto contra do PS - a adjudicação das obras de construção da Estação de Tratamento de Águas Residuais (ETAR) de Frielas ao consórcio SOGEA/OTV/HLC/HAGEN/-OPCA pelo valor de 8,4 milhões de contos.

Coração do sistema de despoluição da bacia hidrográfica do rio Trancão, a ETAR de Frielas será a maior do país, com capacidade para tratar os esgotos de 700 mil habitantes, correspondentes

às águas residuais de uma boa parte do concelho de Loures e a esgotos dos concelhos limítrofes de Lisboa, Amadora, Sintra, Mafra, Arruda dos Vinhos, Sobral de Monte Agraço e Vila Franca de Xira.

A nova ETAR, a implantar numa área de cerca de 10 hectares, vai dispor de tecnologia de ponta, ainda não utilizada em Portugal, designadamente a utilização de biofiltros e o tratamento terciário e desinfecção através de ultravioletas.

Com um prazo de execução de 900 dias e início das obras apazado para Dezembro, o plano de construção da ETAR de Frielas permite o tratamento primário e de lamas ao fim de 22 meses de obras (meados de 1997), o que vai possibilitar a retirada significativa de matéria orgânica, de molde a garantir a qualidade da água no rio Trancão, sem pôr em causa a realização da EXPO 98 e a retirada das lamas acumuladas na foz do Trancão, a

cargo do Ministério do Ambiente.

De acordo com um comunicado da autarquia, destaca ainda para a qualidade do projecto de arquitectura, concebido em função da estação se localizar em plena várzea de Loures.

Por esta mesma razão, foi tido em atenção a reutilização da água tratada, nomeadamente para regadio, e a ETAR foi concebida para que os seus órgãos fiquem protegidos da eventualidade de uma cheia com o período de ocorrência de 100 anos.

A ETAR de Frielas tem garantido um financiamento já negociado do Fundo de Coesão no valor de 6 milhões de contos, que deverá ser objecto de reprogramação face aos valores da adjudicação, já que o principal critério do concurso é a qualidade na resolução do problema de poluição da bacia do Trancão, garantindo a revitalização de um rio com carácter torrencial sazonal, e não apenas a redução dos níveis de poluição actuais.

Loures realoja famílias

23 famílias, num total de 120 pessoas, provenientes do Bairro de S. Benedito, Camarate, foram realojadas segunda-feira pela Câmara Municipal de Loures, em novas habitações adquiridas pelo município na Urbanização de S. Sebastião de Guerreiros, freguesia de Loures.

O realojamento destas famílias vem permitir a execução do troço da Circular Regional Interior de Lisboa (CRIL), entre o Olival de Basto (Nó de Odivelas) e Camarate, obra que se desenvolverá em túnel na zona do talude militar.

Recorde-se que a Câmara Municipal de Loures, nos últimos meses, já realojou 124 famílias que residiam no traçado da CRIL, no âmbito do PER e de acordo com o estabelecido entre a autarquia e a administração central, com vista a permitir a construção desta importante via regional no concelho de Loures.

Grândola em festa

Tem início amanhã, em Grândola, prolongando-se até domingo, a tradicional "Feira de Agosto", uma iniciativa da Câmara Municipal que já é conhecida como a Grande Feira-Festa do Litoral Alentejano. E bem se compreende que assim seja, a avaliar pela diversidade da oferta e pelo programa de animação. Destaque, desde logo, para a qualidade e quantidade de expositores instalados nos pavilhões, a que se junta, por outro lado, o grande mercado ao ar livre, e, por último, uma ampla variedade de divertimentos para todos os gostos e idades.

Pelo palco central, a concitar a atenção dos muitos que habitualmente aí se dirigem, passará a boa música popular portuguesa, não faltando outros géneros e expressões musicais para animar as muitas horas de programação previstas.

Para além de uma grande exposição dedicada ao urbanismo e planeamento, e de um stand conjunto do Gabinete de Apoio ao Empresário e do Turismo, nota de registo merece ainda a presença do artesanato, de novo em força, com algumas dezenas de artesãos de várias regiões.



No aniversário da independência da Indonésia Protestos contra a ocupação de Timor-Leste

Um grupo de jovens timorenses invadiu na passada semana o recinto da embaixada da Indonésia em Madrid, retirou a bandeira do mastro e incendiou-a de seguida. Esta acção, levada a cabo por 35 jovens no dia em que se completaram 50 anos sobre a independência da Indonésia, iniciou-se com a escalada do muro da representação diplomática, imediatamente seguida da retirada e queima da bandeira indonésia, acto acompanhado de palavras de ordem contra o regime de Jacarta e a favor da indepen-

dência de Timor-Leste e da libertação de Xanana Gusmão.

Finda a acção de protesto, destinada a chamar a atenção para a questão timorense, os jovens abandonaram o local, sem que se tenha registado a intervenção da polícia ou de qualquer funcionário da embaixada.

O grupo, que integrava os 29 jovens que em Novembro passado ocuparam os jardins da embaixada dos Estados Unidos em Jacarta e os três principais dirigentes da resistência estudantil timorense, partiu na véspera à noite de Lisboa (dia 16) e

iniciou o regresso a Portugal pouco depois da acção, que durou apenas alguns minutos.

Ao abandonarem o local, os jovens deixaram no recinto da embaixada cartazes que transportavam e em que se liam frases como "stop ao genocídio de Timor", "Suharto é um assassino", "liberdade para Timor" e "liberdade para Xanana".

Os manifestantes depositaram ainda na caixa do correio da embaixada uma carta dirigida ao presidente da Indonésia em que lembram os 50 anos da independência do país e os 20 anos da

ocupação de Timor-Leste por tropas de Jacarta.

A missiva, subscrita pela Renetil no Exterior (Resistência Estudantil de Timor-Leste), adverte Suharto de que este "conflito não terá solução se não optar pela via do diálogo franco e construtivo", pelo que exige a "libertação imediata e incondicional do líder máximo da resistência maubere, Xanana Gusmão, e, com ele, a de todos os prisioneiros políticos timorenses".

Os manifestantes requerem igualmente a "participação do

líder da resistência no processo de diálogo entre a Indonésia e Portugal sob os auspícios do Secretário-Geral da ONU e a aceitação por parte de Jacarta da iniciativa de paz do CNRM, que se mantém válida e oferece as melhores garantias de uma solução do conflito com respeito pelos interesses de todas as partes".

Entretanto, no mesmo dia, activistas filipinos concentraram-se em frente à embaixada da Indonésia em Manila numa acção destinada a protestar contra a ocupação de Timor-Leste.

"Enquanto os timorenses não comemorem a sua independência, os indonésios não têm o direito de comemorarem a deles", comentou um porta-voz do grupo pró-timorense, acrescentando que "ninguém pode querer a independência para si próprio e, ao mesmo tempo, colonizar outros povos".

A polícia, que inicialmente permitiu o desfile, interveio para dispersar os manifestantes quando eles começaram a atirar tinta vermelha contra as paredes da embaixada indonésia.

Relatório das Nações Unidas confirma Mulheres são alvo de todas as discriminações

Um estudo revelado na passada semana em Paris veio confirmar que a situação da mulher a nível mundial continua a ser marcada por fortes discriminações. Particularmente evidente, de acordo com os resultados da avaliação efectuada, é o facto de serem as mulheres quem mais trabalha, sendo simultaneamente quem menos recebe, mesmo nos países mais avançados em termos de igualdade de sexos.

Pelo sexto ano consecutivo, o Relatório sobre Desenvolvimento Humano das Nações Unidas qualifica os países

segundo um índice de desenvolvimento humano, com base em variáveis como a esperança de vida, educação e rendimento. O Canadá é o primeiro na escala regular, surgindo no final da lista de 174 países o Mali, Serra Leoa e o Níger.

Este ano os investigadores introduziram uma nova dimensão ao incluírem o género (sexo) como factor, tendo concluído, país após país, que as mulheres fazem 53 por cento do trabalho total e os homens 47 por cento.

O relatório qualifica 130 países com base numa relação

Sexo/Desenvolvimento, que deve passar a constituir um elemento anual. O topo da lista foi ocupado pelos países nórdicos, com a Suécia na dianteira, seguida pela Finlândia, Noruega e Dinamarca.

As mulheres nórdicas ocupam 30 por cento das legislaturas nacionais dos seus países, enquanto nos Estados Unidos apenas cerca de 10 por cento do Congresso é ocupado por mulheres.

Já a nível mundial, as mulheres ocupam apenas 10 por cento dos lugares legislativos, 6 por cento dos cargos governamen-

tais e 70 por cento dos 1,3 mil milhões de pessoas que vivem na pobreza são mulheres.

Considerando a contribuição total feminina, o relatório, com 230 páginas, calcula que o valor de trabalho não remunerado como tomar conta dos filhos e tarefas domésticas e agrícolas equivale a 16 mil milhões de dólares para ambos os sexos. O documento revela ainda que 11 mil milhões de dólares daquela verba corresponde a trabalho desempenhado pelas mulheres.

Comentando estes indicadores, Mahbub ul Haq, antigo

ministro das Finanças paquistanês, conselheiro especial do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), afirmou que "se o trabalho da mulher se reflectisse com precisão nas estatísticas nacionais destruiria o mito segundo o qual os homens são, a nível mundial, o principal sustento da família".

No Relatório, afirma-se ainda que um forte desenvolvimento económico, no campo da educação e da saúde não significa automaticamente que os homens nesses países partilhem riqueza, poder e oportunidades

com as mulheres. É o caso dos japoneses que estão muito à frente em rendimento e desenvolvimento mas não os partilham com as mulheres, sendo disso testemunho o facto de estas representarem no Japão 6 por cento do Parlamento, 2 por cento do governo e ganharem menos de metade do vencimento dos homens.

"Negar às mulheres participação total no desenvolvimento económico e social é privar as gerações futuras da oportunidade de alcançarem o seu potencial máximo", concluiu Mahbub Haq.

Pescas em Marrocos

Os negociadores marroquinos e comunitários iniciaram na passada semana a discussão sobre a repartição das quotas de pesca nas águas de Marrocos, no âmbito da renovação do acordo de pescas entre Rabat e Bruxelas.

A redução exigida por Marrocos das possibilidades de pesca atribuídas aos pescadores de Portugal e Espanha pelo anterior acordo, que caducou a 30 de Abril últi-

mo, é o elemento mais difícil das negociações.

Com efeito, o governo de Rabat defende uma redução de 30 por cento em três anos para o tipo de pesca efectuado pelos 44 barcos portugueses, medida esta que a concretizar-se conduzirá ao afastamento das águas marroquinas, dentro daquele prazo, de cerca de um terço das 44 embarcações portuguesas que ali operaram até Abril último.

Ruanda

ONU levanta embargo

O Conselho de Segurança da ONU suspendeu, por um ano, o embargo ao envio de armas e material militar ao Ruanda, imposto em Maio de 1994 contra o antigo regime de Kigali de maioria hutu.

Numa resolução adoptada por unanimidade na semana transacta, o Conselho de Segurança decidiu que o embargo é suspenso até 1 de Setembro de 1996 e pede ao secretário-geral das Nações Unidas, Butros Ghali, que apresente relatórios semestrais sobre a evolução da situação naquele país africano.

A resolução prevê que, em 1 de Setembro de 1996, a suspensão tornar-se-á definitiva,

a menos que o "Conselho tome outra decisão".

Solicitada é igualmente a formulação, o mais rápida possível, de "recomendações para estabelecer uma Comissão que investigue as denúncias sobre envios de armas para as forças do anterior governo ruandês na região dos Grandes Lagos da África Central".

A decisão agora tomada vem ao encontro de um pedido do novo governo ruandês de maioria tutsi, que receia uma ofensiva das milícias hutus a partir dos campos de refugiados situados em países vizinhos, nomeadamente no Zaire.

S. Tomé e Príncipe Militares amnistiados

Com a aprovação pela Assembleia Nacional, por unanimidade, na segunda-feira, de um diploma que amnistia os militares envolvidos no golpe de estado de 15 de Agosto parece ter sido finalmente encontrada a saída para a crise em S. Tomé e Príncipe. Após a restituição formal pelos militares do poder aos órgãos de soberania, feita em declaração entregue à mediação angolana, a Assembleia não só aprovou de seguida o decreto-lei da amnistia, como também um outro documento subscrito pelo conjunto dos órgãos de soberania a que foi dado o nome de "Memorando de Entendimento". Nele, todos os signatários, incluindo o Governo, comprometem-se a adoptar medidas tendentes a dar resposta à agenda de seis pontos apresentada pelos militares à equipa de mediação chefiada pelo ministro angolano Venâncio de Moura.

Com estas aprovações, fica assim ultrapassada a situação de impasse que se vinha arrastando nas conversações entre os militares autores do golpe e as autoridades destituídas, a decorrerem desde a primeira hora sob mediação angolana.

Mas se a questão das amnistias para os revoltosos parece estar resolvida - tratava-se, aliás, de um aspecto por si considerado fundamental e do qual, aparentemente, não

pareciam querer abdicar -, subsistem ainda dúvidas quanto aos desenvolvimentos que poderão conhecer outras matérias por si igualmente levantadas, como sejam, as competências militares do Presidente da República e a escolha do ministro da Defesa.

Estes foram, de resto, alguns dos temas suscitados pelos jovens oficiais que desencadearam a acção fez ontem uma semana e que justificaram simultaneamente o seu gesto com o que apelidaram de "práticas de corrupção e delapidação de bens públicos" do poder instituído.

Recorde-se que o controlo do país pelos militares - as Forças Armadas rondam os 600 homens - foi feito a partir da tomada do palácio presidencial e da ocupação da rádio e da televisão, persistindo durante muito tempo uma grande indefinição quanto às motivações e verdadeiros objectivos dos revoltosos.

Miguel Trovoada, depois de ter sido transferido do quartel-general onde esteve preso para uma residência oficial, manteve-se até segunda-feira numa situação, segundo o próprio, de "liberdade limitada", não tendo depois desse período e até ao momento do fecho da nossa redacção produzido quaisquer declarações públicas.

Manoel
de Lencastre

Viagens em Inglaterra

O «ballet» Kirov terminou, há dias, mais uma visita a Londres. Mas, infelizmente, o calor tórrido, que tem continuado a fazer-se sentir e afastou muita gente da capital, roubou retumbância e ambiente aos espectáculos do Coliseu, antigo Sadler's Wells, em Trafalgar Square. Do programa constavam: «Le Corsaire», «Scheherazade», «Les Sylphides», «Firebird», «La Bayadere». Os comentários da imprensa inglesa não foram favoráveis, na generalidade.

Longe vão já os dias das companhias de «ballet» soviético cujas visitas ao estrangeiro se faziam pagar por dinheiro bom e dignamente ganho. Hoje, procuram-se divisas, ansiosamente, e trabalha-se como se em regime de saldos. Mesmo assim, no «Corsaire», as figuras de Madora (Altanai Asilmuratova), Conrad (Konstantin Zaklinski) e Ali (Farouk Ruzimetov), interpretadas de maneira resplandesciente, excederam as expectativas e deram lugar a que esquecesse, por momentos, aquilo a que os britânicos chamaram «uma terrível confusão de um "ballet" que, apesar das reservas que suscita, ainda produz momentos de fogo no palco».

Simultaneamente, a «Royal Opera House» apresentava «The Sleeping Beauty» (Beleza Adormecida), pela companhia do «Royal Ballet», enquanto a discussão pública dos subsídios do Estado à famosa casa de Covent Garden ganha intensidade. A «Royal Opera» cobre 35% das suas despesas com esses subsídios e acaba de ver-se atribuído um donativo da «Lotaria Nacional» que ascende a 55 milhões de libras (12,6 milhões de contos). Isto deu lugar a protestos contra o nível elevadíssimo dos preços praticados na «catedral» da Ópera inglesa que tornam impossível ao cidadão comum assistir aos grandes espectáculos clássicos de Covent Garden. Eram os seguintes os preços cobrados quando se cantou «Simon Boccanegra», recentemente: primeiras filas: 267 libras (61 contos); plateia central: 121-50 libras (28 contos); últimas filas 100 libras (23 contos); balcão: 86 libras (19 contos); lugares laterais: 22 libras (5 contos); lugares em pé: 10-50 libras (2,3 contos); camarotes para 4 pessoas: 486 libras (112 contos).

Classes sociais no desporto

Ninguém ignora o amor dos ingleses pelos desportos. Quando se encerra a época de futebol e enquanto a seguinte não começa, o primado dos desportos de Verão ganha ascendente e o «cricket», o desporto mais querido de certa Inglaterra (do futebol diz-se que é um jogo de operários) entra na ordem do dia. Um «test-match» (jogo internacional ou entre as principais províncias do país) pode levar cinco dias a resolver.

Como grande festa que é, começa às sextas-feiras, às 11 horas, com o primeiro «inning» (actuação) que se realiza, normalmente, a ritmo lento, as equipas estudando-se. A formação que defende o triângulo (wicket) joga com dois batedores; a que ataca, fá-lo por intermédio de quase sempre temíveis boladores que, alguns, atiram a bola contra a figura do batedor adversário à velocidade de 100 quilómetros hora — esta equipa, espalha os seus 11 elementos através do terreno procurando agarrar a bola depois de despachada pela pá do batedor contrário.

Ao fim da tarde de sexta-feira o estádio está completamente cheio e, no sábado, as bancadas enchem-se bastante cedo porque não é dia de trabalho e as pessoas alimentam a esperança de que as operações em campo definam as posições das duas equipas para que tudo possa terminar, em glória ou em lágrimas, no domingo. Mas, se isso não acontecer, se a superioridade de uma equipa sobre a outra não se definir, o «test-match» prossegue na segunda-feira e na terça, até que o vencedor seja encontrado.

O grande espectáculo do público, fascina-nos. Ali, mais do que nos outros desportos, as classes sociais dividem-se com bastante clareza. O jogo interrompe-se ao meio-dia, para almoço. Então, nas bancadas populares bebe-se cerveja e comem-se «sandwiches» ou sai-se do estádio para visitar um «pub». Nos lugares mais caros, a classe média (elas, de alegres chapéus ornamentados com flores) toma «champagne» e come morangos belamente regados com cremes frescos e, na verdade, deliciosos. Quando o jogo volta a ser interrompido para o chá, às cinco da tarde, o ritual repete-se.

Mas, a essa hora, tomam chá, evidentemente, e comem bolachinhas. O povo não altera o seu sistema, mantém-se na cerveja.

Quando se joga um Inglaterra-Austrália (o prato mais forte do «cricket» internacional) os ingleses abandonam tudo e o país passa

Democracia para a Irlanda do Norte

Uma estrada difícil

a viver na dependência do que acontece no estádio (Lord's, em Londres, é o principal recinto). Mesmo o mais simples transeunte que atravessa as ruas do centro de qualquer cidade, fá-lo com um rádio portátil junto a si para que possa escutar o relato do grande acontecimento. Por sua vez, na Austrália, ninguém vai para a cama porque o «test-match», devido à diferença horária, prolongar-se-á pela noite fora e pode acabar às cinco da manhã.

As principais nações do «cricket» são a Inglaterra, a Austrália, a Nova Zelândia, as Antilhas, o Sri-Lanka, a Índia, o Paquistão (detentor do título mundial), a África do Sul, o Zimbábue.



Apesar da independência política dos países que foram colónias britânicas, todos gozam a tradição imperial deste desporto único que põe à prova as qualidades de carácter, determinação, inteligência, coragem e paciência dos jogadores. Parece-nos difícil, entretanto, que a prática do «cricket» venha a ser alargada a outros países. Presentemente, toda a gente exige resultados rápidos, em tudo. No «cricket», as coisas movimentam-se segundo a tradição e sem excessos.

Cidade de Belfast

A natureza dos problemas existentes entre a Inglaterra e a Irlanda continua a não proporcionar decisões fáceis aos respectivos governos. Não temos dúvidas de que o povo britânico deseja ver-se livre, finalmente, do compromisso que tem para com os protestantes orangistas do Ulster. E o governo inglês, esse, trabalha seriamente com infundável astúcia para tentar transferir do seu orçamento para o de Dublin ou para as caixas da CEE o valor dos pesadíssimos subsídios de que vive a Irlanda do Norte.

Visitámos Belfast e Dublin, recentemente. São dois mundos, duas maneiras de estar do mesmo povo no mesmo país. Os irlandeses são um único povo, são uma nação. Mas a religião e os interesses imperiais britânicos que a utilizaram com tão enorme sagacidade dividiram essa nação quase irremediavelmente. Ter-se conseguido iniciar o processo de paz actualmente em curso — um passo no melhor sentido que se julgaria impossível há um par de anos — deve-se a dois factos, essencialmente: 1. a luta corajosa e extremamente sacrificada dos republicanos e católicos do Norte que, nunca renunciando à sua fé na unidade do país, conseguiram conter os ímpetos dos fanáticos protestantes apoiados pelo exército britânico; 2. o esgotamento sofrido pelo povo, pelo

governo de Londres e pela respectiva Tesouraria, face a uma situação em que já nada havia para defender.

A Irlanda do Norte é um enorme charco de desemprego. O oceano de fábricas deixadas encerradas, as instalações, a maquinaria, tudo à mercê do tempo, o povo trabalhador forçado a esconder-se em casa e a desesperar de voltar alguma vez a ganhar um salário com dignidade, são coisas que entristecem e fazem pensar. Surgem, plenamente à vista, as chagas sociais de um país que viveu um quarto de século em permanente conflito. Mas já não se notam, com a frequência que era usual, a onipotente presença, nas ruas, das patrulhas militares britânicas que exibiam no exterior dos respectivos carros o número de telefone a que os cidadãos deviam dirigir-se para denunciar outros cidadãos.

As ruas desertas de Belfast, às cinco horas da tarde, sugerem um povo que foge e vai refugiar-se diante da TV para não ter de

enfrentar a realidade. Este povo, evidentemente, é o protestante e, principalmente, os protestantes pobres — gente que poderia ter emprestado à trajetória da Irlanda total a mais relevante das contribuições, mas cuja intolerância, cujo ódio aos republicanos e aos católicos, a fez lançar-se nos braços hercúleos e férreos dos imperialistas ingleses.

É a juventude que parece mais vivamente inclinada a consolidar e fazer progredir as novas condições. Os «pubs» enchem-se. As «discos», todos os locais onde é possível ignorar o fantasma da guerra, presente ainda e sempre, encontrámo-los à cunha. O famoso «Hotel Europa» está modernizado e mostra uma atmosfera de considerável dinamismo. Esta juventude quer descobrir um mundo diferente. Mas não a vemos muito disposta a comprometer-se. Pretende esquecer os negros dias do passado. Entregase, sem pensar, aos espantinhos do capitalismo que exigem os despojos da guerra. A sede de dinheiro começa a escravizá-la. É frequente, agora, verem-se em Belfast automóveis com chapa de matrícula da República da Irlanda. «Rebels!», ainda se ouve gritar. Mas esse é o grito de um passado que já começa a extinguir-se.

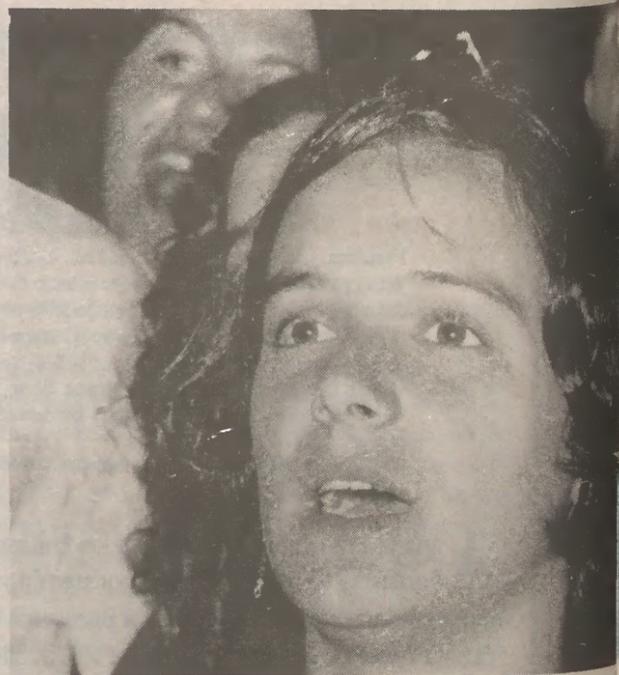
Com o exército britânico a reduzir efectivos e a remeter-se aos quartéis, o papel da Polícia (a temida RUC — Royal Ulster Constabulary) tornou-se crucial. O conflito, naturalmente, pode reacender-se apesar das múltiplas provas fornecidas pelo IRA e pelo partido político «Sinn Fein» de que desejam a paz e o avanço das negociações pela democracia. O aparelho do Estado ensaia os primeiros passos para ganhar uma certa normalidade, é certo. Mas a desconfiança de muitos justifica-se porque certos departamentos (tribunais, prisões, os serviços públicos em geral) e os Bancos e as principais empresas que ainda empregam pessoal, continuam nas mãos dos protestantes e dos ingleses.

Foi enorme a emoção provocada pela decisão do governo britânico de libertar o soldado pára-quedista, Lee Clegg, que se encontrava na prisão de Wakafield a cumprir uma pena de prisão perpétua, desde 1993, pelo assassinio da jovem Karen Reilly. Esta, numa noite de Setembro de 1990, viajava com outra rapariga em plena Belfast num automóvel roubado e, tendo atravessado uma zona de segurança, sem parar, foi mortalmente atingida pelo fogo da metralhadora de Clegg. Note-se que a pena aplicada ao soldado Clegg havia sido confirmada pelo Tribunal de Apelações, em Londres, e pela própria Câmara dos Lordes. Que forças extraordinárias conduziram o governo britânico a tão contraditória decisão? Multidões encheram as ruas de Belfast e Derry em manifestações de protesto. Dezenas de carros de todos os tipos foram incendiados. O vice-presidente do «Sinn Fein», Martin McGuinness, disse que a decisão de libertar Clegg constituía «uma desgraçada e desprezível atitude do governo britânico».

Porque não libertar também, e rapidamente, os milhares de patriotas irlandeses que ainda povoam as prisões britânicas? Os ingleses exigem que o IRA entregue ou destrua o seu parque de material de guerra. Mas, McGuinness declarou com a mais completa franqueza: «Não há qualquer possibilidade, mesmo remota, de que o IRA faça entrega do seu arsenal de armamentos antes que se verifiquem negociações conducentes à transformação política e de todos os aspectos da vida de Ulster, no sentido da democracia.»

Comício na Costa da Caparica

Juventude alegria confiança



O largo do mercado da pacata vila da Costa da Caparica estava cheio de animação: muitas centenas de pessoas com bandeiras, uma multidão incansável de jovens, gritando a sigla da Coligação Democrática Unitária e palavras de ordem da Juventude CDU, aderiram ao comício que ali se realizou na noite de sábado passado.

João Queiroz trouxe as melodias de José Afonso, que interpretou sempre afinado dedilhando a guitarra de forma exemplar. Cantou-se em coro, bateram-se palmas e o artista bisou várias vezes, até que, passava pouco das dez horas, Carlos Carvalhas chegou ao local, acompanhado de vários dirigentes do Partido e candidatos da CDU pelo círculo de Setúbal.

O secretário-geral do PCP, intervindo no encerramento do comício, começou por sublinhar a necessidade de uma nova política: «Uma política que ponha termo aos processos destrutivos, que promova o desenvolvimento e as actividades produtivas e que penalize as actividades especulativas e parasitárias, que crie emprego estável qualificado e justamente remunerado, que ponha termo à concentração da riqueza num pólo e às dificuldades de milhares de famílias excluídas dos bens da civilização.»

O aprofundamento da democracia nas suas diferentes vertentes - política económica, social e cultural -, a desgovernamentalização do Estado e a reposição da legalidade democrática e constitucional foram outros pontos centrais do discurso de Carvalhas que se pronunciou pela «fiscalização do próprio Governo» de forma a combater a corrupção.

Defendendo a responsabilização do Estado nos domínios da saúde, do ensino e da habitação social, o líder comunista condenou os que querem fazer da Saúde um negócio, referindo-se em particular à privatização em curso no novo hospital Amadora-Sintra que «custou aos contribuintes milhões de contos e que agora é entregue a uma multinacional - a Générale des Eaux».

Outra linha importante de uma nova política, prosseguiu, «é a justiça social encarada não como um entrave mas precisamente como um factor de desenvolvimento dinamizador da actividade

As operações fracassadas do cavaquismo

O distrito de Setúbal (...) conheceu a dramática situação económica que propiciou ao cavaquismo a sua ascensão, conheceu as promessas e operações do cavaquismo. Foi - como seria de esperar - mesmo um dos pólos centrais de todo o processo, uma vez mais e sempre porque aqui se trabalha e aqui se produz.

A Operação Integrada de Desenvolvimento da Província de Setúbal foi apresentada pelo cavaquismo como uma das suas maiores «ações». Anunciou-se que sobre o distrito se verteriam caudais infintos de benesses provenientes do Governo, das Comunidades, do capital privado, nacional e estrangeiro.

Após os cinco anos que o cavaquismo anunciava para «mudar a península», que se verifica?

Dos 1396 milhões de contos que a Administração Central programara investir, aplicaram-se apenas 8.2, menos 40%, sendo ainda importante sublinhar que destes 8.2 milhões, 5.4 (66%!) correspondem a estradas, enquanto apenas 4.500 contos foram aplicados na indústria transformadora!

Os fundos comunitários (FEDER) corresponderam sensivelmente ao programado (40,7

milhões contra 40,1 milhões), mas também aqui quase metade foi gasto em acessibilidades (18,1 milhões), enquanto apenas 355 mil na indústria.

A OIDIPS não assegurou o efectivo desenvolvimento integrado, bem pelo contrário: por um lado, não contrariou - pelo contrário - o desmantelamento de unidades industriais básicas da região, baseando o investimento industrial no sector automóvel, profundamente dependente das vicissitudes do mercado estrangeiro e das estratégias das multinacionais, como exemplarmente indicam o projectado

encerramento da Renault e a brutal diminuição de todos os índices (produção, emprego, investimento) da Auto-Europa.

O desmantelamento de empresas, os despedimentos massivos, o não investimento produtivo conduziram a que o distrito de Setúbal de novo conheça a crise com uma taxa de desemprego em Janeiro de 95 de mais de 15%, das mais elevadas de todo o território nacional.

Nos concelhos do litoral alentejano a situação é ainda mais grave. Dos cerca de 50.000 desempregados do distrito de Setúbal, mais de 32.000 são mulheres e 6.000 jovens procuram o primeiro emprego. E, no total do distrito, há uma oferta de emprego para cada 233 pedidos.

Contudo, o distrito de Setúbal desenvolveu-se e oferece hoje aos que nele habitam e aos que nele trabalham condições de vida favoráveis em muitos aspectos, o que explica mesmo que na última década a sua população tenha aumentado mais de 50 000 habitantes.

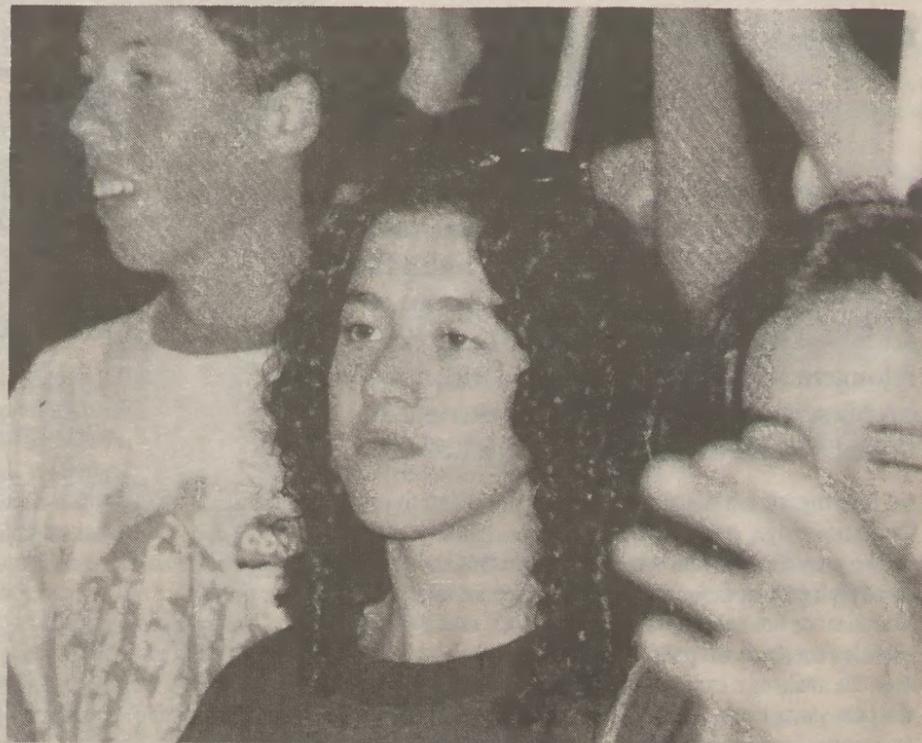
A explicação do facto reside uma vez mais no trabalho.

O que em Setúbal cresceu ficou essencialmente a dever-se à acção do Poder Local democrático. Um Poder Local democrático gerido por um partido de trabalhadores, o PCP, e os seus aliados na CDU, uma coligação que assumiu e cumpriu um lema de honestidade, trabalho e competência.

Setúbal tem a terceira melhor taxa de alfabetização do País, depois de Lisboa e Porto; Setúbal tem o terceiro maior número de bibliotecas públicas municipais depois de Lisboa e Porto; Setúbal tem o segundo maior número de atletas em actividade, apenas superado por Lisboa; Setúbal tem o terceiro maior valor de investimentos em despesas de ambiente (água, saneamento, espaços verdes) apenas superado por Lisboa e Porto; Setúbal tem índices de saneamento básico apenas superados por Lisboa.



Ruben de Carvalho, candidato pelo círculo de Setúbal



económica, do investimento e do emprego».

A melhoria dos salários da Administração Pública, das reformas e das pensões é assim vista não apenas como uma justa reivindicação dos trabalhadores mas como «uma condição essencial para o próprio desenvolvimento, numa altura em que a principal variável da economia portuguesa - o consumo interno - está anémica».

Na sua intervenção, Carlos Carvalho falava ainda dos graves problemas que afectam o sistema de ensino e a investigação, debruçando-se depois sobre as consequências da aplicação das políticas comunistárias no nosso país. Já a finalizar, fez algumas considerações sobre os comícios do PS e PSD que nessa noite se realizaram em Faro (ver extractos em baixo).

Entretanto, no comício, tinham já usado da palavra os candidatos por Setúbal, Filipa Silva, da JCP, e Heloísa Apolónia, do Partido «Os Verdes», e Ruben de Carvalho, chefe de redacção do «Avante!».

de cuja intervenção publicamos extractos. No palco estavam ainda o camarada Henrique Carreiras, Bruno Neves, do Executivo da JCP, Álvaro Jorge, presidente da Assembleia de Freguesia da Costa da Caparica, Florindo Nunes e João Pedro, membros da Junta de Freguesia da Costa da Caparica, Firmino Mendes, do Clube Desportivo dos Pescadores, Catarina Furtado, da Comissão Concelhia de Almada, Manuela Pinto Ângelo, da DORS, e Francisco Lopes, do Secretariado do CC do PCP.



Poderíamos continuar, mas é uma realidade que todos conhecem e que, quantos vivem em Setúbal, sabem e sentem.

Camaradas e amigos:

Nós, comunistas, somos dos que nos batemos por ideias e por princípios. Dizemos o que fazemos e fazemos o que dizemos.

Sempre assim foi, assim continua a ser e assim continuará a ser.

Mas estas ideias e princípios não estão suspensas do ar e das intenções, são antes o balizar quotidiano de empenhamento, de trabalho e de esforço.

(...) Os problemas de Setúbal têm nascido pela vinda para as suas terras e para o seu trabalho da política ditada em Lisboa, a política de direita instalada no Terreiro do Paço que atravessa o Tejo, não nos caciheiros que transportam «namorados, marujos, soldados e trabalhadores» como escreveu Ary dos Santos e Carlos do Carmo cantou, mas na legislação de despedimentos, nas liquidações das empresas, no bloqueamento dos fundos para as autarquias, nas perseguições aos sindicalistas, nos favores ao capital e no desprezo pelos trabalhadores.

É a política do trabalho, a dos interesses dos trabalhadores e do País que o povo de Setúbal impôs no governo local da sua terra que é necessário levar a Lisboa e ao País.

Setúbal vota com o trabalho.

(...)

«O país precisa de uma mudança a sério»

O País precisa de mudança a sério, precisa de uma outra política e não apenas de retoques de fachada.

Mudança a sério e não aquilo que é expresso nos comícios do Pontal e da Pontinha, que não deixam de ter simbolismo pelo facto de se realizarem no mesmo lugar e a curta distância. Aliás, a distância geográfica dos trezentos metros é certamente maior daquilo que na prática política os separa em relação às questões económicas e sociais.

São no fundamental dois comícios de «faz de conta». Grande gritaria oposicionista sobre o secundário para esconder as consequências no essencial.

Num, no de Pontal, teremos Fernando Nogueira a «fazer de conta», que vai resolver os problemas do desemprego quando foi o PSD e a sua política que o tem criado, que vai promover o desenvolvimento quando a sua política conduziu o País a uma grave crise económica e social.

No outro, na Pontinha teremos António Guterres, a mostrar-se indignado com a política do PSD, a «fazer de conta» que vai ter uma política diferente, quando este sabe que, seguindo as políticas de Maastricht, iremos ter mais desemprego, mais liquidação do aparelho produtivo agravando a nossa dependência e o nosso atraso relativo.

O nosso adversário principal é o PSD e a política de direita e é por isso mesmo que não podemos deixar de chamar a atenção dos trabalhadores e do povo português para as propostas e a política que o PS defende.

E não venha o PS dizer que o PCP os está a atacar por divulgar a sua política. Foi o PS, concretamente o eng. Guterres, que afirmou que era liberal em economia, embora preocupado com as questões sociais, ou seja, vai continuar no essencial a política do PSD e depois para as vítimas de tal política diz que terá um 115 para os mandar para o Hospital.

Foi o PS que através dos seus principais porta-vozes e não o PCP que tem afirmado que de facto a política económica do PS não difere muito da do PSD. E há até os que dizem agora que tal não é mau pois garante a estabilidade. É a teoria de que é preciso mudar alguma coisa para que tudo fique na mesma.(...)

Será que Fernando Nogueira no comício do Pontal vai lembrar que foi o PSD que aumentou a idade das reformas das mulheres de 62 para 65 anos, que foi o PSD que diminuiu a participação do Estado em relação aos medicamentos, que foi o PSD que degradou as pensões e reformas, os salários, que liquidou direitos dos trabalhadores e que nestes quatro anos duplicou a taxa de desemprego?

Será que vai lembrar que foi o PSD que prometeu a regionalização e a redução do horário de trabalho semanal máximo para as quarenta horas?

Será que vai recordar o esbulho do sector empresarial do Estado, as negociatas e a corrupção?

Certamente que não. Fernando Nogueira quer jogar com o eventual esquecimento de muitos e com o truque da mudança de líder. (...)

Debates televisivos

E é também aqui, na diferença de esquerda que representamos, que está a razão principal da grande operação de perversão do carác-

ter democrático e da real natureza das próximas eleições, dessa clamorosa ofensa aos princípios do pluralismo e da equidade, dessa vergonhosa viciação da verdade da vida política e da disputa eleitoral que constituíram, por exemplo, os debates televisivos apenas entre Fernando Nogueira e António Guterres que os estados maiores do PSD e do PS, com a cumplicidade dos canais de televisão, continuam laboriosamente a negociar, comportando-se infamemente como se fossem donos do país e patrões da democracia.

A este respeito, é tempo de dizer quatro coisas essenciais:

- a primeira é que percebe-se que Nogueira e Guterres só queiram debater entre eles: é que assim estarão inteiramente à vontade para fingirem que são muito inimigos e têm grandes diferenças de projecto, uma vez que no debate faltará a voz do PCP para os confrontar com as semelhanças essenciais entre os que uns fizeram ao longo de 10 anos e outros confessadamente se propõem fazer no futuro e faltará a voz do PCP e da CDU para apresentar uma política verdadeiramente alternativa;

- A segunda é que debates apenas entre Nogueira e Guterres podem com se vê corresponder à lógica dos interesses do PS e do



Carlos Carvalho na Costa da Caparica

PSD mas não correspondem nem à lógica da democracia, nem aos princípios democráticos, nem à necessidade de esclarecimento do eleitorado sobre as diversas opções em jogo, nem a uma confrontação efectivamente pluralista de ideias e projectos;

- a terceira é que para que fique inteiramente claro que o PCP e a CDU darão um firme e decidido combate a estas e a outras manobras para o discriminar e silenciar, e continuarão a levantar a exigência, inteiramente razoável e efectivamente democrática de debates com a participação simultânea dos responsáveis das principais forças políticas representadas na AR;

- a quarta é para dizer que está a chegar a hora, não apenas dos militantes do PCP, não apenas dos eleitores do PCP e da CDU, mas de todos os cidadãos que prezam os valores do pluralismo e da democracia intervirem com a sua opinião e com o seu protesto directo na luta para derrotar e fazer recuar estas grosseiras e insolentes ofensas à democraticidade das eleições. Porque é a democraticidade do acto eleitoral que está em causa (...).

■ Agostinho Lopes

O futuro do comércio (1)

O camarada Agostinho Lopes, membro do Secretariado e da Comissão Política do CC, proferiu recentemente, a convite da I Convenção do Comércio Português, realizada nas Caldas da Rainha, uma extensa comunicação sobre o tema em debate - «Estratégia de Futuro para o Comércio». Pelo interesse do tema e da abordagem feita, damos início hoje à publicação de largos extractos dessa intervenção. Os subtítulos são da responsabilidade da Redacção.

Interrogarmo-nos sobre a «Estratégia de Futuro para o Comércio» exige, certamente, começar por analisar e reflectir sobre o presente, e mesmo sobre um passado próximo. Questionar os problemas de hoje, investigar as suas causas estruturantes, determinar os fios condutores de certas opções, avaliar a razoabilidade e coerência das políticas, das medidas decididas, da bondade das análises e explicações que vão sendo expandidas ao nível das várias instâncias e entidades intervenientes, do Estado, das associações socioprofissionais, das forças sociais e políticas.

A agudeza dos problemas que hoje enfrenta a imensa maioria dos comerciantes portugueses é sobejamente conhecida. É uma situação de crise aguda, de uma concorrência desenfreada pelos mercados e clientes, de extremas dificuldades e estrangulamentos financeiros, de profundas desigualdades entre as diversas dimensões do capital comercial, no acesso ao crédito, aos fornecedores, aos apoios do Estado, etc., etc., etc.

Parece-me que todas as palavras serão inúteis para dar conta da situação que bem conheceis. Por isso, noutras direcções vou caminhar.

Para ponto de partida e base de reflexão, vou servir-me do discurso oficial e oficioso da última revista do IECP - Comércio e Turismo (1), distribuída recentemente como encarte de dois grandes jornais diários. Para lá da sua mais-valia eleitoral - tanto mais-valia quanto aparece como órgão «neuro», «apartidário», da Administração Pública, pago por todos nós, para maior glória de quem nos governa - representa um bom exemplo, uma síntese quase perfeita, da acumulação de argumentos viciados, de explicações simplistas, de mistificações intencionais, de contradições clamorosas, de raciocínios defeituosos, tudo para tentar demonstrar três coisas:

Primeiro, o grande comércio, a grande superfície, a grande cadeia comercial, é o futuro... e o Governo não pode «travar o futuro»... é a vontade dos consumidores, é a evolução natural das coisas, é o resultado do mercado... o que não quer dizer que não se admita que, de forma complementar, permaneçam pequenas lojas, em particular aquelas associadas a grandes cadeias nacionais e internacionais...

Segundo, os grandes responsáveis pela crise em que se encontra o pequeno comércio, o comércio tradicional, são, quem diria, os comerciantes, que não se modernizam... que resistem à modernização... que estagnaram... que não se adaptam às novas exigências dos clientes...

Terceiro, os problemas existentes de estrangulamento do pequeno comércio nada têm a ver com as políticas levadas a cabo pelo Governo, restrições do mercado interno, liberalização dos horários, desregulamentação, falta de fiscalização, das leis da concorrência, selectividade no acesso aos fundos comunitários... e, essas orientações do Governo não são só acertadas, como as únicas possíveis...

Três conceitos surgem no discurso do Governo e de algumas oposições como vectores operatórios, como ideias-chave, nas análises, nas explicações, nas propostas. Três palavras mágicas que respondam a tudo e não resolvem nada: a «modernização»; o «consumidor»; a «competitividade». Conceitos que suportam um discurso profundamente ideológico, carregado de pseudo-objectividade, de «realismo» e «bom senso», para esconder opções políticas, decisões políticas. Para desculpar as políticas que favorecem certos interesses em prejuízo de outros. No caso em apreço, os interesses do grande capital nacional e transnacional actuando na distribuição e no comércio, em desfavor da generalidade dos comerciantes portugueses, e em particular do

comércio tradicional, do comércio de pequena e média dimensão.

«Modernização»

A palavra «modernização» nas suas diversas variantes verbais ou sinonímicas, mais ou menos adjectivadas («urgente», «importância decisiva», «verdadeira linha de clivagem», «modernizar é preciso») é repetida até à exaustão. Trata-se de uma verdadeira lavagem ao cérebro dos comerciantes, procurando que estes interiorizem as suas responsabilidades: eu e só eu sou culpado, que não me modernizo, não me modernizo, logo sou culpado...

Entretanto, a fluidez do conceito é notável. É um verdadeiro albergue espanhol. Cabe lá tudo. As «decorações apelativas» e o «atendimento simpático, eficiente e personalizado». A «diversidade dos métodos de pagamento e o horário de atendimento» (se não sabiam ficam a saber que da modernidade faz parte o horário de atendimento, ou melhor, o não haver horário... Moderno foi o início do século XIX, em que a actividade industrial não tinha horários! Moderna é, ainda nos nossos dias, a actividade agrícola, em que se trabalha do nascer ao pôr do sol...). Da modernidade faz parte a decoração da rua «feita a pensar no cliente» e a «facilidade de estacionamento». Muitas dificuldades vão ter os comerciantes em se modernizar nalgumas zonas das nossas cidades...

Mas apesar de toda a sua longa amplitude e maleabilidade. Este conceito de modernização do comércio não fala da qualidade do emprego que a «modernização» gera. Esquece, em particular quando a sua densidade é elevada ou a sua localização se faz em zonas já superlotadas, os problemas de tráfego que causa pela concentração automóvel, a sobrecarga das infra-estruturas, a agressão ambiental e quantas vezes urbanística que as grandes superfícies e centros comerciais provocam.

E é interessante anotar que a Revista do ICEP que foi a um estudo da Federação dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços (2) buscar cobertura em defesa da sua dama, a «concentração da distribuição», as grandes empresas comerciais e a modernização, esquece-se estranhamente de citar o que o estudo refere sobre o emprego.

Atente-se: as «observações quanto a antiguidade na empresa, estrutura etária, habilitações, níveis de qualificação e salários levam-nos a concluir que a modernização do comércio, efectuada por via

uma grande superfície, um centro comercial, uma cadeia de lojas, etc., e uma capacidade de modernização e de permanente evolução, com o objectivo de futuras e crescentes rentabilidades...

E esta é outra questão esquecida na abordagem oficial da modernização: que expectativa tem o seu negócio no curto e médio prazo, que leve o comerciante a arriscar investimentos, quase sempre vultuosos à sua dimensão, e quando as incertezas no actual contexto são mais que muitas... muitas mais que as certezas. É o problema decisivo da confiança para se investir. Mas que confiança pode ter o comerciante quando todos os dias ouve falar da instalação de novos espaços comerciais. Quando lê no jornal que «Portugal poderá vir a ter até 1998 (...) mais de um milhão de metros quadrados em espaços comerciais», passando à frente da Holanda, da Bélgica, do Luxemburgo (nalguma coisa havemos de não ser os últimos...). Quando se prevê que até ao ano de 1998 entrem em funcionamento mais nove hipermercados!

E dois conhecidos exemplos de «modernização» do nosso país põem certamente de sobreaviso até o mais afoito dos empresários.

Na agricultura, aliás também largamente maltratada por esta «modernização comercial», correspondendo à propaganda oficial, incentivados por ajudas comunitárias e do Orçamento do Estado, milhares de agricultores, na grande parte dos casos os mais novos, os mais dinâmicos, investiram o que tinham e não tinham. Hoje estão empenhados até ao pescoço, a dívida da agricultura é um pesado fardo a estrangular a actividade agrícola e também as actividades a montante e a jusante, entre as quais o comércio.

Desde a adesão à CEE até 1993, os agricultores receberam 346 milhões de contos de apoio ao rendimento (FEOGA e Orçamento do Estado) e pagaram 412 milhões de contos de juros à banca!

Algumas entidades bancárias tendem a transformar-se nas maiores proprietárias de terras deste País. Milhares de jovens agricultores, instalados também com apoios oficiais, correm o sério risco de falirem e desaparecerem como potencial força renovadora do agros português.

A chamada «modernização» dos matadouros, com a criação da Rede Nacional de Abate, hoje chamada PEC, é outro caso exemplar.

Em seu nome, e para cumprir uma directiva comunitária, liquidaram-se dezenas de matadouros municipais e pequenos matadouros privados, apesar da opinião dos agricultores que se opunham a essa «modernidade». Hoje conhece-se a amplitude do desastre. Os novos matadouros que funcionam, fazem-no numa percentagem

ridícula da capacidade instalada. Outros faliram ou estão a caminho da falência. Outros não chegaram a entrar em funcionamento. Outros não passaram dos alicerces ou dos projectos. Outros, ainda, são hoje entrepostos de carne importada dos outros países da Comunidade, para maior prejuízo da pecuária portuguesa. E, ironia suprema, o processo de encerramento dos antigos matadouros, justificado tecnocraticamente pelas más condições sanitárias dos abates - era a modernização exigida pela CEE - provocou uma enorme proliferação de abates clandestinos. A «modernização» custa ao País em pura perda, milhões de contos de dinheiro do Orçamento do Estado e comunitários, e gravíssimos prejuízos para os agricultores e a agricultura, para a economia nacional.

Mas na abordagem à «modernização do comércio»

feita na referida Revista, há outra coisa notável. É quando o senhor Secretário de Estado procura dar exemplos de comércio tradicional que se modernizou e que aproveitou as ajudas oficiais. Por duas vezes são citados os «casos do comércio de produtos ópticos e farmacêuticos». E é sobretudo notável que o senhor Secretário de Estado não tenha tirado qualquer ilação dessa particular apetência das farmácias e das «ópticas» para a modernização. Serão necessárias mais palavras?

Será necessário esclarecer a particular situação da concorrência controlada do mercado de retalho dos produtos farmacêuticos! A particular situação, como aliás se refere na Revista, do «sector óptico» organizado em três grandes grupos com fortes posições no mercado?

Será de recordar a guerra relativamente recente das «farmácias» aquando da tentativa das grandes superfícies comercializa-



das grandes superfícies, se tem feito à custa da precariedade do emprego, de maior discriminação e da desqualificação dos trabalhadores.

No caso da actividade comercial não só a evolução do negócio da distribuição e a modernização do mesmo se não tem feito acompanhar pela melhoria dos salários e condições de vida, como seria desejável, mas tem ocorrido em simultâneo com uma alteração substancial da estrutura de emprego em termos de degradação da qualidade do emprego e dos salários.

É certo, como se refere no texto da Revista, que modernização não se confunde com dimensão física. Mas que essa conclusão não iluda o problema central, o da dimensão económica da empresa ou grupo de empresas. Esta é que faz a diferença. Mas esta diferença tem uma implicação lógica: à grande dimensão económica está associada em geral uma elevada dimensão física,

rem certos produtos dietéticos?

Mas a modernização é o caminho para os outros dois grandes temas do actual «pensamento único» sobre esta e outras matérias: o «consumidor» e a «competitividade».

O «consumidor»

O «Consumidor» é a construção ideológica decisiva, verdadeira artilharia pesada, nesta autêntica guerra surda contra os pequenos e médios comerciantes, contra os outros sectores da actividade produtiva, como é o caso dos agricultores que não produzem ao «gosto» dos consumidores. «Figura social» elaborada pelos «ideólogos» das transnacionais, com a credibilidade científica de cátedras universitárias e dezenas e dezenas de livros de *marketing*, pretendem convencer cada homem e mulher de que eles são, em primeiro lugar, consumidores. **Que ser é consumir.** E um consumir que é sobretudo comprar.

Tudo se justifica em nome da «ditadura» dos consumidores. A «modernização». A «qualidade». Os gostos. Os horários. As importações.

Através de um conhecido truque, despem-se de cada homem e mulher concretos as suas diversas, inseparáveis e humanas condições, a de um ser que trabalha, a de um ser que tem família, a de um ser que é cidadão de um país e parte da comunidade humana, e absolutiza-se, sublinha-se, deslata-se, o facto de cada ser humano, nos dias de hoje, adquirir bens e serviços, que lhe são fornecidos por outros, num acto de mercado.

Esta montagem permite depois todas as mistificações, todas as justificações. Uma primeira e importante vantagem é que faz desaparecer qualquer diferenciação social. Tanto é consumidor o excluído social, desempregado há anos, como o quadro superior, como um grande capitalista. Homogeniza-se o todo social, esbaltando-se contradições e antagonismos sociais, anulando-se diferenças, inclusive a decisiva, na matéria em causa, a diferente capacidade económica de consumir... Todos são consumidores. Depois, como a dimensão de consumidor subleva a de trabalhador, a de cidadão, a de pai ou mãe de família, é imperativo que se possa consumir ao domingo!

Tudo é feito para coincidir e confundir os interesses do grande capital com os interesses do cidadão.

Para isso, «massajam-se» pela publicidade os seus gostos e o seu amor próprio: o consumidor «que cada vez mais sabe o que quer»...

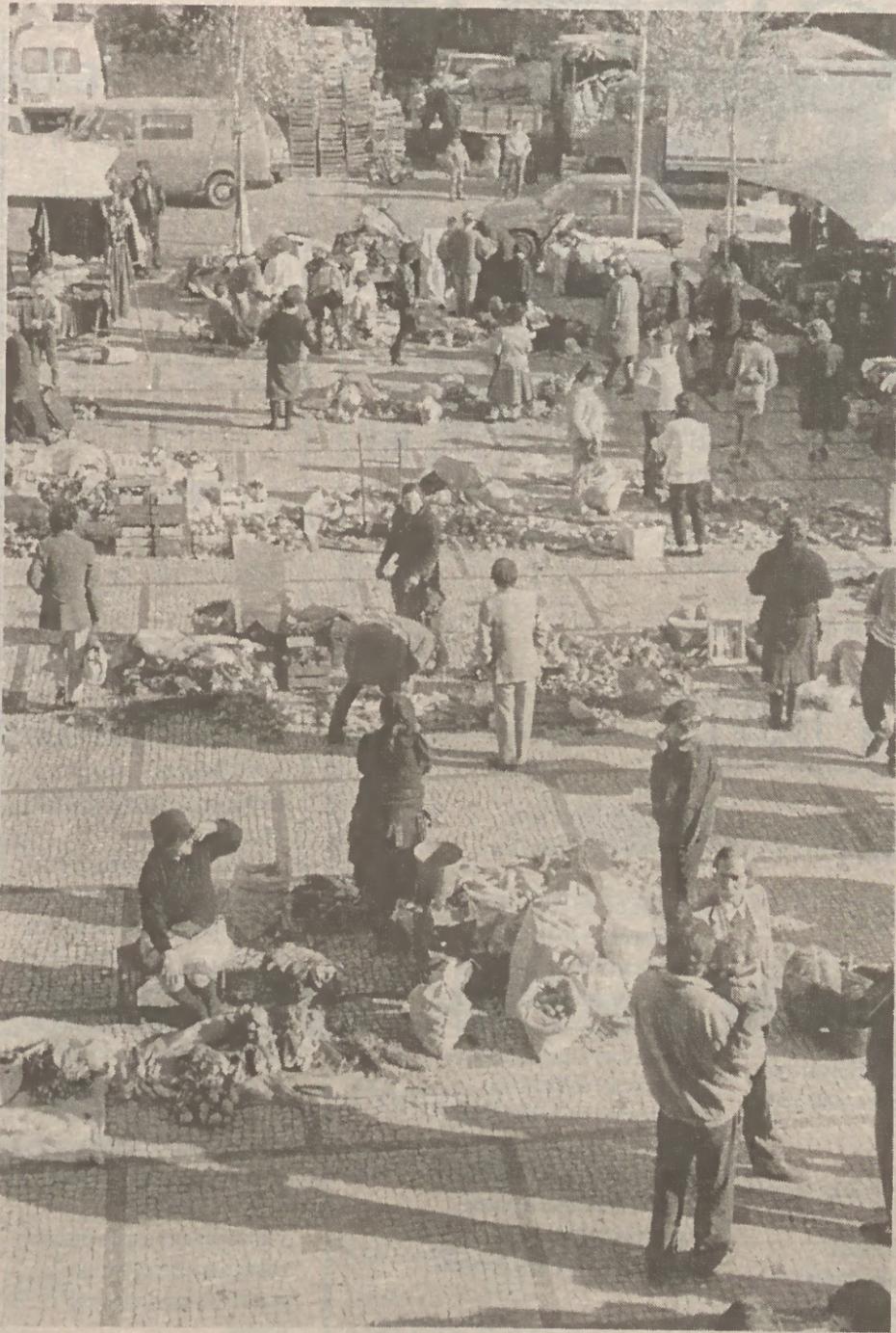
Faria algumas interrogações. Quem compra carne e leite com «hormonas», compra o que quer? Quem compra a fruta grande, redonda e brilhante, mas sem qualquer qualidade organoléptica, compra o que quer? Compra-se mesmo «qualidade» nesses locais? Porque é que, «sabendo o consumidor o que quer», é uma experiência traumatizante a simples compra de um electrodoméstico numa grande superfície?

É ainda a ilusão semeada pelo *marketing* e a publicidade de que a procura comanda a oferta. Como se não comêssemos o que as transnacionais da agro-alimentar querem que se coma. Com um pequeno acréscimo, é que ficamos convencidos que somos nós que escolhemos...

A «competitividade»

A «competitividade» é outro conceito absolutizado, meio transformado em fim, arma ideológica na redução salarial, na restrição de direitos sociais, na concentração e centralização do capital, engordando o grande à custa do pequeno, engolido ou liquidado.

De possível e simples critério de eficácia produtiva (e também meio de acesso aos mercados exteriores) ela é imposta como critério único e incontornável da economicidade de uma produção, de uma empresa, independentemente das necessidades reais



às quais esta produção se liga, independentemente das outras valias que a empresa possa assumir. De critério único de distribuição de recursos e investimentos.

Mas tentar falar de competitividade entre o comércio tradicional e a actividade comercial do grande capital, é falar de uma impossibilidade. A de existirem iguais condições no acesso aos mercados e na concorrência. É combate de boxe do peso pluma contra o peso pesado. É a formiga e o elefante a ver quem pisa quem... Não são coisas do mesmo universo económico. O único ponto de contacto é que disputam o mesmo mercado, o tal consumidor...

Mas é possível a concorrência entre o poder político e económico da estrutura accionada pela transnacional e a pequena e média empresa de capitais nacionais. Algum dia poderá a loja familiar ter fins-de-semana e praticar os horários das grandes superfícies? Ter um acesso ao crédito, aos abastecimentos agro-alimentares e industriais nas condições das grandes superfícies, o acesso à importação directa, mesmo que se encontrem associadas em centrais de compras (e não subestimando a importância destas)? E a iguais condições de fiscalidade?

A Comissão da Comunidade Europeia não tem dúvidas quando caracteriza o sector da distribuição como tendo uma estrutura de concorrência monopolista... O que não é difícil de aceitar quando se olha para a selecção das 50 primeiras empresas europeias de distribuição, onde não existe nenhuma portuguesa, mas onde estão as que já cá chegaram e as que se preparam para chegar!

Alguém acredita na capacidade de concorrência de grande parte das empresas de comercialização dos materiais de construção civil quando se instalarem no País as lojas (grande superfície ou não) da empresa resultante da associação de um grupo português com a SHV, multinacional holandesa que se prepara para investir no projecto 50 milhões de contos?

Mas valerá a pena o **Governo**, que se diz preocupado com o pequeno comércio, nos apresentasse os estudos que terá feito, que mostram a maior eficácia económica, na actividade comercial da grande superfície...

Quem decompuser os excedentes de exploração arrecadados pelas grandes superfícies e avaliar o que é margem comercial, o que são ganhos financeiros (recebimento a pronto e pagamento a prazo), o que é «mediação imobiliária», aluguer de espaço comercial, certamente que vai ter grandes surpresas.

A defesa da competitividade, sem rei nem roque no sector do comércio, hoje, na sociedade portuguesa, significa defender a total monopolização do comércio, significa liquidar a concorrência.

Não é a crescente exigência dos consumidores para a modernização que impõe uma cada vez maior e mais desregulada concorrência! É a necessidade do grande capital se expandir e acumular. A sua necessidade de ter um espaço económico cada vez maior, para realizar a mais-valia de que se apropriou.

Impedir a monopolização é para o Governo travar o futuro. Como ninguém pretende que o Governo concretize uma impossibilidade, o resultado final é fácil de adivinhar.

(...)

Quem não quer a modernização? Quem não quer um «consumidor» satisfeito? Quem não quer empresas competitivas? Quem será o retrógrado que defende a «lojinha tem tudo», com moscas e o resto?

Quem não estará de acordo com a adaptação do comércio às necessidades do consumidor, de preferência oferecendo de brinde a cada cliente um «carrão»?

Quem poderá estar contra um ambiente comercial de saudável emulação competitiva?

É evidente que ninguém. Nem os produtores, nem os comerciantes, nem os ditos consumidores. Nenhum português.

O colossal falhanço

É que o problema é necessariamente outro! É, sob evidentes evidências, truísmos do tamanho da crise do pequeno comércio, com proposições e argumentos perfeitamente consensuais e incontestáveis, fazendo da excepção a regra ou tomando a parte pelo todo, procurar fechar os olhos aos problemas, deixar correr o marfim, isto é, a expansão desordenada, anárquica, dos espaços comerciais, fugir à intervenção reguladora do Estado no disciplinar da actividade, na tomada de medidas ajustadas à multiplicidade de interesses em jogo, na definição e concretização de políticas e medidas que permitam responder a uma necessária modernização do tecido comercial português, à altura do seu importante papel nas sociedades dos nossos dias.

Nos textos que venho analisando, o secretário de Estado do Comércio, na entrevista referida, questionado sobre a «resistência à modernização», indica, na minha opinião com justeza, embora de forma simplificada e redutora, dois motivos reais, que vale a pena citar:

— «a falta de preparação em virtude de o comércio ser uma actividade com um nível de ocupação elevadíssimo, deixando pouco tempo para os comerciantes se dedicarem à reflexão sobre o investimento e o planeamento a longo prazo»;

— «a maioria das empresas comerciais são sociedades do tipo familiar e que não possuem os capitais próprios necessários, até para um relacionamento mais fácil com os bancos» (sublinhados meus).

Mas que respostas se deram para a ultrapassagem destes obstáculos à modernização? Sem querer caricaturar:

À falta de tempo, a proposta de que trabalhem ainda mais horas para responder à liberalização dos horários das grandes superfícies... porque assim o exige a modernidade!

À falta de capitais próprios, uma política de crédito desajustada, com elevadíssimas e discriminatórias taxas de juro — em recente relatório da Comissão da Comunidade Europeia sobre as Pequenas e Médias Empresas (PME), apontava-se para um diferencial, em Portugal, de 6 pontos em relação às grandes empresas, faze a uma média comunitária de 2 pontos!

Não é certamente o PROCOM, na sua actual formulação, que vai responder a estes problemas. Pela selectividade que estabelece, através dos patamares financeiros definidos, pela burocracia que coloca, pelas exigências que faz às empresas candidatas. (As exigências são tantas, que fica uma legítima dúvida: as empresas em condições de as satisfazer precisam do PROCOM para alguma coisa?) Parafraseando uma frase bíblica, continuarão certamente a ser muitos os candidatos e poucos os escolhidos! O senhor Secretário de Estado viu-se obrigado a repetir como exemplo de projectos aprovados, «os projectos na área da óptica, das farmácias»!

Mas é no mínimo estranho, lançado este novo programa integrado no II Quadro Comunitário de Apoio, não ter o Governo feito (ou, pelo menos, não é do conhecimento público) um rigoroso balanço ao antigo Sistema de Incentivos à Modernização do Comércio (SIMC)! Que não se saibam quantos projectos, em que áreas e ramos, que investimento total, que apoios, que problemas surgiram, que experiências se colheram para o PROCOM! Ou é possível tirar a conclusão de que o SIMC foi um colossal falhanço? Hoje, é como se o SIMC nunca tivesse existido!

(continua)

(¹) Comércio e Turismo, ano 1, nº 4, Julho 1995, 140 000 exemplares distribuídos com o Diário de Notícias e o Jornal de Notícias de 26 de Junho;

(²) Janeiro de 1995.

Paulo e Roberto

Ao ouvir no mesmo número Paulo Portas e Roberto Leal, «o Diabo», da semana passada, ajudou, provavelmente sem querer, a pôr em evidência, que essa coisa da diferença dos discursos do PP e do PSD é mais aparente do que real. É assim pelo menos em relação a estes dois representantes das respectivas listas que mais parecem duas almas gémeas do que dois candidatos rivais. Roberto parece o Paulo quando diz, por exemplo: «o

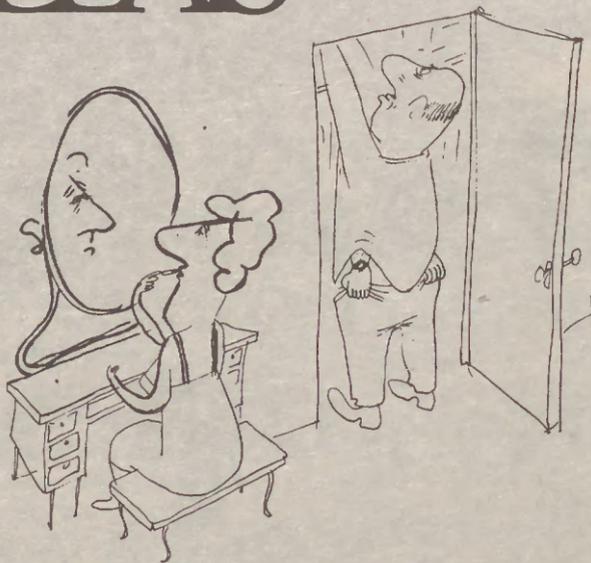
que nos falta a nós portugueses: termos orgulho da nossa terra, da nossa raça.» Por sua vez, o Paulo parece Roberto quando afirma, por exemplo: «se eu viesse aqui gritar poderia ter levado duas ou três pessoas ao entusiasmo, mas não chegaria às suas almas, que é onde quero chegar.» Um declara (qual deles será?) «ainda me considero um idealista», o outro replica «vim para a política por convicções»; um sentencia: «as pessoas têm uma ideia certa sobre os partidos», o outro conclui: «acho que o povo não é estúpido.»

PONTOS CARDEAIS

Querem mais? Ambos declaram que não fazem demagogia...

Manel e Miguel

A declaração de Manuel Monteiro sobre os fogos florestais pôs mais um pouco a descoberto um outro lado inquietante do seu ideário político: a xenofobia. Não se limitou a apontar o



inimigo externo como fator incendiário, quer a intervenção da força armada, quer a ocupação militar das matas.

Fresco e sem escrúpulos este menino!

Parece que finalmente alguns daqueles que lhe acham muita piada quando escutam os seus ataques demagógicos aos políticos (como se ele não fosse um dos piores), aos partidos (como se ele não fosse o chefe de um dos mais ávidos) e às instituições democráticas (que verdadeiramente não suporta), começam a perceber que há muito fascismo nas suas tiradas.

Continua, no entanto, a ter os seus cultores, como Miguel Sousa Tavares, que já depois do lançamento da «guerra aos estrangeiros» ainda sentenciava no «Público»:

«... o PP, com razão ou sem ela, demagogicamente ou não, para o caso tanto faz, tem tido capacidade de impor os debates que suscitam a separação das águas, as fracturas políticas de onde nascem as opções do eleitorado. Como se vê, os «bons espíritos» encontram-se...

Militantes e independentes

Na entrevista que concedeu ao «Expresso», do passado sábado, Almeida Santos abordou com muita frontalidade a relativa escassez de independentes nas listas do PS, em relação às promessas feitas por Guterres. Disse ele: «Não se pode pôr um militante na rua com a facilidade que se julga e substituí-lo por um independente.» Entretanto, rasgando perspectivas, prometeu a seguir: «se ganharmos as eleições, há outras áreas e domínios em que a colaboração é possível e desejável.» Ai se eles ganham as eleições... a dança de lugares que não vai haver?!

FRASES da SEMANA

«Uma ou outra falha, um ou outro erro, não vão pôr em causa a política portuguesa em relação a Timor-Leste.»

☞ (Marques Mendes - «Público», 16.08.95)

«Penso que o dr. Fernando Nogueira terá sempre dificuldade quando se trata de ganhar um combate político, mas depois surpreende pela positiva quando entra numa fase de exercício do poder.»

☞ (Luís Filipe de Menezes - «Semanário», 19.08.95)

«Fernando Nogueira não é um líder carismático, de grande motivação.»

☞ (Durão Barroso - «Expresso-Revista», 19.08.95)

«Não estou nada convencido que Cavaco seja candidato.»

☞ (idem)

«Não me leve a mal mas não comento a entrevista de Durão Barroso. No final dos comícios nunca falo.»

☞ (Cavaco Silva - «O Diabo», 22.08.95)

«Eu não esqueço as minhas raízes e as minhas raízes estão na universidade e nas finanças públicas. Espero reformar-me como professor.»

☞ (Cavaco Silva - «Jornal da Noite/SIC», 21.08.95)

«A política monetária/cambial de 1989 a 1993 criou dificuldades a muitas empresas, o que contribuiu para um certo aprofundamento da recessão.»

☞ (Costa Pinto, vice-governador do Banco de Portugal - «Diário de Notícias», 21.08.95)

«Portugal irá continuar a receber, nos próximos quatro anos, dois milhões de contos por dia.»

☞ (Almeida Santos - «Expresso», 19.08.95)

«Se quisesse votar à esquerda, provavelmente votaria no Partido Comunista. O partido político mais próximo da esquerda, ou do que possa ser chamado esquerda, ainda é o PCP»

☞ (Vitor Cunha Rego - «Vida»/«Independente», 18.08.95)

«Prefiro o PP ao PC»

☞ (Narciso Miranda - «O Diabo», 22.08.95)

«Não vão às Antas!»

☞ (Santana Lopes, citado em «Público», 17.08.95)

«Mais vale euforia que abatimento.»

☞ (Almeida Santos - «Expresso», 19.08.95)

PONTOS NATURAIS

A parábola

Eu já estava com um pé cá outro lá. Olhava sem ver. Pronto, passava pelas brasas. Com o meu complexo de sentinela de Pompeia, não desfitava o televisor.

Onde passava um filme. A pretibranco. Dramático! Ainda apanhei este diálogo:

— Eu estava, em criança, com o meu tio Óscar e ele perguntou-me: «Se houvesse uma epidemia e só vivéssemos nós os dois, quem preferias tu que escapasse?»

— O tio Óscar.

Deu-me uma bofetada e disse:

— É um parvalhão quem não pensa em si em primeiro que nada.

Durante a guerra houve bombardeamento. Éramos dois a correr para o obrigo. Cheguei primeiro e o outro morreu. O tio Óscar devia orgulhar-se de mim.

— Quem era o outro que não salvaste?

— Era o tio Óscar».

Não tive tempo de digerir a parábola porque, atormentado pelos raios Gama, já eu me ausentara para parte incerta.

Dói tanto, às vezes!

Extremamente penosa a situação. Henrique Mendes procura arrancar algumas palavras à pobre da Maria Fernanda, 20 anos de orfanato, em busca da mãe que nunca mais vira, desde criança.

Diálogos assim:

— Teve momentos felizes na sua vida?

— Não me lembro de nada.

A mãe aparece! Entra a bater palmas, como a assistência. Conta, com voz firme, como tudo se passara. De olhos enxutos. A miséria acaba por beber todas as lágrimas, à força de as ter vivido todas.

Dói tanto, às vezes, ver televisão...

Notícia

Estava um no Pontão estava outro na Pontinha o Pontão não era tão e a Pontinha era bem inha. Algum, se tinha chavão, era chavão que outro tinha.

Sem solução o Pontão sem solução a Pontinha.

Estava um na Pontinha estava outro no Pontão e toda a lúbia que um tinha tinha-a o outro, grão a grão. Comendo a mesma ração saram com a mesma mezinha vento suão na Pontinha vento suão no Pontão.

Se a direita tem Pontão ninguém me tira da minha que a esquerda precisa então muito mais que uma pontinha.

Dorminhocos

São os heróis de Acapulco. Os Estados Unidos confiam neles. Mais uma vez eles se mostram dignos dessa confiança. Eu conto.

O velho espião já retirado das lides anda perseguido por agentes russos porque sabem que ele sabe quem é o «dorminhoco», ou seja, o chefe dos espíões infiltrados no Partido Comunista Russo. Os heróis americanos de Acapulco dispõem-se a proteger o «dorminhoco» que, com a idade, ficou um bocado balhelhas. Se os russos o apanham, o tateitate pode contar tudo.

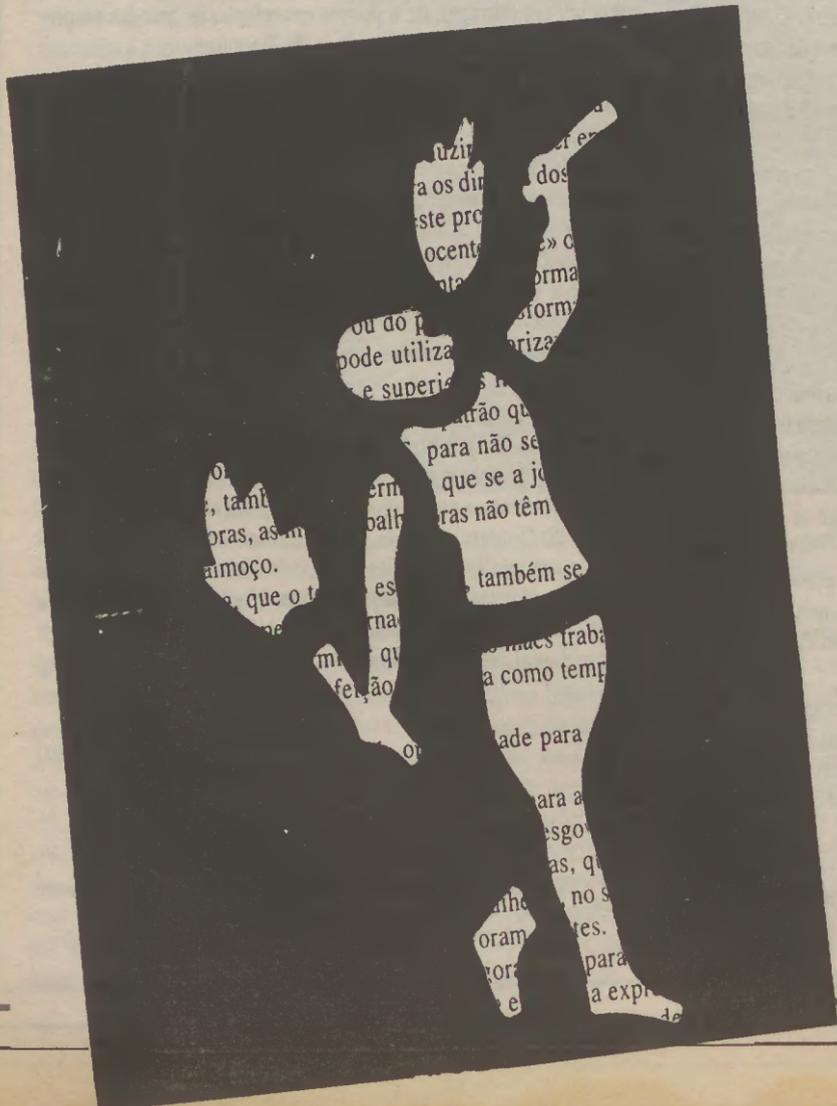
Mas ainda há o «perigo russo»? Sim, e de que maneira! Os dirigentes americanos temem que o Partido Comunista regresse ao poder e nesse caso as toupeiras serão de grande utilidade. Não podem perder os seus agentes infiltrados na cúpula e que já prestaram, aliás, inestimáveis serviços à causa da liberdade, da civilização e das pipocas.

Tudo acaba como deve ser, com o velhote a safar-se das garras aduncas (e tão idiotas...) dos seus perseguidores, graças à acção dos heróis, dos heróis de Acapulco. O que, aliás, nunca esteve em causa nem é disso que lhes quero aqui falar.

O que quero é dar-lhes conta dos receios dos americanos. Aliás, injustificados. Falem eles com os comentadores da televisão portuguesa e logo saberão que a situação é irreversível.

... Mas serão assim tão tontinhos, os heróis de Acapulco?

Mário Castro



Álvaro Cunhal

Presidente do Conselho Nacional do PCP

e **José Soeiro**Cabeça de lista da CDU
em visita ao**Distrito de Beja****Domingo, 27**12h30 - Encontro com a população de Pias, no
Largo Ribeirinho15h00 - Encontro com a população de Vale de
Vargo, no Centro Cultural16h30 - Encontro com a população de Vila Nova de
S. Bento, no Cinema18h00 - Encontro com a população de Ficalho, no
Largo do Jardim19h30 - Encontro com a população de Safara, no
Largo 25 de Abril22h30 - Encontro com a população de Amareleja,
no Largo do Relógio**PROGRAMA ELEITORAL DO PCP**

- apresentação pública -

*Hoje, dia 24,**às 17h**no Espaço Vitória, em Lisboa*

com a participação de

CARLOS CARVALHAS**CARLOS CARVALHAS em iniciativas da CDU***Sexta-feira, 25**no Distrito do PORTO*

Festa-comício

na **Praça da Ribeira / Porto**

a partir das 21h30

também com a participação de **João Amaral**e o espectáculo: «*Chegar a Bom Porto*»com **Lúisa Basto, João Fernando, Manuel Loureiro****Nuno Gomes dos Santos e Banda**

A partir das 21h30

Festa CDU

na **Póvoa do Varzim**

(Esplanada do Carvalhido) a partir das 18h

*Domingo, 27**no concelho de Coruche*Comício-festa no **Couço**

(Largo 25 de Abril)

a partir das 15h30

também com a participação de **Lúisa Mesquita**,
cabeça de lista da CDU em Santarém.

Exibição de ranchos folclóricos

Almoço-convívio na **Fajarda**

(no terreno junto à futura sede da JF)

às 13h

*Terça-feira, 29**em Sines*

Visita aos estaleiros

da **Ponte da Dinamarca** - às 11h45

Almoço com os trabalhadores

no refeitório dos estaleiros - às 13h

- ambos também com a participação

de **Octávio Teixeira**, cabeça de lista pelo distrito de
Setúbal.Está nas nossas mãos
dar a volta a isto!

PCP-PEV

**Festas CDU
no distrito de Braga**Em **Moure/Barcelos**, no Lugar do Assente, festa popular

na sexta-feira a partir das 21h30, com a participação dos

candidatos **António Lopes**, cabeça de lista por Braga, e**Jorge Torres**. Actuará o cantor **Jorge Lomba**.

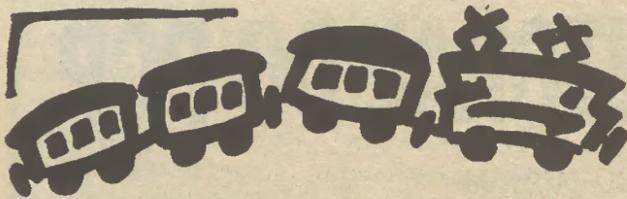
Jorge Lomba participará também na festa popular que se

realiza sábado à noite em **Oliveira S. Mateus/****Famalicão** (no Parque Santana). Estarão presentes oscandidatos **António Lopes** e **Barbosa da Silva**.**Plenários de militantes do PCP**Em **Odivelas** - hoje, quinta-feira, às 21h, no CT de Odivelas,
para discussão da resposta política à retirada de pelouros aos
eleitos CDU na JF de Odivelas pelo PS/PSD, de questões
relacionadas com as tarefas eleitorais e também com a Festa do
"Avante!".Em **Sintra** - quarta-feira, dia 30, no CT de Sintra, plenário de
militantes das freguesias de **Sta. Maria/S. Miguel** e
S. Martinho; dos militantes de **Montelavar** e **Pero**
Pinheiro, dia 29 às 21h30, no CT de Montelavar; com eleitos
locais e activistas da CDU na **Idanha**, dia 29, às 21.30.**Outras acções de propaganda da CDU
com a participação de candidatos****Concelho de Sintra**Adelaide Neves, Rosa Saúde e Lino Paulo,
candidatos da CDU pelo círculo de Lisboa, visitam
no sábado o Mercado Municipal de **Queluz**, a
partir das 10h00.Luís Sá, António Filipe, Lino Paulo e Manuel
Correia, que são também candidatos da CDU pelo
círculo de Lisboa, visitam por sua vez a Feira de
S. Pedro de Penaferrim na manhã de domingo.**Cidade de Lisboa****Hoje, 24** - Visitas ao Mercado do Lumiar (9h), Centro
Comercial do Lumiar (16h) e Galinheiras (18h).**Sexta-feira, 25** - Visitas ao Mercado de Arroios
(9h), Bairro da Boavista (16h)
e Bairro da Horta Nova (18h).**Sábado, 26** - Visita à Feira da Ladra
(a partir das 9h).**Concelho de Loures**Iniciativas de contacto com as populações com a
participação de **Luís Sá**: sexta-feira, visitas ao
Mercado e Zona Central da Pontinha (9h30) e à zona
central de Odivelas (16h30); segunda-feira, 28, visita à
Feira do Silvado (Odivelas).**Reunião em Matosinhos**Está marcada para **hoje**, dia 24, na sede da Junta de
Freguesia, uma reunião de activistas e apoiantes da
CDU do concelho de Matosinhos. Participa **Emídio**
Ribeiro, da Comissão Política do CC do PCP.**Jantar-convívio em Grândola**O camarada **Octávio Teixeira**, cabeça de lista pelo
distrito de Setúbal, participa no próximo sábado num
jantar-convívio da CDU no Pavilhão do PCP na feira
de Agosto, em Grândola.

SINTRA

Jornada de trabalho concelhia
na Quinta da Atalaia - Domingo, 27

Partida de autocarro, às 7h45, do CT de Algueirão, com paragens nas Mercês, 7h50, nas bombas da BP; Rio de Mouro (7h55, CT do PCP); Cacém (8h, CT do PCP), Queluz (8h15, paragem de autocarros dos Quatro Caminhos).



COMBOIO JUVENTUDE CDU FESTA DO AVANTE 95

Ida: 1 de Setembro

Porto	10.25	3000\$
Gaia	10.25	3000\$
Espinho	10.40	2900\$
Ovar	10.50	2700\$
Aveiro	11.10	2500\$
Coimbra	11.50	2000\$
Alfarelos	12.00	1800\$
Entroncamento	12.50	1200\$
Santarém	13.15	1000\$

Regresso: 4 de Setembro

Sta. Apolónia	02.00
---------------	-------

Os preços indicados incluem o transporte de autocarro para a Quinta da Atalaia no dia 1 de Setembro, assim como o regresso no dia 4, com saída às 24 horas da Quinta da Atalaia para a estação de Santa Apolónia.

As horas previstas para a chegada são as seguintes: Santarém - 02.45; Entroncamento - 03.05; Alfarelos - 04.00; Coimbra - 04.15; Aveiro - 04.50; Ovar - 05.10; Gaia - 05.30; Campanhã - 05.40.

Bilhetes à venda nos Centros de Trabalho do PCP e sedes da JCP

Excursões de autocarro para a Festa

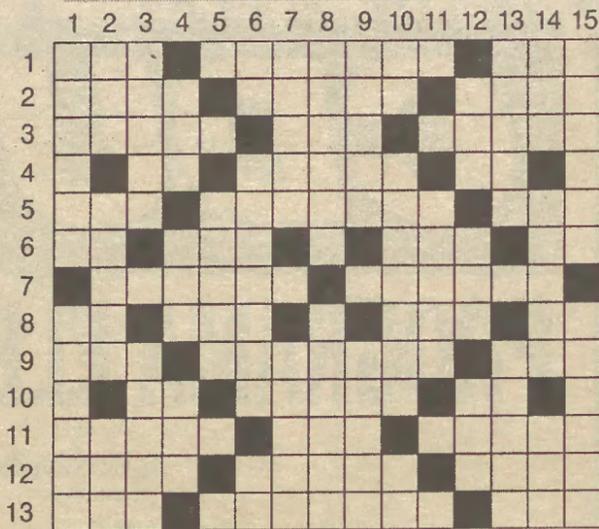
De VILA FRANCA DE XIRA - Sábado, dia 2 de Setembro, e Domingo, dia 3, com partidas de Vila Franca às 08h.

De CASCAIS - Sábado, dia 2, e Domingo, dia 3, com passagens em Alto de Tires - 08.30; Caparide - 08.35; Bicesse - 08.45; Manique - 08.50; Alcoitão - 08.55; Alcabideche - 09.00; Cascais - 09.10; S. João (Sinais) - 09.15; Parede - 09.20; Rana - 09.25; S. Domingos - 09.30; Rebelva - 09.35; Sassoieiros (Pingo Doce) - 09.45. Regresso: dia 2 à 01.00, dia 3 às 22.30.

De CALDAS DA RAINHA - Domingo, dia 3, com partida da estação da RN, às 8 h (Inscrições no CT das Caldas, tel.: 062 23 974).



PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 - Estabelece relações como: causa e modo; praticar; possuir. 2 - Que tem feição de ovo; colocou no lugar próprio; acto de girar. 3 - Embeber em iodo; usufruem; celenterado colorário, que vive nos mares equatoriais em associações coloniais. 4 - Sorri; abrir ou revolver a terra com a enxada; palavra havaiana que designa lavas ásperas e escoriáceas. 5 - Animal vertebrado, pulmonado, de sangue quente, com o corpo coberto de penas; ligaria por casamento; assumir uma expressão alegre. 6 - Sétima nota da escala musical; contracção da prep. «a» com o art. def. «o» (pl.); muar (pl.); contracção da prep. «em» com art. def. «o». 7 - Clínico; antiga moeda brasileira de prata que valia 32 centavos. 8 - Símbolo do sódio; gosta; tritura com os dentes; combinação dos pron. pess. compl. «e» e «a». 9 - Parte do corpo de uma ave que serve para voar; encher até ficar feio; inflexão da voz. 10 - Unidade de comprimento do sistema imperial inglês; designação da pele e do tapete e de um búfalo africano (pl.); sigla de doutor. 11 - Aquele que nos tem amizade; análogo; coberta de suor. 12 - Dou pancadas em; suco oleoso e medicamentoso do zimbro (pl.); criar ovos ou ovas. 13 - Rezo; determinarás o peso de; lavra com charrua ou arado.

VERTICAIS: 1 - Multas; homem nobre e rico, na Índia muçulmana. 2 - Origem; mezinhas; imensidade. 3 - Matriz; instrumento com que se assobia. 4 - Pequeno poema da idade média; as três últimas de cansada; elemento grego de composição de palavras que exprime a ideia de eu. 5 - Pena imposta ao domo de gados que invadem terreno alheio. 6 - Partícula que no dialecto provençal significa sim; cachoeira; para mim. 7 - Tiras a vida; ser (pl.). 8 - Levantar; permanecerá. 9 - Agarrar; devastar. 10 - A minha pessoa; formar rima; sociedade anónima (abrev.). 11 - Criador. 12 - Antigo território Português da Costa Ocidental da Índia; vai ao encontro de; dueto. 13 - Retirar; modera o movimento de. 14 - Período; inerente; doar. 15 - Friccionara contra o ralador; presta amparo a.

SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR.

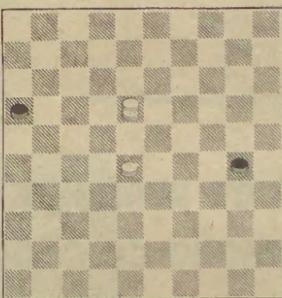
HORIZONTAIS: 1 - Salada; operas. 2 - Araram; ocarina. 3 - Cava; opaco; amor. 4 - Ora; ira; asa. 5 - Ro; atura; ir. 6 - Am; lama; aval; má. 7 - Imita; abeto. 8 - El; vara; oras; Rá. 9 - Fã; amigos; os. 10 - IVA; adi; ori. 11 - Tina; arava; amos. 12 - Imagino; alagada. 13 - Remiro; acaros.

VERTICAIS: 1 - Sacola; emitir. 2 - Arar; mil; vime. 3 - Lavar; fanam. 4 - Ama; oliva; agi. 5 - Dã; ata; ir. 6 - Aro; amara; ano. 7 - Apita; amaro. 8 - Aru; ida. 9 - Ocara; ogiva. 10 - Oco; avaro; ala. 11 - Pã; avba; a.C. 12 - Era; ileso; aga. 13 - Rimar; somar. 14 - Anos; mor; rodo. 15 - Sarara; avisas.

XADREZ

DXXVI - 24 DE AGOSTO DE 1995
PROPOSIÇÃO N.º 1995X065
Por AUGUSTE D'ORVILLE
Le Palamède, Março, 1842

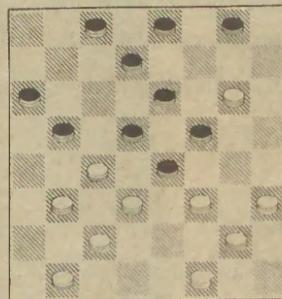
Pr.: [4]: Cb5 - Tf2 - Dg5 - Ra4
Br.: [5]: Pb2 - Cs. d5, 66 - Tb3 - Rh1



Mate em 4 lances

PROPOSIÇÃO N.º 1995X066
Por AXEL ÅKERBLOM
2.º Prémio Morako-Slezky deník, 1927

Pr.: [3]: Ps. a4, h2 - Rh8
Br.: [4]: Ps. a2, d3 - Ba3 - Rd4



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO N.º DXXVI

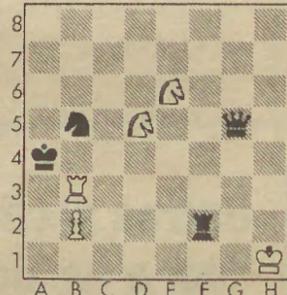
N.º 1995X065 [A. d'O.]: 1. Tb4+!, Ra5. 2. Ta4+, Ra4; 3. Cç5+, Ra5; 4. B4#
N.º 1995X066 [A. Å.]: 1. Bd6!, h1=D; 2. Bc5, Da1+; 3. Rd5, Da2+; 4. Rd6!, Da3+; 5. Rç6, Dç1+; 6. Rd5!, Da3; 7. Rç4, Db4+; 8. Rf5, Da3; 9. Td7+; Rg8; 10. Rg6 e g.

A. de M. M.

DAMAS

DXXVI - 24 DE AGOSTO DE 1995
PROPOSIÇÃO N.º 1995D065
Por J. F. MOSER
DAMminiaturen, 1977

Pr. [2]: 16-30
Br. [2]: (18)-28

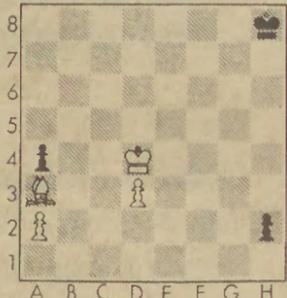


Branças jogam e ganham

PROPOSIÇÃO N.º 1995D066
GOLPE N.º 135
Por JOÃO AMADEU
[Contra: José Vicente]
- Serpa, Abril/1939

1. 10-14, 22-19; 2. 12-15, 19-12; 3. 8-15, 26-22; 4. 7-12, 21-18; 5. 14-21, 25-18; 6. 5-10, 23-19; 7. 1-5, 28-23; 8. 3-7, 32-28; 9. 13-17, 23-19; 11. 17-21, 28-23; 12. 6-10, 23-20

Diagrama
{Pr. [10]: 14-18-19-20-22-24-27-29-30-31
Br. [10]: 2-4-5-7-9-10-11-12-15-21 Br. +}



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO N.º DXXVI

N.º 1995D065 [J.F.M.]: 1. 18-12, (30-35)*; 2. 12-18 (16-21)*; 4. 22-17!! e +
N.º 1995D066 [J.A.]: 13. 21-26, 30-21; 16. 9-13, 18-9; 17. 11-25, 20-11; 18. 7-30=D+

A. de M. M.

FILMES

QUINTA, 24

Uma Mão Cheia de Pó

«A Handful of Dust» (Gr. Br./1988). Real.: Charles Sturridge. Int.: James Wilby, Kristin Scott Thomas, Rupert Graves, Anjelica Huston, Alec Guinness. Cor, 112 min. Ver Destaque. (22.00, TVI)

Amorosa

«Amoureuse» (Fr./1991). Real.: Jacques Doillon. Int.: Charlotte Gainsbourg, Yvan Attal, Thomas Langman, Stéphanie Cotta. Cor, 99 min. Ver Destaque. (22.35, TV2)

A Mulher que não Queria Amar

«Harlow» (EUA/1965). Real.: Gordon Gouglas. Int.: Carroll Baker, Red Buttons, Angela Lansbury, Raf Vallone, Martin Balsam. Cor, 125 min. Drama/Biográfico. (01.00, Canal 1)

SEXTA, 25

Os Passageiros do Tempo

«Time After Time» (EUA/1980). Real.: Nicholas Meyer. Int.: Malcom McDowell, David Warner, Mary Steenburgen, Charles Cioffi. Cor, 108 min. Ver Destaque. (22.00, TVI)

Heróis no Pacífico

«Operation Pacific» (EUA/1951). Real.: George Waggner. Int.: John Wayne, Patricia Neal, Ward Bond, Scott Forbes, Philip Carey. Cor, 109 min. Ver Destaque. (00.40, TVI)

À Margem da Lei

«Great Guy» (EUA/1936). Real.: John G. Blystone. Int.: James Cagney, Mae Clarke, James Burke, Robert Gleker. Henry Koller. P/B, 70 min. Ver Destaque. (00.55, TV 2)

E Tudo o Fumo Levou

«Up in the Smoke» (EUA/1978). Real.: Lou Adler. Int.: Cheech Martin, Tommy Chong, Strother Martin, Eddie Adams, Ray Vitte. Cor, 83 min. Comédia. (01.50, Canal 1)

SÁBADO, 26

Frenzy - Perigo na Noite

«Frenzy» (Gr.Br./1972). Real.: Alfred Hitchcock. Int.: Jon Finch, Alec McCowen, Barry Foster, Barbara Leigh-Hunt, Anna Massey. Cor, 115 min. Ver Destaque. (00.10, TV 2)

Daisy Miller: Uma Mulher às Direitas

«Daisy Miller» (EUA/1974). Real.: Peter Bogdanovich. Int.: Cybill Shepherd, Barry Crown, Cloris Leachman, Mildred Natwick, Eileen Brennan. Cor, 91 min. Ver Destaque. (00.15, TVI)

Howling V: O Regresso

«Howling V: The Rebirth» (EUA/1989). Real.: Neal Sundstrom. Int.: Philip Davis, Victoria Catlin, Elizabeth Shé, Ben Cole, William Shockley. Cor, 93 min. Terror. (01.40, Canal 1)

O Perseguidor

«Schizo» (EUA/1989). Real.: Manny Cotto. Int.: Lisa Aliff, Maja, Aaron Eisenberg, Christopher McDonald, James Purcell. Cor, 84 min. «Thriller». (03.15, Canal 1)

DOMINGO, 27

A Cidade da Vergonha

«Shame» (EUA/1992). Real.: Dan Lerner. Int.: Amanda Donohoe, Dean Stockwell, Dan Gauthier, Lee Garlington, Larry Brandenburg. Cor, 87 min. Telefilme Dramático. (22.20, SIC)

Os Três da Vida Airada

(Port./1952). Real.: Perdigão Queiroga. Int.: Milú, António Silva, Eugénio Salvador, Vasco Morgado, Maria Luísa, Andrade Silva. P/B, 91 min. Comédia. (23.20, Canal 1)

Um Crime no Expresso Oriente

«Murder on the Orient Express» (Gr.Br./1974). Real.: Sidney Lumet. Int.: Albert Finney, Lauren Bacall, Ingrid Bergman, Vanessa Redgrave, Jacqueline Bisset, Jean-Pierre Cassel, Sean Connery, John Gielgud, Anthony Perkins, Michael York. Cor, 124 min. Ver Destaque. (00.30, TV 2)

SEGUNDA, 28

Pão, Amor e Totobola

(Port./1964). Real.: Henrique Campos. Int.: Perla Cristal, Florbela Queirós, Américo Coimbra, Costa Ferreira, Rui Gomes. P/B, 103 min. Comédia. (22.00, TVI)

Justiça Criminal

«Criminal Justice» (EUA/1990). Real.: Andy Wolk. Int.: Jennifer Grey, Forrest Whitaker, Rosie Perez, Tony Todd, Anthony LaPaglia. Cor, 88 min. Ver Destaque. (01.30, Canal 1)

TERÇA, 29

A Mentira

«Living a Lie» (EUA/1991). Real.: Larry Shaw. Int.: Jill Eikenberry, Peter Coyote, Roxanne Hart, Jarred Blancard, Claudette Sutherland. Cor, 88 min. Drama. (22.00, TVI)

Polícia Demolidor

«Hellbound» (EUA/Israel/1993). Real.: Aaron Norris. Int.: Chuck Norris, Sheree J. Wilson, Calvin Levels, Christopher Neame. Cor, 91 min. Acção/Fantástico. (22.30, Canal 1)

Um Romance Americano

«An American Romance» (EUA/1944). Real.: King Vidor. Int.: Brian Donlevy, Ann Richards, Walter Abel, John Qualen. Cor, 145 min. Ver Destaque. (00.45, Canal 1)

QUARTA, 30

A Campeã

«Flying» (Can./1986). Real.: Paul Lynch. Int.: Olivia D'Abo, Rita Tushingham, Keanu Reeves, Jessica Steen, Renee Murphy. Cor, 97 min. Drama. (22.00, TVI)

Hotel Flamingo

«The Girl Rush» (EUA/1955). Real.: Robert Pirosh. Int.: Rosalind Russell, Fernando Lamas, Eddie Albert, Gloria de Haven, James Gleason. Cor, 85 min. Comédia Musical. (01.45, Canal 1)

Nota: a Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

PROGRAMAÇÃO

Quinta, 24

CANAL 1

- 08.00 Uma Casa ao Sol
08.30 Trampolim
09.00 Os Wilder
09.30 Asas em Família
10.00 Beverly Hills
10.50 Corpo Santo
11.35 Culinária
11.40 Marimar
12.20 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Sonhos de Mulher
15.10 Malha de Intrigas
15.30 Sempre a Abrir
16.15 Tramas de Seda
17.05 Festa na Feira
17.50 Kananga do Japão
19.20 Lotaria Nacional
19.30 A Minha Vida Dava Um Filme
20.00 Telejornal
20.40 A Idade da Loba
21.30 Desencontros
22.00 Roberto Leal
22.50 Despedida de Solteiro
00.10 24 Horas
00.40 Remate
01.00 A Mulher Que Não Queria Amar (ver «Filmes na TV»)

TV 2

- 17.05 Star Trek - O Caminho das Estrelas
17.30 Trampolim
18.00 Tintim
18.30 Perigo nas Montanhas
19.20 Um, Dó, Li, Tá

Sexta, 25

CANAL 1

- 08.00 Uma Casa ao Sol
08.30 Trampolim
09.00 Os Wilder
09.30 Asas em Família
10.00 Beverly Hills
10.50 Corpo Santo
11.35 Culinária
11.40 Marimar
12.20 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Sonhos de Mulher
15.10 Malha de Intrigas
15.30 Sempre a Abrir
16.15 Tramas de Seda
17.05 Festa na Feira
17.50 Kananga do Japão
19.25 A Minha Vida Dava Um Filme
20.00 Telejornal
20.35 A Idade da Loba
21.20 Desencontros
22.00 Isto Só Vídeo
22.30 Amores Perfeitos
23.35 Marginalidades
00.23524 Horas
00.05 Remate
01.25 Contos Assombrosos
01.50 E Tudo o Fumo Levou (ver «Filmes na TV»)

TV 2

- 17.05 «Trois Jours Pour Gagner»
17.30 Trampolim
18.00 Tintim
18.30 Uma Família Feliz
19.20 Um, Dó, Li, Tá
19.55 O Mundo em Guerra

Sábado, 26

CANAL 1

- 08.00 Programa Infantil/Juvenil
11.30 Arca de Noé
12.30 Praça de Touros
13.00 Jornal da Tarde
13.15 Fórmula Um - GP da Bélgica
14.05 Beverly Hills
15.00 Made in Portugal
15.35 As Aventuras de Brisco County
16.20 Chefe Mas Pouco
16.45 Outras Guerras
17.30 Kananga do Japão
19.15 Queridas e Maduras
19.50 Totoloto
20.00 Telejornal
20.40 Futebol: Gil Vicente-F. C. Porto
22.45 Parabéns
01.20 24 Horas
01.40 Howling V: O Regresso (ver «Filmes na TV»)
03.15 O Perseguidor (ver «Filmes na TV»)

TV 2

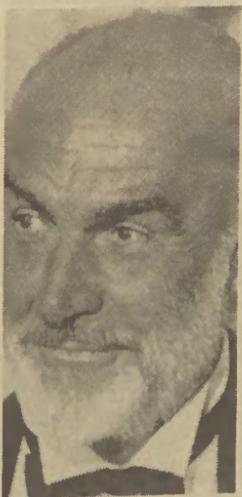
- 12.00 Lendas e Factos da História de Portugal
12.50 Festival da Canção Carmen Miranda
13.50 Euronews
15.00 TV2 Desporto
19.00 Circo
20.00 Gala Lírica Comemorativa da Presidência Espanhola da U.E. (2ª parte)
21.00 Um Amor Feliz
22.00 TV2 Jornal
22.30 Fronteira Ocidental
23.05 Jogo Falado
00.10 Frenzy - Perigo na Noite (ver «Filmes na TV»)

SIC

- 09.00 Os Conquistadores
11.00 Buérré
13.45 Portugal Radical
14.15 Quatro por Quatro
15.20 Dra. Quinn
16.30 Cosby Show
17.00 Muita Lôco
18.00 O Magistrado
19.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
20.45 Futebol: Tirsense-Benfica
22.45 A Próxima Vítima
23.45 Big Show Sic
02.20 Último Jornal

TVI

- 10.00 Clube da Manhã
11.30 Animação
12.00 Visto Isto
12.30 Informação Religiosa
13.00 Jornal da Uma
13.25 Contra Ataque
15.05 Vamos ao Circo
16.00 A Hora do Recreio
17.20 Catacumbas do Poder
17.45 Fort Boyard



Sean Connery, uma carreira a contar hoje à noite na TVI

- 18.50 O Céu Como Horizonte
20.30 Telejornal
21.10 Feita à Medida
21.35 Doido Por Ti
22.10 Ficheiros Secretos
23.00 Os Novos Intocáveis
23.50 Últimas Notícias
00.15 Disney Miller, Uma Mulher às Direitas (ver «Filmes na TV»)

Domingo, 27

CANAL 1

- 08.00 Programa Infantil / Juvenil
11.30 Sem Limites
11.55 Top +
13.00 Jornal da Tarde
13.15 Fórmula Um - GP da Bélgica
13.15 Emoções Fortes
13.45 Fórmula Um - GP da Bélgica
16.00 86-60-86



Os Novos Intocáveis

- 16.35 Eferreá
17.25 Kananga do Japão
19.00 Casa Cheia
19.50 Joker
20.00 Telejornal
20.40 Futebol: Guimarães-Farense
22.50 Nico D'Obra
23.20 Os Três da Vida Airada (ver «Filmes na TV»)
00.50 24 Horas
01.10 Paixões

TV 2

- 09.00 O Mar e a Terra
09.30 Caminhos
10.00 Novos Horizontes
10.30 70 x 7
11.00 Missa
12.00 Regiões
13.00 Vida por Vida
13.15 Euronews
14.10 Blanche
14.55 Musical: «Annie no País das Maravilhas»
16.00 TV2 Desporto
19.50 Artes e Letras: «Jacques Rivettes» (2ª parte)
21.00 Portugal Sem Fim
22.00 TV2 Jornal
22.30 Através do Himalaya com Edmund Hillary
23.00 TV2 Desporto
00.30 Um Crime no Expresso do Oriente (ver «Filmes na TV»)

SIC

- 09.00 Os Conquistadores
11.00 Buérré
13.15 BBC - Vida Selvagem
14.20 Internacional SIC
14.50 Olho de Falcão
15.40 Os Imortais
16.40 Gala - «A Noite das Rumanas»
18.00 Norte e Sul
20.00 Jornal da Noite
21.05 Engraçadinha, Seus Amores e Pecados
22.45 A Louca Academia de Ski (ver «Filmes na TV»)
00.35 Armani em Hollywood
01.05 Último Jornal
01.20 No Fim do Mundo

TVI

- 08.30 Clube da Manhã
11.30 O 8º Dia
12.30 Missa
13.40 Portugal Português
14.50 Jornal do País
15.30 Telemúsica
16.00 Voleibol - Torneio Internacional de Espinho
18.00 O Melhor de Júlio Isidro
19.30 O Poder da Lei
20.30 Telejornal
21.10 Detectives na Onda
22.15 A Cidade da Vergonha (ver «Filmes na TV»)
00.05 Últimas Notícias

Segunda, 28

CANAL 1

- 08.00 Uma Casa ao Sol
08.30 Trampolim
09.00 Os Wilder
09.30 Asas em Família
10.00 Beverly Hills
10.50 Corpo Santo
11.35 Culinária
11.50 Marimar
12.20 Cortina de Vidro



Engraçadinha

- 13.00 Jornal da Tarde
13.45 Sonhos de Mulher
14.40 Malha de Intrigas
15.10 Sempre a Abrir
16.15 Festa na Feira
17.05 Tramas de Seda
17.50 Kananga do Japão
19.15 A Minha Vida Dava Um Filme
20.00 Telejornal
20.35 A Idade da Loba
21.20 Desencontros
21.55 Jogos Sem Fronteiras
23.35 Noite Mágica
00.45 24 Horas
01.15 Remate
01.30 Justiça Criminal (ver «Filmes na TV»)

TV 2

- 17.05 Piratas
17.30 Trampolim
18.00 Tintim
18.30 A Casa do Caçador
19.20 Um, Dó, Li, Tá
20.10 Esfinge
21.05 Que Família
21.40 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.30 Segunda Parte
00.10 Homicídios Premeditados
01.00 Golo Europa
02.00 Souvenirs

SIC

- 09.00 Buérré
10.00 Chuva de Estrelas
11.00 As Receitas do Dia
11.30 Por Amar-te Tanto
12.30 Quatro por Quatro
13.30 Primeiro Jornal
14.00 Os Donos do Jogo
14.30 Walker, o Ranger do Texas
15.30 Os Conquistadores
16.45 Buérré
17.45 Notícias
18.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
20.45 A Próxima Vítima
21.45 Não Se Esqueça da Escova de Dentes
23.15 Frente a Frente
00.15 Incidente em Antares
01.20 Último Jornal
01.40 Phoenix

TVI

- 11.15 Novos Ventos
11.55 Bucha e Estica
12.25 Telhados de Vidro
13.00 Éramos Seis
13.30 Jornal da Uma
14.05 McGyver
15.15 A Escolha É Sua
16.10 A Hora do Recreio
17.25 Notícias
17.50 O Jogo da Vida
19.15 O Preço da Paixão
19.55 Novo Jornal
20.50 Marés Vivas
21.45 Fora de Jogo
22.00 Pão, Amor e Totobola (ver «Filmes na TV»)
24.00 TVI Jornal
00.30 Verdade ou Mentira

Terça, 29

Canal 1

- 08.00 Uma Casa ao Sol
08.30 Trampolim
09.00 Os Wilder
09.30 Asas em Família
10.00 Beverly Hills
10.50 Corpo Santo
11.35 Culinária
11.50 Marimar
12.20 Cortina de Vidro



Engraçadinha

- 13.00 Jornal da Tarde
13.45 Sonhos de Mulher
14.35 Malha de Intrigas
15.30 Sempre a Abrir
16.15 Festa na Feira
17.05 Tramas de Seda
17.50 Kananga do Japão
19.25 A Minha Vida Dava Um Filme
20.00 Telejornal
20.30 A Idade da Loba
21.20 Desencontros
21.50 Tudo ao Molho e Fé em Deus
22.20 Polícia Demolidor (ver «Filmes na TV»)
24.00 24 Horas
00.30 Remate
00.45 Um Romance Americano (ver «Filmes na TV»)

TV 2

- 17.05 Star Trek
17.30 Trampolim
18.30 Immenhof II
19.20 Um Dó Li Tá
20.15 Rotações
21.10 Amor à Primeira Vista
21.45 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.35 Tourada
00.25 Sucessão Assassina
01.15 NBA
02.15 Souvenirs

SIC

- 09.00 Buérré
10.00 Chuva de Estrelas
11.00 As Receitas do Dia
11.30 Por Amar-te Tanto
12.30 Quatro por Quatro
13.30 Primeiro Jornal
14.00 Os Donos do Jogo
14.30 Walker, o Ranger do Texas
15.30 Os Conquistadores
16.45 Buérré
17.45 Notícias
18.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
20.45 A Próxima Vítima
21.45 Não Se Esqueça da Escova de Dentes
23.15 Frente a Frente
00.15 Incidente em Antares
01.20 Último Jornal
01.40 Phoenix

TVI

- 11.15 Lumen 2000
11.55 Bucha e Estica
12.25 Telhados de Vidro
13.00 Éramos Seis
13.30 Jornal da Uma
14.05 McGyver
15.15 A Escolha É Sua
16.10 A Hora do Recreio
17.25 Notícias
17.50 O Jogo da Vida
19.15 O Preço da Paixão
19.55 Novo Jornal
20.50 Marés Vivas
21.45 Fora de Jogo
22.00 A Mentira (ver «Filmes na TV»)
23.50 TVI Jornal
00.25 Doido por Ti
00.50 Verdade ou Mentira

Quarta, 30

Canal 1

- 08.00 Uma Casa ao Sol
08.30 Trampolim
09.00 Os Wilder
09.30 Asas em Família
10.00 Beverly Hills
10.50 Corpo Santo
11.35 Culinária
11.50 Marimar
12.20 Cortina de Vidro



Engraçadinha

- 13.00 Jornal da Tarde
13.45 Sonhos de Mulher
14.40 Malha de Intrigas
15.10 Sempre a Abrir
16.15 Festa na feira
17.05 Tramas de Seda
16.50 Festa na Feira
17.50 Kananga do Japão
19.15 Vamos Jogar no Totobola
19.30 A Minha Vida Dava Um Filme
20.00 Telejornal
20.35 A Idade da Loba
21.20 Desencontros
21.55 Falhas e Fífiás
22.25 Amores Perfeitos
23.30 Dulce Pontes: «A Brisa no Coração»
01.00 24 Horas
01.30 Remate
01.45 Hotel Flamingo (ver «Filmes na TV»)

TV 2

- 17.05 O Meu Verão Secreto
17.30 Trampolim
18.00 Tintim
18.30 Arsène Lupin
19.20 Um, Dó, Li, Tá
20.15 Comboios Como Não Há Outros
21.10 Os Morecos
22.30 Fogo no Coração
23.40 Teatro: «Sonho de Um Dia de Verão»
01.30 Motores
02.30 Souvenirs

SIC

- 09.00 Buérré
10.00 Chuva de Estrelas
11.00 As Receitas do Dia
11.30 Por Amar-te Tanto
12.30 Quatro por Quatro
13.30 Primeiro Jornal
14.00 Os Donos do Jogo
14.30 Walker, o Ranger do Texas
15.30 Os Conquistadores
16.45 Buérré
17.45 Notícias
18.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
20.45 A Próxima Vítima
21.45 Não Se Esqueça da Escova de Dentes
23.15 Frente a Frente
00.15 Incidente em Antares
01.20 Último Jornal
01.40 Phoenix

TVI

- 11.15 Informação religiosa
11.55 Bucha e Estica
12.25 Telhados de Vidro
13.00 Éramos Seis
13.30 Jornal da Uma
14.05 McGyver
15.15 A Escolha É Sua
16.10 A Hora do Recreio
17.30 Notícias
17.50 O Jogo da Vida
19.15 O Preço da Paixão
19.55 Novo Jornal
20.50 Marés Vivas
21.45 Fora de Jogo
22.00 A Campê (ver «Filmes na TV»)
23.55 TVI Jornal
00.30 Verdade ou Mentira
01.00 Dudley Moore Apresenta...



Marés Vivas

- 20.15 500 Nações
21.10 Que Família
21.50 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.35 Amorosa (ver «Filmes na TV»)
00.15 Musical: «Keith Richards, Pearl Jam, Harry Dean Stanton»
01.15 Motociclismo
02.15 Souvenirs

SIC

- 09.00 Buérré
10.00 Chuva de Estrelas
11.00 As Receitas do Dia
11.30 Por Amar-te Tanto
12.30 Quatro por Quatro
13.30 Primeiro Jornal
14.00 Os Donos do Jogo
14.30 Walker, o Ranger do Texas
15.30 Os Conquistadores
16.45 Buérré
17.45 Notícias
18.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
20.55 Os Trapalhões em Portugal
21.45 A Próxima Vítima
23.00 Minas e Armadilhas
00.10 Reviver Patiño
00.45 Último Jornal
01.00 Uma Família no Paraíso

TVI

- 11.15 Lumen 2000
11.55 Bucha e Estica
12.25 Telhados de Vidro
13.00 Éramos Seis
13.30 Jornal da Uma
14.05 McGyver
15.15 A Escolha É Sua
16.10 A Hora do Recreio
17.25 Notícias
17.50 O Jogo da Vida
19.15 O Preço da Paixão
19.55 Novo Jornal
20.50 Marés Vivas
21.45 Fora de Jogo
22.00 Uma Mão Cheia de Pó (ver «Filmes na TV»)
00.15 TVI Jornal
00.45 Verdade ou Mentira
01.00 Documentário: «O Meu Nome É Sean Connery»

- 20.50 Viagens na Minha Terra
21.50 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.35 Concurso: «À Volta do Coreto»
23.40 Hiroshima (Documentário)
00.55 À Margem da Lei (ver «Filmes na TV»)
02.05 Motores
03.05 Souvenirs

SIC

- 09.00 Buérré
10.00 Chuva de Estrelas
11.00 As Receitas do Dia
11.30 Por Amar-te Tanto
12.30 Quatro por Quatro
13.30 Primeiro Jornal
14.00 Os Donos do Jogo
14.30 Walker, o Ranger do Texas
15.30 Os Conquistadores
16.45 Buérré
17.45 Notícias
18.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
20.45 Moda Roma
20.50 A Próxima Vítima
22.10 Cenas de Um Casamento
23.00 Mini Chuva de Estrelas
00.10 Os Donos da Bola
01.35 Último Jornal
01.50 Playboy

TVI

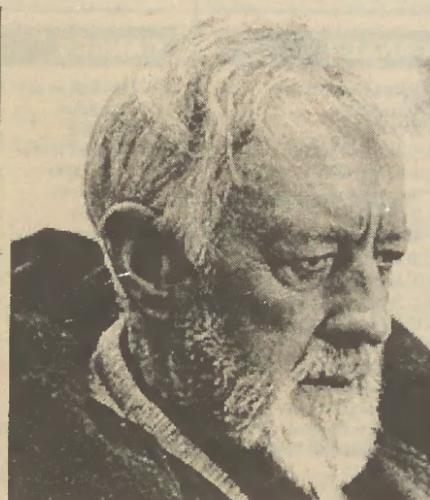
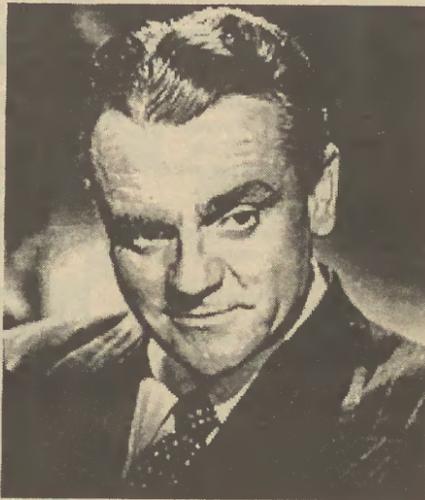
- 11.15 Caixa de Perguntas
11.55 Bucha e Estica
12.25 Telhados de Vidro
13.00 Éramos Seis
13.30 Jornal da Uma
14.05 McGyver
15.15 A Escolha É Sua
16.10 A Hora do Recreio
17.25 Notícias
17.50 O Jogo da Vida
19.15 O Preço da Paixão
19.55 Novo Jornal
20.50 Marés Vivas
21.45 Fora de Jogo
22.00 Os Passageiros do Tempo (ver «Filmes na TV»)
00.10 TVI Jornal
00.40 Heróis no Pacífico (ver «Filmes na TV»)

Por isto e por aquilo...

Uma Mão Cheia de Pó

(Quinta, 22.00, TVI)

Baseado no romance homónimo de Evelyn Waugh, esta história situada nos anos 30 retrata a vida em comum, aparentemente feliz, de um casal no seu luxuoso castelo victoriano - uma atmosfera progressivamente invadida pela frieza que acaba em drama e separação. Inicialmente interessante, o espectador descobrirá pouco a pouco que, nas mãos de um mais bem seguro James Ivory, por exemplo, a história daria pano para mangas, pelo que a constante comparação entre o que este filme lhe promete e o que ele poderia ter sido, arrisca-se a acabar por desinteressá-lo. Irremediavelmente.



Patricia Neal, James Cagney e Alec Guinness são alguns dos intérpretes que estarão em destaque esta semana na programação cinematográfica

Amorosa

(Quinta, 22.35, TV2)

História clássica de um triângulo amoroso, *Amorosa* é um dos mais recentes filmes de um cineasta francês, Jacques Doillon, que, ao contrário dos seus antepassados da *nouvelle vague*, nos costuma apresentar um cinema em «estado bruto» do qual estão ausentes constantes referências culturais, privilegiando antes o «realismo» das situações abordadas. Mas, também aqui, é o culto do diálogo que está sempre em primeiro plano.

para os movimentos desta - como é o caso da famosa plano-sequência em que ela acompanha o criminoso e a sua vítima por uma escada acima e depois os abandona para regressar ao exterior. Coisa que, feita ontem à força de pulso e de talento, só é hoje

em relação à personagem principal. Mas, ao confrontar-se com o resto da programação dos restantes canais a esta hora, o filme até parece uma obra-prima...

Os Passageiros

do Tempo (Sexta, 22.00, TVI)

Trata-se de um filme relativamente falhado mas, ao que parece, suficientemente curioso para merecer a visão. Encenado por um romancista aqui virando realizador - Nicholas Meyer -, *Os Passageiros do Tempo* segue a estranha trajetória, numa máquina do tempo, de duas personagens - H. G. Wells e Jack, O Estripador - desde a Inglaterra victoriana até à América de meados do século XX.



Um fotograma de «Frenzy - Perigo na Noite», um filme de Alfred Hitchcock

Heróis no Pacífico

(Sexta, 00.40, TVI)

Se não tiver mais nada para ver, este filme «estrelado» por John Wayne é uma hipótese de «entertenga» - mas não mais do que isso. Trata-se de uma história rotineira em que um homem e uma mulher, há tempos divorciados, se reencontram num submarino durante a II Grande Guerra, nas batalhas do Pacífico.

À Margem da Lei

(Sexta, 00.55, TV 2)

Em época de saldos de Verão, outro filme menor - este com James Cagney no protagonista principal. Trata-se da história de um inspector lutando contra a corrupção que grassa no mercado da carne - comestível, entenda-se.

Frenzy - Perigo na Noite

(Sábado, 00.10, TV 2)

Aqui sim, as coisas melhoram flagrantemente. Hitchcock, depois de algumas incursões pelas temáticas da «guerra-fria» (*A Cortina Rasgada*) ou do mais desbragado «fantástico» (*Os Pássaros*), regressa às histórias que melhor expressam o seu génio como encenador do suspense. Trata-se de um thriller tenebroso em que seguimos o percurso de um criminoso psicopata e de um outro homem que, por uma série de coincidências azarentas, é considerado suspeito de uma série de crimes em vez daquele - tudo filmado com a maestria a que o grande realizador nos habituou. A particularidade deste filme é que o espectador conhece o criminoso e, como é por vezes habitual no género e sempre tão bem glosado por Hitchcock, está tão envolvido com ele que quase sofre do mesmo modo para que não seja descoberto - situação que é magnificamente criada pelo cineasta, por exemplo, na espantosa sequência da camioneta de transporte de batatas. Atenção também para os fabulosos planos que o realizador arranca da sua câmara e ainda



Albert Finney (no papel de Poirot), John Gielgud, Colin Blakely, Rachel Roberts e Wendy Hiller encontram-se entre a longa lista de intérpretes de «Um Crime no Expresso Oriente», de Agatha Christie/Sidney Lumet

possível imitar e vulgarizar (pudera!) através da utilização da enganadora tecnologia da *steady camera*.

Daisy Miller: Uma Mulher às Direitas

(Sábado, 00.15, TVI)

Como adaptação do romance de Henry James, o filme de Bogdanovich é extremamente irregular, em particular pela desastrosa desadequação da interpretação de Cybill Shepherd

mesmo *Canal 1* reservar para o «horário nobre» da mesma noite uma violenta mistela do não menos intragável Chuck Norris. Embora não se trate de uma obra maior de Vidor, *Um Romance Americano* não deixa de impressionar pelo barroquismo, a grandiosidade e o excesso de que o realizador faz gala para nos contar a saga de um filho de emigrantes da Europa Central que se torna um dos maiores industriais americanos - e de cuja fábrica, no fim do filme (1944), vemos sair os aviões bombardeiros em direcção ao teatro de guerra na Europa.

Um Crime no Expresso Oriente

(Domingo, 00.30, TV 2)

O extraordinário «cardápio» de actores e atrizes que esta produção luxuosa envolve diz tudo acerca da capacidade de entretenimento que promete. Contudo, não só nem tudo o que luz é ouro como, também, não vem daí grande mal ao Mundo. É que, embora estejamos em presença de um filme realizado com o magnífico e competente engenho oficial de Sidney Lumet - sem esconder o extremo bom gosto posto na decoração da época - naturalmente que é tarefa difícil gerir a presença de um tão grande número de vedetas, às quais é necessário minimamente atribuir *espessura dramática* que aguarde confrontos interpretativos tão aliantes. Embora a intriga seja enredante, o arranque da história é simples e conta-se em poucas palavras: um desprezível milionário norte-americano é encontrado morto, apunhalado, no seu compartimento-cama do famoso Expresso do Oriente no percurso de Istambul para Calais e Hercule Poirot, o homenzinho do bigode, vai decidir no dia seguinte utilizar as suas «células cinzentas» para desvendar o crime... Acompanhem-lo.

Justiça Criminal

(Segunda, 01.30, Canal 1)

Embora se trate de um *telefilme*, as referências atribuem-lhe qualidade acima da média - coisa invulgar neste período da emissão que o *Canal 1* continua a dedicar ao «lixo cinematográfico». A história diz-nos tratar-se de um *filme de tribunal* no qual assistimos ao julgamento de um cadastrado negro acusado de ter assassinado uma prostituta. No papel principal, uma excelente composição de Forrest Whitaker.

Um Romance Americano

(Terça, 00.45, Canal 1)

Absurda é, mais uma vez, a hora a que este filme de King Vidor é transmitido - previsivelmente acabando lá para depois das 3 da manhã! - parecendo mais do incompetência (dir-se-ia quase uma provocação) o facto de o

■ Francisco Costa

Comédias e tragédias

Aproveitar as férias para fazer uma radical «cura de televisão» é atitude que, sobretudo nestes tempos de generalizada indigência, melhor pode constituir remédio indispensável à manutenção do equilíbrio mental essencial que melhor corresponda e acompanhe o necessário descanso físico. E é quando, numa ou noutra ocasião, se faz conscientemente excepção a esta regra que então se repara quanto a constante invasão do «lixo televisivo» pode perturbar a fruição inteligente de tal ou tal obra que, em tempo de stress quotidiano, quase não chegamos a apreciar em toda a sua dimensão.

No que me toca, senti essa reconfortante surpresa quando, há dias, peguei numa *cassete* que levava comigo a banhos e reví, em gravação, um filme fabuloso de **Fritz Lang** que a televisão há tempos transmitira - **O Segredo da Porta Fechada** - uma obra em que o grande realizador, através da movimentação da câmara, da exploração do cenário e da utilização da música cria um insuportável e ao mesmo tempo fascinante ambiente de *suspense*, fazendo-nos penetrar nos mecanismos de uma história terrível em que uma mulher suspeita e teme que o homem com quem casou, pressionado pelas recordações e obececações do passado, acabará porventura por matá-la...

Mas o que em particular me chamou a atenção foi uma cena de intensa tensão psicológica em que **Joan Bennett**, num dos momentos do seu «monólogo interior» (que percorre todo o filme) se interroga acerca das razões porque o marido (**Michael Redgrave**) subitamente partira, invocando razões para ela pouco consistentes: «Porque teria ido embora?», «Porque teria mentido?» - lê-se nas legendas - enquanto, no som original, se ouve a voz dela sussurrando «*Why had he gone?*», «*Why had he lied?*», sendo que, pela primeira vez, dei por mim a descobrir, na banda sonora, e na espantosa música de **Micklos Rozsa**, a disposição interrogativa de quatro notas da linha melódica, precisamente correspondentes e simultâneas às quatro sílabas daquelas angustiantes interrogações, como que as sublinhando subliminarmente! Espantoso!

A eficácia da indústria televisiva americana

Não sendo uma obra cinematográfica (aquilo a que os americanos chamam *feature film*), um produto televisivo propriamente dito - já que concebido para uma forma totalmente diversa de fruição - sem dúvida que a sua cada vez mais alargada inserção nas programações televisivas, roubando embora espectadores à insubstituível magia da sala escura, não deixa de algum modo de contribuir para a divulgação do cinema e, nos melhores casos (como o acima referido), de grandes obras que se arriscariam a ficar ignoradas de uma grande massa de espectadores.

Mas o que me interessa aqui sublinhar é que, mesmo submergidas entre a multitude de medíocres produtos televisivos que hoje alimentam a programação das televisões, as grandes obras cinematográficas são potencialmente susceptíveis de estimular, no espectador, níveis de leitura menos superficiais e imediatistas e, sem dúvida, mais inteligentes e enriquecedores.

Não é esse o caso da chamada *comédia de situação* - produto de televisão por excelência - que a esmagadora e imperial capacidade de produção e distribuição norte-americana se encarregou de

espalhar por todo o Mundo. Claro que, mesmo neste campo, há excepções - e notórias, pela positiva - como é o caso da saudosa *Uma Família às Direitas* ou de *Sheers, Aquele Bar* ou de *Querido John*, para apenas citar estas. E é aqui que se faz notar a tremenda eficácia oficial do modo de produção americano, capaz de transformar um produto de características eminentemente industriais em pequenas e despretenciosas *obrinhas televisivas* que, servindo de mero e descontraído passatempo e arquitectadas segundo esquemas à primeira vista praticamente imutáveis e rotineiros, nos melhores casos se destacam pela excelência dos intérpretes, pela desenvoltura dos diálogos e, sobretudo, pela inultrapassável noção da economia do tempo que - sendo, também na televisão, dinheiro - jamais pode ser desperdiçado!

Pretendia servir isto de introdução a uma investigação acerca da moda, também agora portuguesa, de multiplicar a exibição de *comédias de situação* e, ao mesmo tempo, de análise à capacidade ou incapacidade de a produção televisiva europeia reproduzir ou reinterpretar modelos que lhe seriam estranhos.

Mas uma outra situação, nada cómica de resto, veio invadir, agora mesmo, a conjuntural interrupção na escrita destas linhas e adiar esta reflexão para melhores dias.

Pôr ou não pôr as mãos no fogo...

Foi na segunda-feira. No **Jornal da Noite** da SIC. Tudo começou com uma série de peças em que, de forma seca e objectiva, se dava conta dos prejuízos provocados pelos incêndios florestais das últimas semanas e se fazia a comparação, em extensão de hectares ardidos, entre a catástrofe deste ano e as dos anos anteriores - concluindo-se que, até 13 de Agosto deste ano (e não estando ainda contabilizadas as áreas atingidas pelos grandes fogos de Mação, Sardoal e S. Jacinto), a área ardida, entre floresta e terrenos, superava já a do ano passado.

E os números avançados não deixavam de ser aterradores: em 95, já terão ardido mais de 57.000 hectares de floresta em mais de 16.000 incêndios, o que corresponde a mais floresta ardida do que nos 23.000 incêndios de 92 e a um tenebroso recorde face à área de terras queimadas nos últimos quatro anos. Por regiões, verifica-se que a Beira Litoral ocupa o primeiro lugar - com 19.000 hectares ardidos - mas os prejuízos no Douro e Minho são pouco menores - 10.000 hectares - e, embora se tenham verificado no Algarve apenas 2% dos fogos do total nacional, a esta percentagem correspondem mais de 10.000 hectares de floresta destruída!

E os proprietários? E as populações atingidas?

A reportagem foca, então, o caso do Sardoal - 90% da floresta queimada! - em que as pouco mais de 4.000 pessoas do Concelho directa ou indirectamente dependiam deste enorme pinhal. E debruça-se, simbolicamente, sobre dois casos. Num deles, um agricultor viu desaparecerem-lhe 60 a 70 hectares de pinheiros e revela que, nos próximos 20 anos, não vai conseguir extrair qualquer rendimento. O texto *off* do repórter adianta a idade deste agricultor: 71 anos! Outro proprietário queixa-se dos madeireiros, que diz agora argumentarem com as dificuldades na exportação da madeira, preparando-se para pagar preços de miséria. E exige do Governo: «aparcamentos de madeira», organizados e subsidiados pelo Estado.

Face a estes prejuízos e dramas, a SIC entrevista em estúdio o Presidente do Instituto Florestal, **Luís Pinheiro**. Mas, contrariando as modas da agressividade que agora campeia pelas televisões nas entrevistas a alguns políticos, a entrevista decorre num tom particularmente brando, pacato e nada polémico - o que não deixou de ajudar a compor o ar seráfico do entrevistado, certamente mais à vontade e seguro para encenar uma hipócrita postura de «dever cumprido», de «consciência tranquila». Do que disse e da frieza e desfaçatez com que arrepiou caminho face à realidade acabada de ver ou à denúncia da permanente incúria governamental de que a Imprensa se tem feito eco, aqui ficam, sem mais, estes pequenos e significativos excertos:

«Fundamentalmente, aquilo que mais tem contado para os números que este ano estão a acontecer na área dos incêndios tem também muito a ver com as condições climáticas que nos têm assolado nos últimos tempos.»

«Não se estará a fazer tudo, mas também é evidente que se tem vindo a fazer cada vez mais na área da prevenção florestal. (...) Há muitíssimas entidades hoje envolvidas (nesta) matéria.»

«O Instituto Florestal, também no âmbito das suas estruturas operacionais, durante o Verão, tem apostado fortemente na investigação das causas de incêndio, através das suas brigadas que estão no terreno permanentemente. (...) As conclusões apontariam para valores equivalentes em termos de negligência e intencionalidade.»

«Ao longo dos anos, a sensibilização (aos proprietários, no sentido da prevenção dos fogos) tem sido uma pedra de toque permanentemente das instituições ligadas aos incêndios florestais. (...) Nós (o Instituto) estamos no terreno durante todo o ano a distribuir informação nesta matéria. (...) Hoje há, genericamente, um trabalho de sensibilização muitíssimo grande.»

«Não é prática - e nunca foi prática - indemnizar. Porque, de algum modo, era facilitar o aparecimento de mais incêndios. Há diversas intervenções - nomeadamente de autarcas - suscitando a intervenção do Estado na criação de parques de recepção de madeiras; mas eu queria lembrar que a última criação destes parques foi em 91 e de qualquer maneira, em 91, a situação era substancialmente diferente da situação actual.»

«Eu penso que o mercado vai, claramente, escoar estes produtos. O mercado está em alta, as exportações estão em alta e, portanto, não há razões para não acreditar. É evidente que vai haver especulação, mas quero acreditar que vai haver escoamento deste material lenhoso ardido.»

Quanto ao **Telejornal do Canal 1**, a exemplo do que fez a SIC, esteve presente na conferência de imprensa que o PCP nessa tarde havia dado sobre a mesma matéria. Mas, ao contrário daquela, despachou o assunto como se de um «frete» se tratasse, com som *off* lido em estúdio e sem qualquer declaração dos intervenientes em directo!

Comentários? Ah! Se a língua portuguesa não fosse tão traiçoeira...



de FOICE

Preferências

Andam os comunistas há que tempos - com muita mágoa de alguns comentadores que nos acusam de não termos uma "ideia nova" - a dar razão às queixas e às aspirações populares, criticando as velhas políticas de uma maioria velha e absolutista, e chamando a atenção dos eleitores para o facto de que não basta mudar de maioria, de que é necessário mudar de política. Anda nisto o PCP, alargando a consciência de cada vez mais gente, à esquerda, de que é preciso reforçar a CDU porque o PS não dá garantias sequer de diferença, quanto mais de mudança, mostrando como é inútil esperar a resolução democrática dos problemas nacionais com um partido que vem demonstrando - e feito gala nisso - como é próximo, na visão, na política e nas receitas, do partido que pretende substituir na governação do país.

Anda nisto o PCP, a CDU, lutando e acompanhando lutas, adiantando propostas, esclarecendo, entrando decididamente na pré-campanha. Alertando para o facto de que o verdadeiro adversário - praticamente derrotado o cavaquismo - não será exclusivamente o partido do Governo, mas é certamente a política de direita, sob qualquer das formas que apresente para perpetuar o seu poder.

Não são processos de intenção que se fazem ao PS de Guterres. O passado deste partido fala por si, quando nos lembramos que muito cedo depois de Abril se tornou na ponta de lança da política de direita, avançando, com a direita atrás de si, ao assalto às conquistas democráticas e revolucionárias. Quando, aliado à direita - primeiro ao CDS, depois ao PSD - iniciou a destruição da estrutura económica que a Revolução erguera com muito esforço dos trabalhadores que lançavam os alicerces de um futuro melhor. Quando, aliado à direita, feriu profundamente os direitos dos trabalhadores, abrindo caminho à recuperação capitalista e latifundista, criando desemprego, fomentando os primeiros salários em atraso. Quando, aliado à direita, iniciou um perverso processo de integração europeia, entregando aos interesses estrangeiros o comando económico do país, as suas liberdades e direitos.

Já não somos só nós que o dizemos. Outros o repetem hoje, tal a escandaleira das pareências entre as propostas do PS - que afinal tem poucas - e a prática do PSD - que tem sido nefasta e muita. Figuras de proa do Partido Socialista têm subido às tribunas mediáticas para deitar água na fervura da mudança necessária, afirmando que são apenas "melhores", que não são diferentes. Na política económica são iguais; na política de entrega à Europa dos monopólios são iguais. E ninguém sabe como é que se iriam cumprir tantas promessas, com uma política tão igual à do PSD. E para que os eleitores fiquem ainda mais descansados - que eleitores?, os Melos e Champalimauds, os novos e velhos latifundiários, os governantes e monopolistas da União Europeia a quem Guterres foi prestar vassalagem em Bona, recebido amistosamente por Helmut Kohl? -, o PS acena com uma solução à direita, se, como prevê, a maioria absoluta lhe escapar.

Primeiro, foram os rapazes do PP a lançar-lhes a fiteixa de um compromisso pós-eleitoral, já que o novo CDS fará tudo para assentar arrais nas salas do poder, mesmo reeditando a antiga aliança do velho CDS. Recebidos com o silêncio peculiar dos que calam e vão consentindo, têm agora os rapazes da extrema direita parlamentar uma palavrinha de assentimento...

Em entrevista ao "Diabo", Narciso Miranda já adiantou que prefere "o PP ao PC". A solução do PS é, portanto, à direita. Mais uma vez. O que sublinha as razões dos comunistas - só com o reforço da CDU é possível dar a volta a isto.

Já não somos só nós que o dizemos, neste Verão mediático: entre o Pontal e a Pontinha, venha o diabo e escolha...

■ LM

De Cáceres a Lisboa Em defesa do Tejo

Termina hoje a descida do Tejo promovida conjuntamente pela Juventude CDU e pela União das Juventudes Comunistas de Espanha. Cumpridos estão assim - depois de oito dias de viagem marcados por contactos com as populações e pela recolha de material fotográfico destinado à elaboração de um documentário - os objectivos que presidiram à realização desta iniciativa: chamar a atenção para os problemas que afectam os rios partilhados pelos dois povos e para as questões relacionadas de uma forma geral com os recursos hídricos.

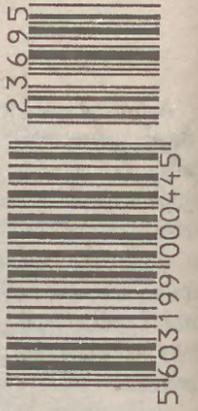
Recursos estes que no entender dos jovens que integram a CDU têm sido gravemente afectados por uma política que se revelou incapaz de promover um Plano Hidrológico Nacional, aproveitar de forma concertada os recursos hídricos ibéricos, promover a qualidade da água, racionalizar o consumo e incrementar a capacidade de armazenamento da água.

"O Governo português além de nada ter feito para contrariar os constantes desvios de água

dos rios internacionais por parte dos espanhóis - assinala a Juventude CDU em nota dirigida aos órgãos de comunicação social - ficou-se ainda pelos 10 por cento da capacidade de armazenamento de água proveniente dos rios internacionais, desculpando-se depois com os anos de seca". Ora a verdade é que "anos de seca sempre houve e sempre haverá", como observa o comunicado, onde se acrescenta que o que não existe, isso sim, "é uma política

séria que comece pelo reconhecimento da água com um recurso fundamental à sobrevivência e qualidade de vida das populações e um factor indispensável para o desenvolvimento económico do País".

Chegados ontem a Vila Franca de Xira, onde realizaram uma conferência de imprensa, os participantes na descida do Tejo concentram-se hoje, às 11 horas, junto à Secretaria de Estado do Ambiente, onde entregarão um



documento, após o que se dirigirão à Quinta da Atalaia, Seixal, onde está previsto um almoço-convívio.



Em Outubro, em Lisboa "Correr com o Racismo"

Chamar a atenção para os fenómenos do racismo e da intolerância, eis, em síntese, o grande objectivo que anima os promotores da "Manifestação Desportiva Anti-Racista" a decorrer no dia 14 de Outubro. Trata-se da organização de uma prova de atletismo, não competitiva, com partidas pelas 16 horas em diversos locais de Lisboa e chegada à Praça da Figueira.

A ideia de "Correr com o Racismo" - assim se chama a prova - surgiu no decorrer de um convívio multicultural que juntou sete organizações (Interjovem Lisboa, Corpo Nacional de Escutas, Frente Anti-Racista, Morna Associação Cultural Luso-Africana, Kabojovem, Amifesta e Federação Portuguesa de Colectividades), ganhando então corpo a necessidade de elaborar uma manifestação de combate ao racismo, à violência, à discriminação e à exclusão social.

Entre os objectivos dos promotores da iniciativa contam-se ainda a sensibilização da opinião pública para a necessidade da tolerância e da igualdade entre todos os seres humanos, a promoção do desporto como sã ocupação dos tempos livres e como

elemento de convívio, amizade e solidariedade entre as pessoas. Apresentar a toda a população, em especial à juventude, o exemplo da tomada de posição dos nossos melhores atletas constitui outro dos propósitos inscritos na realização desta prova de atletismo.

Entre as personalidades que já aderiram a esta iniciativa, de uma primeira lista que os organizadores fizeram chegar aos órgãos de comunicação social, encontram-se Albertina Dias (campeã mundial), Arons de Carvalho, jornalista de "Record", Caleia Rodrigues (vereador da Câmara de Lisboa), Dionísio Castro e Domingos Castro (atletas do Sporting), Dr. Luís Horta e José Pinto (ex-olímpico Marcha), José Urbano (atleta do Benfica), Martins Morim (jornalista de "A Bola"), Paulo Guerra (Atleta), Prof. António Campos (Presidente da Associação de Atletismo de Lisboa), Prof. José Bernardino Pereira (técnico), Prof. Bernardo Manuel (técnico Meio Fundo do Sporting), Prof. Fernando Mota (Presidente da Federação Portuguesa de Atletismo), Rosa Mota (campeã olímpica) e Vasco Lince.

Em Odivelas Os medos do PS e do PSD...

Os eleitos da CDU na Junta de Freguesia de Odivelas, a quem o presidente eleito pelo PS, com o apoio dos vogais do PSD, retirou no passado dia 18 os pelouros que lhes estavam atribuídos na autarquia, reagiram a esta decisão considerando que ela visa criar condições para afastar a CDU dos assuntos correntes da autarquia de modo a que a gestão socialista fique "com o caminho aberto à prática de actos menos claros", seja na "partidarização da autarquia", seja na "utilização de meios financeiros disponíveis sem o devido proveito para a cidade de Odivelas".

Numa declaração lida no decorrer da reunião da Junta de Freguesia antes de abandonarem a mesma, cujo teor foi posteriormente transmitido aos jornalistas em conferência de imprensa, os dois eleitos da CDU, Fernanda Mateus e Domingos Marques, consideram que a "única razão plausível para esta confusão generalizada entre os interesses político-partidários do PS e do PSD e os interesses da autarquia é o medo", o medo, sublinham, "pelas consequências do inquérito pedido pela CDU ao IGAT", nomeadamente no plano do apuramento de responsabilidades de eleitos do PS e do PSD.

Desmontando os argumentos invocados pelo PS e PSD, nomeadamente a acusação de que a CDU boicota a acção da autarquia, a declaração lida por Fernanda Mateus refere que "se o boicote sistemático de que nos acusam é discordar e actuar sobre o arquivamento leviano de irregularidades cometidas que estão a ser objecto de investigação pelo Ministério Público", se é "discordar e criticar pagamentos de horas extraordinárias a que não corresponde trabalho efectivo", se é "discordar e criticar as insuficiências da intervenção da Junta de Freguesia em domínios que são da sua responsabilidade", então, conclui, "ainda bem que temos boicotado, pois, de outro modo, a opinião pública de Odivelas estaria impedida de conhecer posturas que não servem a resolução dos problemas locais".

Num comunicado entretanto distribuído à população, a CDU de Odivelas afirma-se de "consciência tranquila" quanto à actividade desenvolvida nesta ano e meio pelos seus eleitos nos pelouros que estavam sob a sua responsabilidade e garante que continuará nos órgãos da freguesia a batalhar pela "isenção e transparência da gestão autárquica e pelo cumprimento das responsabilidades assumidas pela Junta em vários domínios do maior interesse para as populações".



a festa!

AMORA-SEIXAL

1, 2 e 3 SETEMBRO

Avante!

Director
Carlos Brito
SUPLEMENTO
24 de Agosto de 1995
Não pode ser vendido
separadamente

Só faltam 8 dias



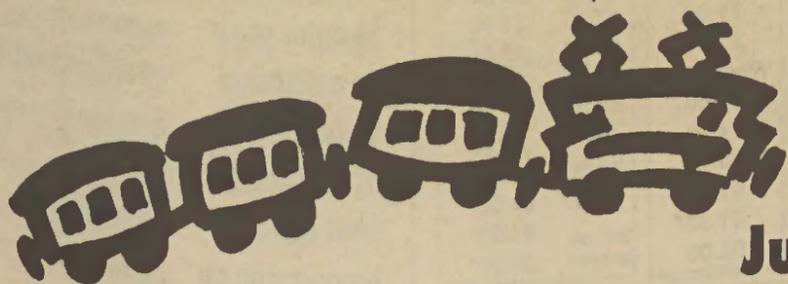
Neste número

Transportes para a festa • Roteiro de artesanato e gastronomia

O terreno da Atalaia

Corrida soma

mais de 1000 inscrições



Juventude CDU vem à festa de comboio

É fácil ir... e voltar da Festa



De barco a opção cómoda

Se vive ou se encontra em Lisboa aproveite e apanhe o barco no Terreiro do Paço ou no Cais do Sodré -

Seixal oferecem a possibilidade de descobrir um Tejo novo e diferente e após o

à porta da Festa. Se preferir atravessar o Tejo até Cacilhas pode optar entre

Festa estudou para si: Se vier do Sul ou sair no nó do Fogueteiro deixe o carro

45 minutos depois está na Festa do «Avante!». À ida e à volta é uma opção cómoda.

Com partidas frequentes no Terreiro do Paço, as carreiras fluviais para o

de automóvel conheça as alternativas

percurso encontrará a qualquer hora a ligação rodoviária (tipo vai-vem) que o deixará

Terreiro do Paço e o Cais do Sodré, onde terá ao seu dispor carreiras reforçadas durante os três dias da Festa que o levarão ao terreno da Atalaia.

nos parques da Torre da Marinha (P3) ou da Mundet (P2) ou no Seixal (P1).

Em todo o caso não ultrapasse a Ponte da Fraternidade. Evita assim a complexidade do trânsito na

De automóvel Conheça as alternativas

Se optar por ir de automóvel tenha em conta as indicações úteis que a organização da

Amora, para além de encontrar com facilidade espaços de estacionamento, que são servidos permanentemente por

TRANSPORTES FLUVIAIS

●Via Cacilhas
-Do Terreiro do Paço (até às 21.00) e do C. do Sodré (sempre)
-90\$00/Bilhete ou passe S.
-Partidas de Lisboa de 15 a 20 min.

Partidas de Cacilhas

6ª Feira	Sábado	Domingo
23.00	23.00	21.00
23.15	23.15	21.20
23.30	23.30	21.40
23.45	23.45	22.00
24.00	24.00	22.15
00.20	00.20	22.30
00.40	00.40	23.00
01.00	01.00	23.15
01.20	01.20	23.30
01.40	01.40	24.00
02.00	02.00	00.40
02.20	02.20	01.20
03.00	03.00	02.00
04.00	03.30	

●Via Seixal
-Do Terreiro do Paço
-200\$00/Bilhete
-Descobrimo um Tejo novo e diferente

Via Seixal

6ª Feira		Sábado	Domingo
Lisb.	Seixal	Lisb.	Seixal
17.00		07.35	
17.40		08.45	
18.00		09.55	
18.20		11.05	
18.45		12.15	
19.10		13.25	
19.35		14.35	
20.00	21.20	15.55	20.30
20.45	22.30	16.55	21.40
	23.40	18.05	22.50
	00.50	19.15	24.00
	02.00		01.10
	03.10		02.20
			18.10
			19.20
			20.30
			21.40
			22.50
			24.00

TRANSPORTES RODOVIÁRIOS

●Cacilhas - Festa (Medideira ou Qª da Princesa)

-250\$00 a bordo; 152\$00 pré-comprado e passe S
-Sexta-feira e Sábado com carreiras até às 02.15 (Qª da Princesa)
-Domingo com carreiras até às 24.00h (Qª da Princesa)

●Amadora (Parque Central) - Festa (Medideira)

-750\$00 ida e volta; 550\$00 por viagem.

Sexta-feira	Sábado e Domingo
Ida Das 17.00 às 22.00	Ida Das 08.00 às 22.00
Regresso Das 18.00 às 01.00	Regresso Das 9.00 às 01.00

●Seixal - Festa (Medideira)

-150\$00 a bordo; 114\$00 pré-comprado e passe SX
-Vai-vem de ligação com os barcos no Seixal. Paragens nos parques automóveis do Seixal (P1 da Mundet; P2 da Torre da Marinha; P3 da Ponte da Fraternidade)

●Cascais (Alto do Pires) - Festa (Medideira)

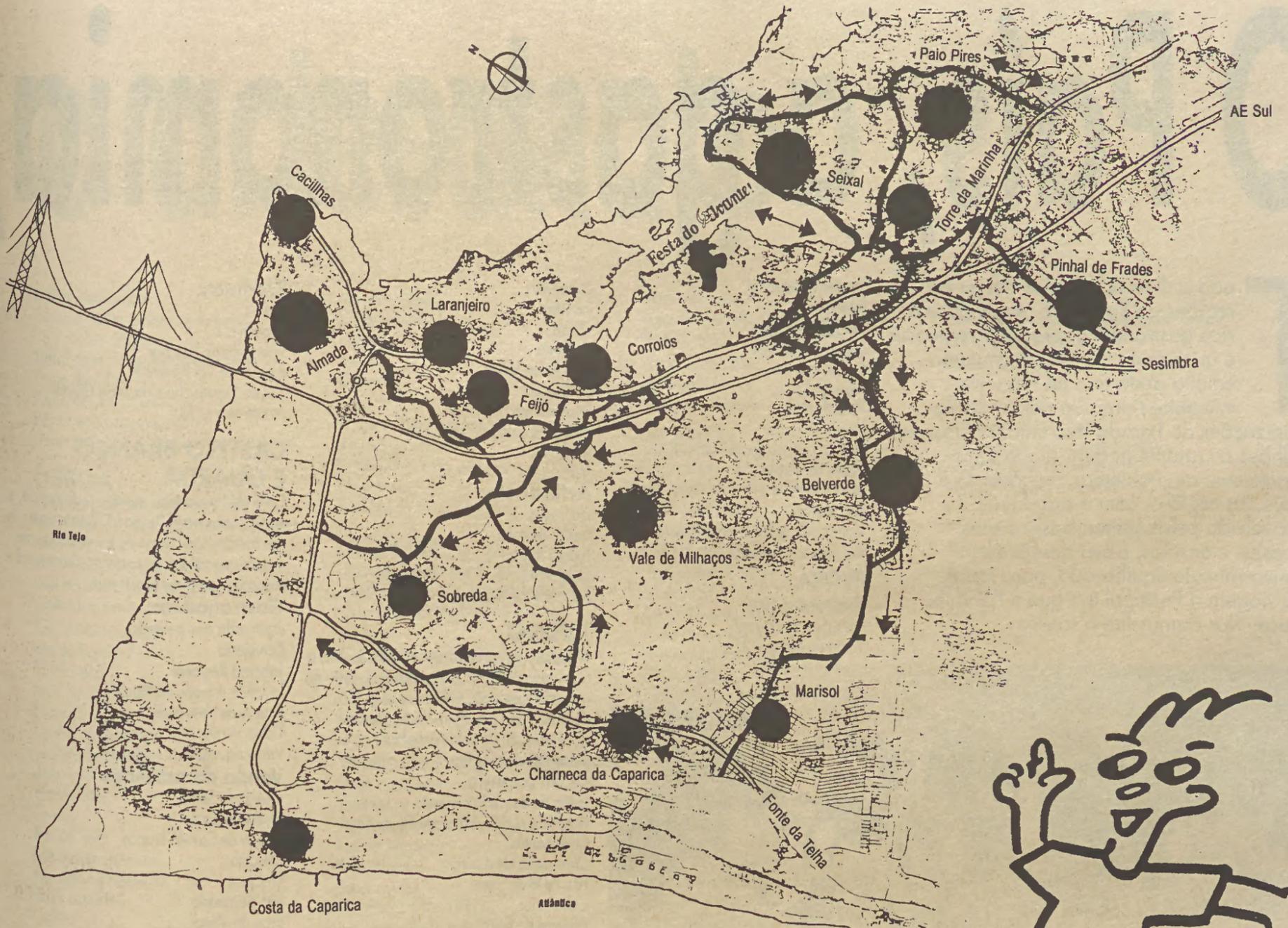
-850\$00 ida e volta

Sábado e Domingo
Com partida Às 8.30
Regresso às 01.30 (Sábado) 22.30 (Domingo)

●Baixa da Banheira - Festa (Medideira)

-435\$00 a bordo e 342\$00 pré-comprado - (via Lavradio, Barreiro, Qª da Lomba, Palhais, S.to António da Chameca, Coima, Paio Pires)

Sexta-feira	Sábado e Domingo
Ida 18.00 19.00 20.00 21.00 21.30	Ida 10.30 11.30 12.30 13.30 15.00
Regresso 23.00 24.00 00.30 01.00 01.30 02.00	Regresso 18.00 19.00 20.00 21.00 22.00 22.30 23.00 24.00 00.30* 01.00* 01.30* 02.00*



autocarros a funcionar em regime de vai-vem que o levarão rapidamente ao terreno da Festa. Se vier de Lisboa, como alternativa à auto-estrada do Sul e à Estrada Nacional 10, sugerimos que utilize a nova variante à EN 10, frente ao Pão de Açúcar de Almada. Ao sair da Festa, existem também algumas alternativas à auto-estrada do Sul e à EN10. Siga por exemplo o seguinte

percurso: Paivas ou Cruz de Pau, Belferde, Marisol, Charneca da Caparica e via rápida da Costa. Ou então vá por Stª Maria de Corroios, estrada da Sobreda e Feijó/variante à EN10 ou via rápida da Costa. Todos estes percursos são visíveis no mapa que publicamos, bem como se encontram assinalados com setas da Festa do «Avante!» ao longo das estradas. Estas

indicações estão igualmente incluídas num folheto editado pela

organização da Festa que ajudará o visitante a escolher a melhor forma

de se deslocar à Festa. Portanto, se não conhece a região não tema

aventurar-se. Encontrará sempre o melhor caminho para a Festa.



O País, a gastronomia,

Toda a diversidade das diferentes regiões do País, com realce para a rica gastronomia, produtos regionais e artesanato irá estar patente na edição deste ano da Festa do «Avante!», trazida pela mão das organizações do Partido. No entanto, nos seus pavilhões o visitante poderá ainda tomar contacto com os problemas económicos e sociais das regiões, com a actividade desenvolvida pelos comunistas, as suas propostas e anseios, o seu desejo de desenvolvimento equilibrado, para todos. Uma viagem a Portugal é o que a Festa lhe oferece. Nós damos-lhe o roteiro

Torresmos do rissol
Bifanas

Artesanato:

Barros de Beringel
Cobres das Neves
Pele de Serpa

Produtos:

Queijo de Serpa
Presunto e enchidos de Barrancos
Azeite de Moura
Mel de Mértola
Pão caseiro
Vinhos da região de várias marcas
Vidigueira, Machados, etc.

ÉVORA

Restaurante

Ensapado de borrego
Vinho do Alentejo

Sapateiras
Percebes
Ostras
Cocktails
Bolo de amêndoa
D. Rodrigo
Doce de figo
Amêndoa e figo
Medronho
Mel

Artesanato:

Empreitas
Cestos de cana
Louças regionais
Cataplanas
Miniaturas em madeira

AVEIRO

A luta dos trabalhadores e das populações, a actividade do PCP/CDU no distrito é ilustrada com uma exposição política neste espaço decorado com paisagens verdejantes e representação do património histórico e paisagístico da região.

Gastronomia

Leitão da Bairrada em prato ou sandes
vinhos da região, branco velho ou tinto
Champanhe
Ovos moles de Aveiro
Pão de ló de Ovar
Caladinhos
Fogaças da Feira

BRAGA

A actividade do PCP no distrito e os graves problemas resultantes da crise económica são temas da exposição a ser organizada neste pavilhão.

Gastronomia:

Rojões
Salpicões
Presunto ou morcelas
Chispe cozido em vinho verde
Barriguinhas assadas no carvão
Feijoada
Caldo Verde
Bacalhau frito com broa e azeitonas
Clarinhas de Fão
Pão de Ló de Vizela
Toucinho do céu
Doce branco
Doce amarelo
Vinho Verde engarrafado e à pressão

Brinquedos e utilidades em:

Barro
Verga
Palha
Madeira
Linho

BRAGANÇA

A exposição política abordará a actividade e as propostas do PCP para o desenvolvimento deste distrito.

Gastronomia:

Tasquinha
Feijoada à Transmontana
Alheiras de Mirandela
Chouriços da Terra fria
Pernis de porco fumados (canelos)
Chispe e orelheira
Azeitonas
Pão de trigo e de centeio
Vinhos:
Vila Flor
Macedo de Cavaleiros
Sendim
Romeu

Artesanato:

Cestaria de Cidões - Vinhais
Cutelaria de Palaçoulo - Vimioso
Madeiras de Sendas - Bragança
Máscaras de Ousilhão

Produtos:

Vinhos
Bagaceiras
Aperitivos de Vila Flor
e Casal de Val Pradinhos
Mel de Montesinho e da Terra Quente
Azeite de Vila Flor

CASTELO BRANCO E GUARDA

Os problemas sociais e políticos da região, e as propostas do PCP e da CDU para cada um dos distritos são o tema da exposição neste espaço que vai ter ainda animação musical e cultural na zona da esplanada.

Gastronomia:

Esplanada com petiscos

Cervejaria

Taberna Regional
Feijoada à moda da Guarda
Frango de churrasco
Caldo Verde
Vinho da região

Venda de produtos

Queijo da Serra
Queijo picante
Queijo de Castelo Branco
Presunto
Enchidos
Pão de centeio
Broa de Milho
Mel de Foz Côa

Garrafeira regional

Vinhos maduros das Adegas Cooperativas de: Fundão, Covilhã, Pinhel, Figueira de C. Rodrigo, Mêda, Foz Côa, Freixo de Numão, Vila Franca das Naves, Vila Nova de Tazem e de São Paio.
Vinho generoso do Douro

COIMBRA

Exposição sobre a vida económica, social e política da região.
Decoração alusiva à aldeia de Piódão, uma das que proporcionam uma sensação de intensa harmonia e integração no meio, a serra do Açor, junto aos primeiros contrafortes da serra da Estrela. Típicas janelas antigas de Condeixa são outros elementos da decoração, paralelamente a pinturas murais das «Repúblicas» de Coimbra.

Gastronomia:

Restaurante

Chanfana
Entrecosto Cozido com morcela à moda da Beira
Coelho à caçador

Bar com petiscos

Queijo do Rabaçal
Vinho do lavrador
Reservas da Bairrada, das Adegas Cooperativas de Cantanhede e de Souselas

LEIRIA

O visitante pode ver aqui painéis fotográficos sobre a luta da Manuel Pereira Roldão, bem como admirar a arte de um vidreiro marinhense que vai estar a trabalhar ao vivo com um forno de vidro.

Gastronomia:

Snack-Bar

das Caldas da Rainha
Sopa de legumes
Sopa de peixe
Pastéis de bacalhau
Rissóis e outros salgados
Sandes diversas
Pratinhos da crise (sandies de ovos e cachorros)
Bifanas
Pipis



AÇORES

Neste stand estará patente uma exposição fotográfica e documental sobre a realidade açoriana, com distribuição de materiais de divulgação.

Gastronomia:

Polvo guisado
Morcela com ananás
Linguiça com inhame
Atum fresco assado
Caldo de peixe
Queijo de São Jorge
Ananás de São Miguel
Vinhos e aguardentes do Pico
Licor de maracujá
Charutos e cigarrilhas
Chá da Gorreana
Massa de pimenta

Artesanato:

Louças
Bordados
Trabalhos em miolo de figueira e escama de peixe

ALENTEJO

ÉVORA, BEJA e PORTALEGRE
Dispondo de um pavilhão político de 180 m² que reproduz a arquitectura típica do Alentejo, estes três distritos apresentam exposições sobre as potencialidades da região, património construído, património cultural, solo alentejano, a necessidade do Alqueva.

Gastronomia:

BEJA

Restaurante de Beja
Ensapado de Borrego
Carne de porco à alentejana
Bar
Petiscos variados

Bar

Bifanas
Carne fria do cozido
Pataniscas de bacalhau
Orelha de porco de coentrada
Queijo de Évora
Docinho conventual
Aguardente de Reguengos ou Borba
Melão de Mourão

Adega:

Vinhos de Reguengos, Borba, Redondo e Évora
Queijinhos e enchidos
Pão caseiro do Bairro das Pites

PORTALEGRE

Ensapado de Borrego
Febras de Porco

Venda de produtos:

Vinhos da Região de São Mamede
Vinhos Conventual e Terras de Baco - Portalegre
Enchidos da região
Queijo - Nisa
Pão e Bolos regionais - Sousel

Artesanato:

Artigos de pele e cabedal - Terrugem, Montforte, Avis
Capotes Alentejanos - Santa Eulália
Bordados/Aplicações em feltro - Nisa
Barros - Nisa

ALGARVE

Os comunistas algarvios trazem uma exposição sobre os problemas e a situação do Algarve e as posições do PCP.

Gastronomia:

Arroz de marisco
Espinheira de atum
Camarão

O artesanato

Kakus - Barcocktail
Especialidades exclusivas do Kakus
18 «poções mágicas»
Stand de vidro da Marinha Grande
Forno de vidro
Forno de pão de Leiria
Pão quente com chouriço
Quermesse com mais de cinco mil prémios

LISBOA

A decoração deste pavilhão é feita em homenagem ao povo trabalhador, àqueles que vivem e lutam num distrito em transformação e que precisa preservar as suas características populares, culturais e profundamente humanistas.

Gastronomia:

Bar da Função Pública

Caldo verde
Isclas no pão
Bifanas
Orelha de coentrada
Punheta de bacalhau
Atum com feijão frade
Tordos fritos
Sandes
Bar da TAP
Bebidas espirituosas
Bar ABC (professores)
Bolos caseiros
Café
Tostas

Lores - Marmelada de Odivelas (esplanada)

Pipis
Sopa
Salgados
Cerveja
Bebidas finas
Sintra
Leitão de Negrais
Pipis
Caldo verde
Sandes
Fofos de Belas
Queijadas de Sintra
Vinho regional
Pastelaria Oeste
Café
Pastéis de nata
Pastéis de feijão
Sandes

Tasquinha da Zona Norte

Caldo verde
Bifanas
Sandes
Vinhos de marca a copo
Petisqueira de Cascais
Bacalhau à Cascais
Cachorros
Bifanas
Sopa
Vila Franca de Xira
Padaria - pão com chouriço
Restaurante

6º, jantar - carne estufada; bacalhau com arroz à brasileira
Sábado, almoço - caldeirada à fragateira
Sábado, jantar - carne estufada; bacalhau com arroz à brasileira; petingas com arroz
Domingo, almoço - galinha de cabidela; bacalhau com arroz à brasileira

Cervejaria
6º, jantar - arroz de marisco
Sábado, almoço - arroz de marisco
Sábado, jantar - ensopado de borrego
Domingo, almoço - moelas em tomate; iscas à portuguesa
Grelhados de Lisboa
Frango assado
Espetadas
Entremeada
Chouriço assado

Morceia assada
Hamburguers
Bifanas
Sandes
Cachorros
Sopa de feijão
Praça das Lojas:
Artesanato variado
Produtos agrícolas e vinhos
Quermesse
Pavilhão do colecionador

MADEIRA

Uma oportunidade para tomar contacto com a realidade e com a actividade dos comunistas da Região Autónoma da Madeira.

Gastronomia:

Espetada Regional
Carne de vinha de alhos
Bolo do caco
Sopa de trigo

Venda de Produtos Regionais

Vinho da Madeira
Poncha
Aguardentes Regionais
Licores Regionais
Bolo de mel
Broas de mel
Rebuçados de funcho
Rebuçados de S. João

Artesanato:

Vimes
Chapéus
Brinquinhos
Bonecos
Embutidos

PORTO

Os comunistas portugueses organizam uma exposição sobre a vida económica, social e política da região, num pavilhão que terá uma decoração alusiva a vários locais do distrito.

Gastronomia:

Porto - tripas à moda do Porto (no restaurante); pizzas, croissants e confeitaria (no bar)

Santo Tirso - arroz de frango de cabidela; bacalhau com grão

Penafiel - frango no churrasco e vinho da região

Amarante - presunto e salpicão; vinho verde

Maia - bolos de bacalhau com salada de feijão frade

Gondomar - sopa de nabos; chispalhada

Gaia - arroz amariscado

Matosinhos - feijoada de marisco

Valongo - sopa à mineiro; fêveras; presunto

Solar do Vinho do Porto

Artesanato:

Barcos rabelos e carros de bois em madeira
Barros de Santo Tirso
Sandálias de couro de Amarante
Filigranas de Gondomar
Bordados de Amarante
Rendas de bilros, mantas e camisolas da Póvoa e Vila do Conde
Móveis de Paredes

SANTARÉM

A região de Santarém estará representada neste stand, com material fotográfico e documental sobre os principais problemas e propostas do PCP e da CDU.

Gastronomia:

Sopa da pedra de Almeirim
Borrego à Ribatejana
Caldo Verde

Doçaria

Tigeladas de Abrantes
Pão de ló de Rio Maior

Bolos regionais de Torres Novas
Aguardentes velhas do Ribatejo
Vinho licoroso do Ribatejo

Artesanato:

Mantas de Minde
Barros de Santarém

SETÚBAL

Os problemas da Península de Setúbal, a actividade e as propostas do PCP para esta região em grande transformação vão estar representados neste espaço.

Gastronomia:

Restaurante de Sines

Caldeirada

Restaurante de Setúbal

Arroz de tamboril

Restaurante do Seixal

Enguias fritas

Ensopado de enguias

Restaurante da Moita

Frango no churrasco

Febras assadas

Marisqueira de Sesimbra

Mariscos

Tasca do Choco Frito

Choco frito

Tasca do Porco

Petiscos de porco

Tasca do Hamburger

Hamburger no pão

Cachorros - Barreiro

Esplanada

Lombinhos no pão

Venda de Produtos

Doçaria de Alcácer do Sal - Torrão

Moscatel de Setúbal

Tortas e outras especialidades de Azeitão

Artesanato:

Vestuário e outros artigos de pele de borrego de Grândola

Bonecos de pano e resina de Grândola

VIANA DO CASTELO

Decorado de forma a sugerir o ambiente de uma Adega Regional, este espaço oferece ainda uma exposição sobre a realidade social e económica da região.

Gastronomia:

Adega regional

Rojões à moda do Minho

com arroz seco

e salada de alface e tomate

Bacalhau frito (cura de Viana)

Pataniscas com arroz de feijão vermelho

Caldo verde

Sábado à noite e almoço de domingo :

Arroz de sarrabulho

à moda de Ponte de Lima

com carnes e enchidos da região

Petiscos:

Salpicão

Chouriço caseiro

«Sanguinha» cozida

Bacalhau frito

Pataniscas de bacalhau

Azeitonas de curtidreira caseira

Doçaria:

«Manjericos e doritas» de Viana

Pão de ló do Soajo

Doces de Arcos de Valdevez

e de Ponte da Barca

Doces de Romaria

Vinhos:

Vinho branco à pressão

de Ponte de Lima,

Ponte da Barca e Viana do Castelo

Engarrafados brancos de Alvarinho de Monção,

Loureiro de Ponte de Lima

e Ponte da Barca.

Secos de Ponte da Barca e de Viana do

Castelo

Tintos de Ponte da Barca e de Ponte de Lima

Artesanato:

Lenços regionais

Bordados de Viana

Socos e Changas de Paredes de Coura

Latoaria de Vila de Punhe

Rocas e fusos de Arcos de Valdevez

Linhos de Ponte da Barca

Barros Pintados de Moledo

Palmitos de Âncora

Edição de uma peça de colecção

Produtos:

Broa

Chouriço

Salpicão



Sanguinha

Vinhos engarrafados

VILA REAL

As posições dos comunistas e a principais propostas para o desenvolvimento da região são aqui o principal tema da exposição

Gastronomia:

Guizote de javali

Canelos

Salpicão

Caldo de cebola

Vinho da região

Cristas de Galo

Cavacórios

Moscatel de Favaiois

Aguardente

UISEU

A organização do Partido traz este ano à Festa uma exposição sobre as 14 propostas da CDU para o desenvolvimento do distrito.

Gastronomia

Restaurante «Pátio Beirão»

Sopa de cebola à moda de Viseu

Rojões à moda beirão

Grão cozido com bacalhau, como se come

em dias de feira

Vinhos regionais (Dão corrente, Terras do

Demo, Dão Udaca especial e de reserva)

Bar da Beira

Morceia beirão frita

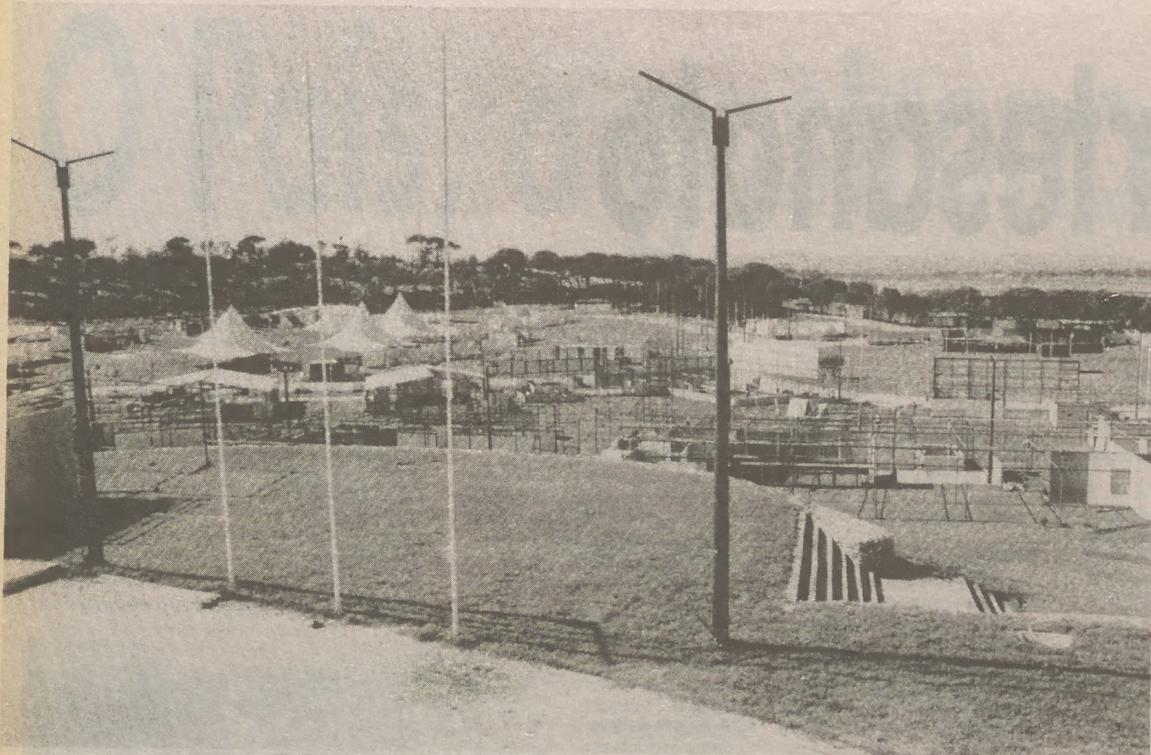
Chouriço caseiro cozido em vinho

Chouriço de javali

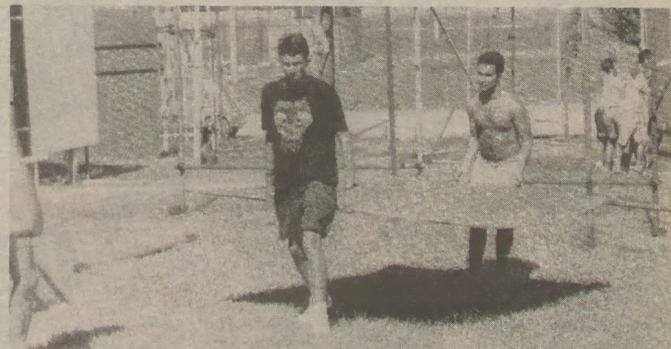
Bifanas

Punhetas de bacalhau





8 dias para que tudo fique pronto



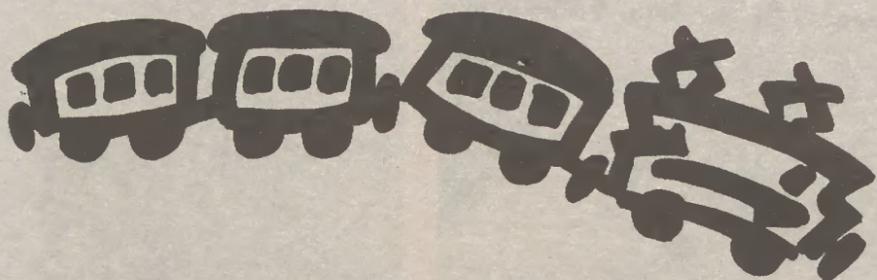
A uma semana da abertura da 19ª edição da Festa do «Avante!», os trabalhos no terreno avançam a bom ritmo sendo já possível ter neste momento uma ideia muito aproximada do seu aspecto final. Quem for à Atalaia até pode ficar com a impressão que a Festa está praticamente pronta. Contudo, não é bem assim. Muito há ainda por fazer ao nível dos acabamentos e decoração pelo que neste fim-de-semana todos os braços serão bem-vindos para ajudar a acabar a Festa.

Outra impressão que se colhe numa visita ao terreno é que a Festa está diferente... Muitas obras de melhoramento foram realizadas ao longo do ano e os resultados são agora visíveis.

Na encosta da Medideira surgiram novas plataformas que utilizam solipas de madeira e gabiões de pedra para suportar as terras. Trata-se da continuação de um projecto já iniciado no ano passado e que facilita a instalação dos pavilhões bem como a circulação dos visitantes.

Novos arruamentos com bom piso vieram valorizar a zona periférica junto à vedação, permitindo que os stands voltem para aí as suas fachadas. Mas talvez o que mais salta à vista é que tudo está verde, coberto de um grande e espesso tapete de relva fresca.





De comboio até à Atalaia

Um comboio de jovens partirá do norte do país até à Atalaia! Trata-se de uma iniciativa intitulada «Comboio Juventude CDU - Avante/95» que envolve jovens dos distritos do Porto,

Aveiro, Coimbra e Santarém. No primeiro dia da Festa, 1 de Setembro, este comboio inicia às dez e meia da manhã a sua viagem, partindo da Estação da Campanhã no

Porto e passando pelas seguintes estações: Gaia, Espinho, Ovar, Aveiro, Coimbra, Alfarelos, Entroncamento, Santarém, Santa Apolónia. A chegada está prevista para as

15 horas e em Lisboa vai haver autocarros que conduzirão estes jovens para a Atalaia. Na madrugada de domingo para segunda (duas da manhã é a hora marcada), faz-se

a viagem de regresso, que chegará ao Porto às seis horas da manhã. Os bilhetes estão à venda nos Centros de Trabalho do PCP e nas sedes da JCP.



Coleccionadores têm pavilhão

O espaço do colecionador volta a ser organizado na festa do «Avante!» e como habitualmente despertará o interesse de todos os que têm como passatempo a recolha de vários materiais. A semelhança dos anos anteriores,

este pavilhão funcionará no espaço da ORL, mas desta vez será alargado a uma nova experiência chamada «Alfarrabista». O Sector Centro Norte de Empresas de Lisboa, que dinamiza este pavilhão, apela às organizações e

amigos do Partido para que contribuam com materiais, os quais podem ser enviados para o Centro de Trabalho Vitória. Entre os materiais com interesse, o Sector sugere objectos com o símbolo do PCP, copos com marca, chávenas, cinzeiros,

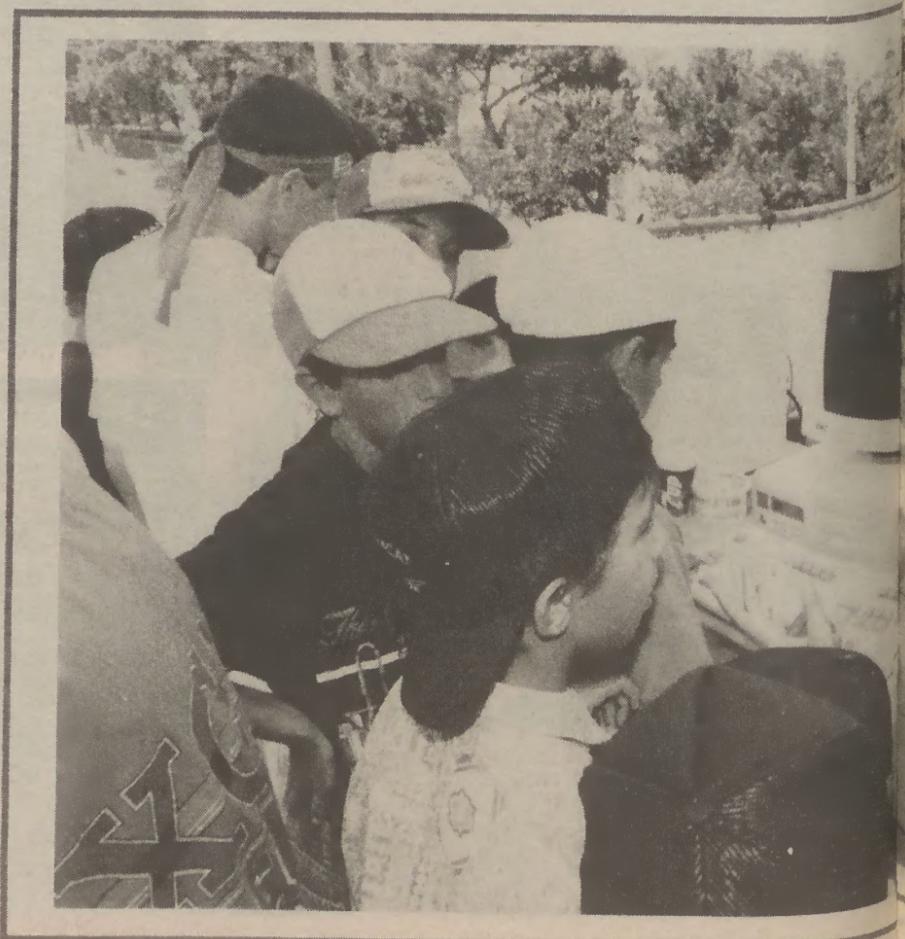
Pavilhão das Mulheres

No Pavilhão das Mulheres, habitualmente presente na Festa do Avante, os visitantes poderão encontrar um espaço de diálogo e esclarecimento, através da possibilidade de contacto com algumas candidatas da CDU. Lugar também para o convívio no local aprazível

proporcionado pelo já conhecido bar. Este ano, as exposições apresentadas tratarão das «Mulheres nas Eleições Legislativas e o compromisso da CDU com as Mulheres Portuguesas»; a importância da participação feminina e as propostas para alcançar a

igualdade de oportunidades e de direitos. Outro dos temas abordados será a contribuição feminina no Partido, para a luta geral dos trabalhadores, e a importância da adesão de mais mulheres ao PCP, como forma de acelerar a concretização da igualdade, de uma sociedade de progresso e da

justiça social. Como podem as mulheres contribuir para que a Paz seja uma realidade, para que palavras como bem-estar, progresso e fraternidade possam existir hoje em todo o mundo? E o que se pretende saber com outra exposição, «A Mulher, a Paz, a Solidariedade».



Juventude Tomar a iniciativa Contra o racismo

A oitava edição do concurso «Tomar a Iniciativa», depois de em anos anteriores ter por objecto temas tratados em torno da fotografia, cerâmica, pintura e outras formas de artes plásticas, é agora feita em torno de um concurso de cartazes submetidos ao tema «Contra o racismo e a xenofobia» que, conforme se diz num folheto de promoção, «constitui um espaço de criatividade, participação e diálogo entre

diferentes sensibilidades artísticas e simultaneamente, uma manifestação de combate a estes fenómenos». «É tempo de agir, é tempo de Tomar a Iniciativa» é o lema deste concurso, um apelo à criatividade dos jovens cujo resultado importa ir ver. Vamos todos lá... Diga-se que os interessados podem entregar os trabalhos até ao próximo dia 25 de Agosto, contactando para tal as sedes da JCP em Lisboa e Porto e as sedes do PCP em Coimbra, Setúbal e Faro, onde o regulamento está disponível. Também o «Avante!» do passado dia 20 de Julho publicou

esse regulamento. Serão atribuídos prémios em dinheiro aos três primeiros classificados, respectivamente de 60 mil escudos, 25 mil e 15 mil escudos. O vencedor verá ainda o seu cartaz editado a nível nacional.



JCP leva Timor para a Internet

A Juventude Comunista Portuguesa, aproveitando a realização da Festa do «Avante!», criou uma base de dados sobre Timor-Leste que está disponível na rede mundial de computadores ligados à Internet desde o dia 1 de Agosto. O endereço a procurar é este: WWW.TELEPAC.PT/JCP.

Esta base de dados, que estará disponível na Festa através de computadores instalados num pavilhão do Espaço da Juventude, está escrita em Português e Inglês e permite aos jovens que a consultem a obtenção de informação sobre Timor (geografia, passado colonial, invasão da Indonésia, resistência, violação dos direitos humanos, etc.). Quem quiser prestar o seu acto de solidariedade com o povo de Timor pode, através de envio automático, subscrever um apelo enviado directamente para as Nações Unidas.

Diga-se que o lançamento desta iniciativa decorreu no Festival Internacional de Juventude «Cuba Vive», realizado no fim de Julho. Nos computadores instalados no Espaço da Juventude estarão ainda disponíveis bases de dados onde se encontrará o Programa da Juventude CDU, o compromisso eleitoral com os jovens, os nomes dos candidatos jovens da CDU, sendo possível que venham a ser igualmente colocados na Internet, o que possibilitaria, a quem o desejasse durante este período, sem sair de casa, inscrever-se na JCP via computador.

Com o apoio TELEPAC e OLIDATA

Refira-se que esta iniciativa só foi possível graças à valiosa colaboração da TELEPAC e da OLIDATA PORTUGAL, SPA. A primeira dispôs-se a montar graciosamente o stand com acesso à rede da Internet e a segunda cedeu, também gratuitamente, 12 computadores pessoais OLIDATA DX2 (540 MG de disco e 8 MG de memória RAM, equipados com monitor policromático de 14" e placa Ethernet).

O serviço Internet, que conta hoje com cerca de 30 milhões de utilizadores, é de fácil consulta, dando a possibilidade de interligar texto e imagem, para além de abrir horizontes até agora praticamente desconhecidos, formados por bases de dados e documentos de carácter informativo com as mais variadas origens e destinos.

TELEPAC
SERVIÇOS DE TELECOMUNICAÇÕES, S.A.

OLIDATA
PORTUGAL

Solidariedade Internacional

O Espaço Internacional é o tradicional ponto de encontro e de solidariedade entre os visitantes da Festa e as forças políticas aí representadas.

Oriundas de todos os continentes, testemunharão nos seus stands, realidades políticas, económicas, sociais e culturais muito distintas.

Das representações presentes na nossa Festa, terão stands, pelo menos as seguintes: PC PAICV (Cabo Verde), PC da China, PC Columbiano, PT da Coreia, PC de Cuba, PC da Espanha, Partido dos Comunistas da Catalunha, PC Francês, PC da Grécia, Partido da Refundação Comunista (Itália), Frente da Libertação Nacional do

Kurdistão, PC Libanês, OLP (Palestina), PC Peruano, Frente Polisário, Comissão Nacional de Resistência Maubere, que já confirmaram a sua presença. Nos pavilhões do Espaço Internacional, para além do convívio e da informação

política, o visitante da Festa poderá adquirir lembranças e artesanato dos países aí representados. Poderá também saborear pratos tradicionais da China, Cuba e Cabo Verde em pequenos restaurantes, bem como provar a caipirinha

brasileira e os vinhos franceses nos stands do PT do Brasil e do PCF, respectivamente. No Palco da Solidariedade do Espaço Internacional haverá um intenso e variado programa, em que o debate político e os momentos de solidariedade,

com vários partidos convidados, será intercalado com animação cultural, contando-se com a participação de vários grupos musicais. Junto a este Palco, há uma exposição evocativa do 50º Aniversário da Vitória sobre o Nazi-Fascismo.

com vários partidos convidados, será intercalado com animação cultural, contando-se com a participação de vários grupos musicais. Junto a este Palco, há uma exposição evocativa do 50º Aniversário da Vitória sobre o Nazi-Fascismo.

Pioneiros

Para os visitantes mais novos da Festa, os Pioneiros de Portugal dedicam uma zona cheia de animação, este ano subordinada ao tema: «As crianças de todo o mundo». Neste espaço, os mais pequenitos poderão encontrar um grande número de actividades que lhe são dirigidas. Exemplos serão uma bonita e complicada gincana (que «mete água» e tudo!), um parque de brinquedos, ateliers de pintura e máscaras, um pequeno teatro de fantoches, animação de palco, uma biblioteca, o canto dos jogos, mesas de ping-pong, o «sai-sempre», bebidas frescas, e muitas outras coisas boas que até lá ainda poderão surgir.

Um espaço para a alegria e para todas as crianças lembrarem a amizade com todas as crianças do mundo.



caixas de todos os tipos, relógios antigos, chaves, isqueiros, emblemas, autocolantes, calendários (mesmo sindicais), medalhas, galhardetes, porta-chaves, frascos, miniaturas, livros antigos, posters, etc.



Mais de 1000 inscritos e 100 equipas
Atletas de renome
confirmam presença

Corrida é já um êxito

A Corrida da Festa do «Avante!» regista um afluxo crescente de inscrições, tendo atingido, à hora do fecho da nossa edição, o milhar de atletas e mais de uma centena equipas.

Confirmadas estão também as presenças de **Albertina Dias**, atleta do Maratona Clube da Maia; **Fernanda Marques**, do Maratona Clube de Portugal, e ex-atleta do Sporting Clube de Braga e do Sporting Clube de Portugal; **Carlos Móia**, presidente do Maratona Clube de Portugal e responsável pelas modalidades amadoras do Sport Lisboa e Benfica; e do prof. **Rafael Marques**, ex-atleta do SCP e treinador da equipa de meio fundo do Maratona Clube de Portugal.

Recorde-se que a partida será dada pelas 9.30 horas do dia 3 de Setembro, frente às bombas de gasolina perto do Campo da Amora. A meta será colocada junto a este recinto, que servirá ainda de local de concentração de atletas, antes da prova.

A corrida prevê sete diferentes escalões de atletas: Juniores,

masculinos e femininos, (nascidos em 1976/77); Seniores M/F (nascidos em 1975); Veteranas (com de 35 anos e mais); Veteranos I (de 40 a 44 anos); Veteranos II (de 45 a 49 anos); Veteranos III (de 50 a 54 anos); Veteranos IV (Com 55 anos e mais).

As inscrições são gratuitas e terminam no dia 25 de Agosto, devendo ser feitas para a **Corrida da Festa do Avante!, Av. António Serpa nº26, 2º Esq. - 1000 Lisboa. Tel. 793 09 73 - Fax 796 98 97.**

Em caso algum serão aceites inscrições no dia da prova. Os vencedores absolutos dos diversos escalões serão premiados com uma viagem turística à Madeira, com duração de três dias, com alojamento e pequeno almoço. As primeiras 15 equipas recebem taças ou troféus, assim como os primeiros quatro classificados de cada escalão. Até ao 1000º classificado serão entregues camisolas, tendo ainda direito a entrarem gratuitamente na Festa todos os atletas que terminarem a prova.



Albertina Dias vai participar na Corrida da Festa

Uma prova de prestígio

Personalidades conhecidas do mundo do desporto nacional continuam a manifestar o seu apreço pela Corrida da Festa, pela forma como é organizada e pela grande adesão de praticantes de todos níveis competitivos e escalões que todos os anos a ela aderem.

Bernardo Manuel

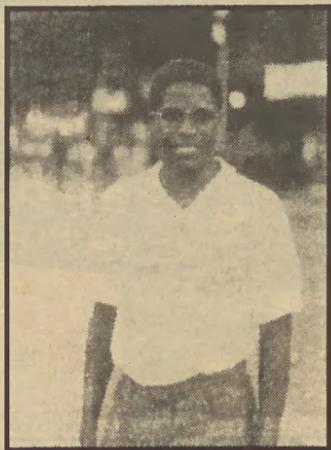
Prof. Educação Física
Treinador do meio fundo do SCP
Treinador Nacional do meio fundo da FPA

«O importante é chegar ao fim»

A Corrida da Festa do «Avante!» é uma iniciativa interessante que se enquadra no espírito da Festa e para além da massa humana que nela participa, tem contado com algumas figuras de destaque do atletismo nacional como a Albertina Dias.

Tenho pena de não poder dar o meu contributo como praticante, mas não tenho treinado.

Contudo, nas competições desta natureza o resultado desportivo é o menos importante, o mais importante é chegar ao fim.

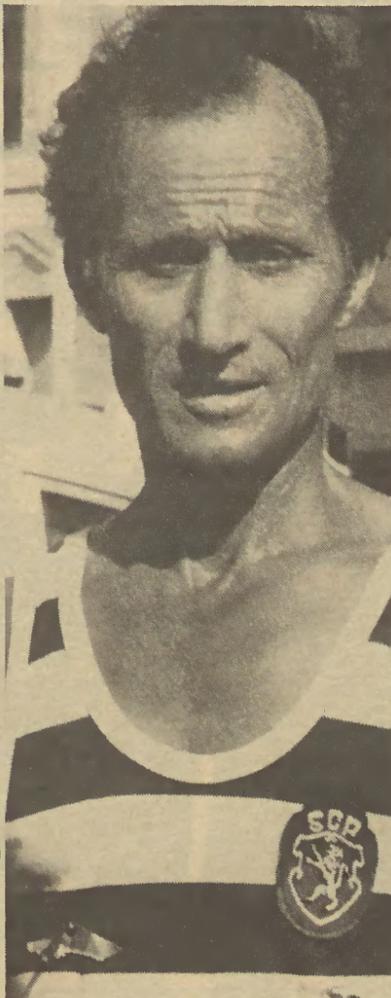


Armando Aldegalega

Atleta do SCP desde 1956
Obteve uma medalha de bronze nos 10 mil metros, nos campeonatos do mundiais de veteranos no passado dia 15 de Julho, em Buffalo, Nova Iorque

«Lá estarei»

Desde a primeira hora que tenho participado na Corrida da Festa do «Avante!». É com muito prazer e orgulho que irei estar presente numa das maiores manifestações desportivas que se realizam ao nível do desporto popular em Portugal desde o 25 de Abril. Na corrida do «Avante!», costumam participar atletas de todos os escalões etários, incluindo atletas de alta competição o que demonstra a boa organização que tem existido ao longo destes últimos anos. Prova que já ganhou a simpatia de milhares de atletas. Penso que provas desta natureza têm contribuído imenso para o crescimento e desenvolvimento do Atletismo Nacional. Dou os meus parabéns à organização pelo trabalho que tem desenvolvido ao longo destes anos todos. Uma grande abraço para todos e lá estarei no próximo dia 3.

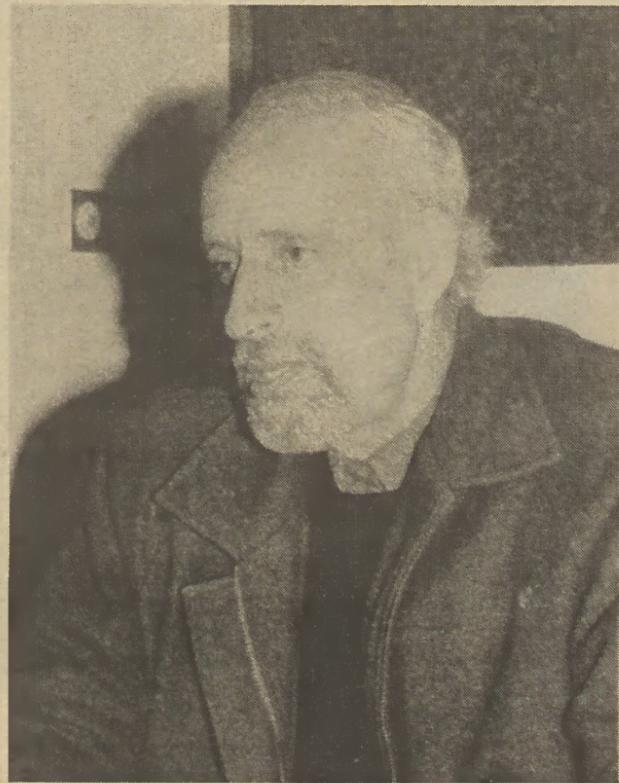


Prof. Melo de Carvalho

Inspector-geral no Ministério da Educação

«Iniciativa feliz»

Considero que a corrida da Festa do «Avante!» é uma iniciativa extremamente feliz no âmbito do desporto popular. Não tenho dúvidas que ela este ano constituirá um êxito idêntico aos dos anos anteriores e provavelmente até acrescido. Nas condições actuais em que o desporto está a ser levado à prática rodeado de interesses que lhes são alheios e que lhe desnaturam muitas vezes os seus objectivos e finalidades, a corrida do «Avante!» aparece como uma das poucas iniciativas que contraria esta situação e possibilita uma prática correcta, como é por nós concebida, do desporto.



Foi há oito anos

Foi há oito anos que se realizou a primeira edição da Corrida da Festa do Avante, que partiu da Quinta do Infantado, em Loures, para um percurso de 17 quilómetros, completado por cerca de 1200 atletas.

Desde o início que a esta prova se associaram nomes famosos do atletismo português, como se pode comprovar na foto que publicamos pela primeira vez e que ilustra um jantar-convívio promovido da Comissão da Corrida da Festa de 1988, ao qual aderiram vários atletas e outras personalidades.

Na iniciativa estiveram, entre muitos outros, o vencedor da edição desse ano, José Dias, o prof. Mário Machado, director da Revista Spiridom, e os ex-atletas internacionais do SBL, José Abreu, Cidália Caetano e Tavares da Silva, actual presidente da Associação de Atletismo de Lisboa, o prof. António Campos e também Maria Eugénia Varela Gomes e António Dias Lourenço.





COMÍCIO

3 de Setembro '95 - 17 horas

Festa Avante!

INTERVENÇÕES:

Carlos Carvalho

Secretário-Geral do PCP

Álvaro Cunhal

Presidente do Conselho Nacional do PCP

Carlos Brito

Director do Jornal «Avante!»

Bernardino Soares

Direcção Nacional da JCP

CONCENTRAÇÕES DESFILE - 16.30 H

Setúbal/Porto/Santarém

(Av. da Liberdade - junto a Santarém)

Lisboa/Alentejo

(Rua da Democracia - junto a Lisboa)

Juventude

(Rua da Solidariedade - junto ao Espaço Internacional)

Outras Organizações

(Início da Rua 1º de Maio - junto a Aveiro)

ACTO DE ABERTURA

com **Carlos Carvalho**

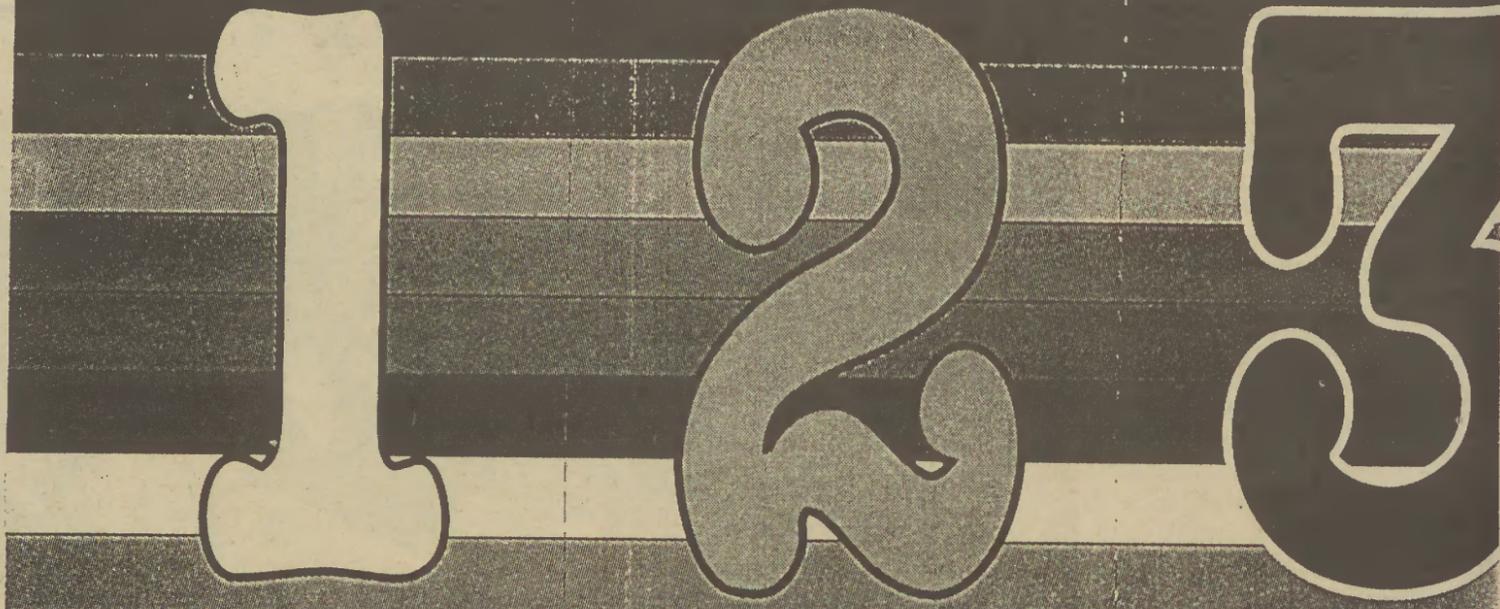
6ª Feira - 19 horas
na Praça da Paz

A EP está à venda!

Entrada - SEXTA

Entrada - SÁBADO

Entrada - DOM



Festa Avante!

Festa Avante!



Festa Avante!



Carlos Carvalhas na apresentação do Programa

Uma nova política

Uma política de esquerda

O secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, apresentou na passada quinta-feira, no Espaço Vitória, em Lisboa, o Programa Eleitoral do PCP. A sala foi pequena para a numerosa assistência - jornalistas, vários candidatos comunistas e seus aliados na CDU, dirigentes do Partido. Lá se encontravam Luís Sá e Octávio Teixeira, cabeças de lista por Lisboa e Setúbal, Agostinho Lopes, José Casanova, Vítor Dias e Edgar Correia, também membros da Comissão Política. Entre os presentes, contavam-se destacados quadros comunistas que desenvolvem a sua actividade no sindicalismo e no poder local. E personalidades independentes que apoiam a CDU. Carlos Carvalhas proferiu, na ocasião, o discurso que publicamos na íntegra, com subtítulos da responsabilidade da Redacção.

Apresentamos hoje ao país o Programa Eleitoral do PCP para as eleições da Assembleia da República de 1 de Outubro próximo.

E como primeiro partido a fazê-lo, gostaríamos de sublinhar quanto a nossa iniciativa de hoje é uma contribuição para que o debate se centre no essencial sobre as diversas propostas, soluções e projectos, sobre as reais alternativas, sobre a possibilidade, necessidade e a urgência de se concretizar uma nova política. E reafirmamos que é para que a vida dos portugueses possa mudar para melhor que o PCP coloca no centro do debate eleitoral a luta por uma nova política, inspirada por valores de esquerda, que respeite e valorize quem trabalha, que coloque a criação de empregos e a melhoria das condições de vida do povo como grande objectivo da política económica, que veja nos direitos sociais um factor essencial do desenvolvimento e uma conquista inalienável da dignidade da pessoa humana, que conjugue o crescimento e o progresso material com a defesa do ambiente e da qualidade de vida, que aposte na defesa e moder-

nização do aparelho produtivo nacional, em nome do presente e do futuro de Portugal.

Marcar a diferença

Esta apresentação marca também a diferença em relação ao que até agora tem sido, no essencial, a postura das outras forças políticas, durante a prolongada pré-campanha eleitoral que o país tem vindo a viver.

Nós temos repetidamente manifestado contra a tendência que vem prevalecendo da "política-espectáculo". E que tende a substituir por uma constante encenação mediática e por acirramentos de tipo clubista, aquilo que deveria constituir a substância da vida política - o verdadeiro debate dos problemas e das ideias, o confronto democrático das posições e das propostas, cuja adequação e mérito o país deveria estar em condições de julgar de forma esclarecida no dia das eleições.

Nós não iremos por aí.

A gravidade da situação que o PSD deixa em herança ao país e os sérios problemas que se perfilam no horizonte dos próximos anos, indicam claramente que a esperança de uma real mudança na vida nacional exige muitíssimo mais do que meros retoques, adaptações ou "nuances" na política que o país tem vindo a sofrer. E que é chegada a hora de uma corajosa e assumida ruptura com os objectivos fundamentais, as concepções e os métodos da política de direita.

Por isso, o PCP tem vindo a salientar que a perspectiva de uma viragem democrática subsequente às eleições legislativas de Outubro, envolve de forma conjunta a questão do poder democrático e a indispensável concretização de uma nova política.

Por isso, também, temos sublinhado a evidência de que qualquer alteração de responsáveis governativos que não fosse acompanhada por uma efectiva alteração das principais orientações políticas, não só não permitiria alterar o presente estado de coisas, como defraudaria a aspiração nacional a uma real mudança de política.

Ao apresentar o seu Programa Eleitoral, que integra um conjunto de propostas políticas fundamentais e de compromissos relativos à acção política geral e à intervenção durante a próxima legislatura, anima o PCP o propósito de afirmar perante o país a existência de uma política alternativa, uma política naci-

onal e de esquerda, capaz de alcançar a efectiva modernização e o desenvolvimento acelerado do país. E de convocar as energias das portuguesas e dos portugueses para o reforço eleitoral da CDU e para a derrota da direita e da sua política, como passo decisivo para a concretização de uma viragem democrática na situação nacional.

Como é sublinhado no próprio Programa Eleitoral, o PCP não se coloca numa perspectiva de redutora simplificação dos velhos e novos problemas, e dos desafios com que Portugal está confrontado. Nem tem a pretensão de dispor sozinho de resposta para todas as dificuldades.

Portugal numa encruzilhada

Portugal encontra-se verdadeiramente perante uma encruzilhada. Se o país continuar na via da política de direita, como a que tem vindo a ser seguida, não constituirá surpresa o agravamento dos problemas sociais, nem a acentuação das vulnerabilidades e atrasos estruturais e novas cedências de soberania, que significarão irremediavelmente a subalternização nacional.

Se, como apontamos e defendemos, Portugal seguir o rumo de uma nova política, de uma política nacional e de esquerda, que protagonize a defesa dos interesses de Portugal, então será possível vencer os problemas e desafios do desenvolvimento económico e social, aproveitar os recursos e potencialidades, fomentar o emprego e o crescimento económico, alcançar uma mais justa distribuição da riqueza e garantir os direitos dos portugueses.

Não afirmamos esta possibilidade e perspectiva de uma nova política, de ânimo leve.

Conhecemos bem a herança do PSD, o atraso socioeconómico do país e a degradação acentuada da situação social. A destruição e desorganização do sector produtivo; o aumento crescente do desemprego e do trabalho precário; o crescimento das injustiças e desigualdades sociais; a erosão do poder de compra dos salários, rendimentos dos agricultores, pensões e reformas; o empobrecimento e desertificação do interior do país; o aumento das dificuldades das pequenas e médias empresas; o alastramento da corrupção e do clientelismo.

Contrariando e desmentindo a propaganda dos governos do PSD, Portugal continua na cauda da Europa, sendo particularmente inquietante o facto dessa distância não ter cessado de

